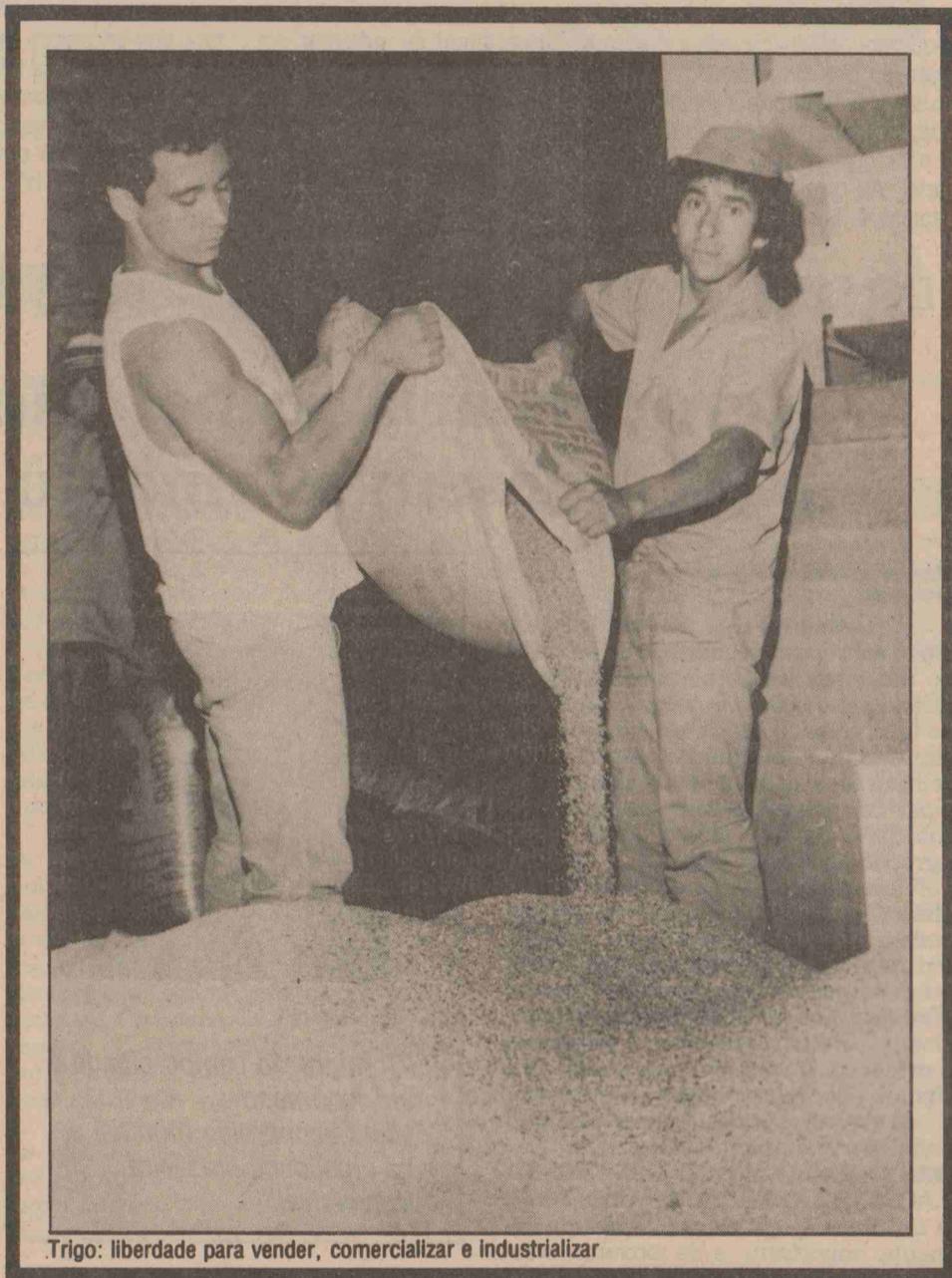




## TRIGO



Trigo: liberdade para vender, comercializar e industrializar

# DECISÃO CERTA, NA HORA ERRADA

*Governo pula fora de um mercado do qual foi dono absoluto por mais de 20 anos, numa hora imprópria, deixando produtores, lideranças do setor e indústria em pé de guerra — 4 a 6*

**COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161  
CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCR nº 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre — Av. Júlio de Castilhos, 342  
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 - Telex 5111102 CTXT

Rio Grande — Terminal Granelero - 4ª Seção da Barra -  
CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito — BR-293 - Km 237 - CEP 96450 -  
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

Campana (MS) — Rua Ceará, 2245 - Vila Célia -  
CEP 79040 - Fone (067) 382-5048 - Telex 672247 CRTS

**SUBSIDIÁRIAS**

— **Cotrijournal Cia de Comércio Internacional**  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030  
- Fone (0512) 28-3155 - Telex 5111102 CTXT

— **Cotrijournal Corretora de Seguros Ltda**  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030  
- Fone (0512) 21-0809 - Telex 5111102 CTXT

— **Cotrijournal Processamento de Dados Ltda.**  
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— **Transcooper - Serviços de Transportes Ltda**  
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 - Fone (067) 421-3815  
- Telex 674102 TSCO

— **IRFA - Instituto Riograndense de Febra Afosa Ltda**  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS -  
CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS  
- Hospital Bom Pastor S/A  
Av. David José Martins, 1376 - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

**ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:**  
Oswaldo Olimiro Meotti

**Vice-presidente/Pioneira:**  
Celso Bolívar Sperotto

**Superintendente/Pioneira:**  
Walter Frantz

**Vice-presidente/Dom Pedrito:**  
Oscar Vicente Silva

**Vice-presidente/MS:**  
Nedy Rodrigues Borges

**Superintendente/MS:**  
Lotário Beckert

**Conselho de Administração (Eletivos):**  
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz,  
Felix Gotardo, José Ataides Conceição, José Jorge Rieth de  
Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar  
Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio  
Stefanello, Paulino Stralioatto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo  
Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

**Suplentes:**

Onorido Zangiorami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk,  
Enor Carmel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair  
Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio  
Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da  
Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido  
de Godoy Dias e Florício Barreto.

**Conselho Fiscal (Eletivos):**

Amário Becker, Valdeci Oli Martinelli e Otalíz de Vargas Montardo

**Suplentes:**

Ervin Egon Preissler, Ivo José Basso e Alvorí Rosa

**Diretores contratados:**

Vilmar Hendoes e Léo José Goi

**LOJAS COTRIJUI**

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

**CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM**

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

**Associado da ABERJE**

**REDAÇÃO**

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora;  
Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo,  
Porto Alegre; Rosane Henn, Campo  
Grande e Lucilene Zafalon, Rio Grande

**REVISOR**

Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa  
Solna, na "A Tribuna Regional",  
Santo Ângelo/RS.

O trigo começa a se desatrelar das amarras da estatização. Isso porque o governo decidiu pôr um fim a uma situação que, ao longo de seus 23 anos de existência, consumiu elevados subsídios e concentrou a atividade moageira nas mãos de poucos grupos, estabelecendo o polêmico cartel do trigo. Ao dar um fim ao monopólio do trigo e estabelecer liberdade de comercialização e industrialização, o governo está se afastando oficialmente de uma situação que vinha gerenciando sozinho e muito oportuna a determinados grupos. De agora em diante, o produtor está livre para vender a sua produção para quem bem entender. O governo está fora de qualquer negociação. No mesmo caminho a indústria. Acabou o cartel dos 179 grupos moageiros do país. Mas ao dar um fim ao decreto-lei de nº 210, de 27 de fevereiro de 1967 e que ratificava a compra estatal iniciada em 1962, o governo conseguiu meter a mão num ninho de abelhas. As picadas estão aparecendo de todos os lados: produtores, lideranças do setor e indústria. Os produtores estão assustados com o ato de terem de enfrentar um mercado que desconhecem e do qual não têm prática. As lideranças do setor temem pela operacionalidade do processo e a indústria não quer perder uma fatia gorda desse bolo que pertencia a poucos. E para colocar gelo na fervura, já anunciam a formação de novo cartel. As opiniões da indústria e das lideranças do setor estão nas páginas 4, 5 e 6.

A entrevista com o candidato Tarso Genro, da Frente — PT, PSB e PCB — encerra a série de entrevistas com todos os candidatos ao governo do Rio Grande do Sul. A proposta do Cotrijournal ao publicar entrevistas com dados ao governo do Estado, era a de levar até o leitor da Cotrijuí, os programas e as idéias de cada um dos candidatos ao cargo. A apresentação dos candidatos e seus respectivos programas, ocorreu através de sorteio feito na redação do Cotrijournal. De acordo com o sorteio, Alceu Collares, candidato do Progressista Gaúcha — PDT, PSDB e PC do B —, foi o candidato apresentado. O candidato da União por um Novo Rio Grande — PDS, PFI e PRN —, Nelson Marchezan segundo a ordem no Cotrijournal e José Fogaça, pelo PMDB, o terceiro colocado na linha, estamos abrindo espaço para os candidatos a deputado estadual e federal que estão sendo indicados pelo sistema cooperativista. Os candidatos, em número de 55 foram convidados pela Cotrijournal para os encontros, a se deslocarem até o interior, para conversar com os produtores e lideranças, sobre suas idéias e propostas para o cooperativismo. Em Ijuí, o Fórum Eleições 1994, no final do mês de agosto. O pensamento dos candidatos e o programa de governo de Tarso Genro estão nas páginas 13, 14, 15, 16 e 17.

DO LEITOR

**Agropecuária: papel fundamental para o desenvolvimento**

Manoel Luzardo de Almeida

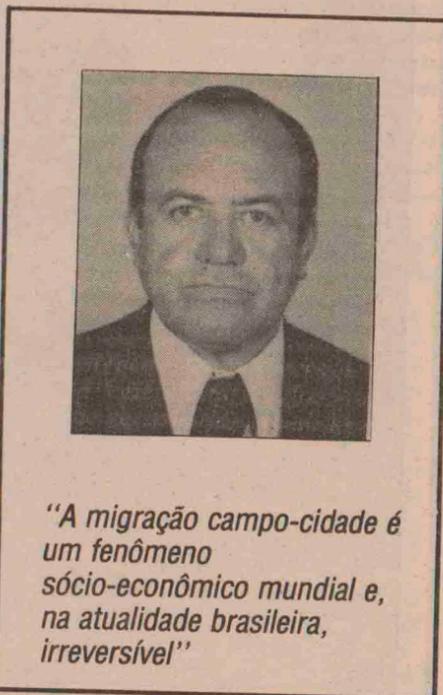
Convenço-me, sempre que escrevo sobre agropecuária, que se trata de um tema ainda pouco debatido, e quando isso ocorre é mais sob o efeito de uma crise ou até de uma catástrofe. Aqueles que dominam o assunto nem sempre se dispõem a provocar ou participar dos debates, esclarecendo, de forma convincente, o grande papel que a agropecuária desempenha no desenvolvimento econômico do país. Venho observando isso de longa data, por experiência em trabalhos desenvolvidos em reuniões informais, muitas vezes, para não falar nos encontros que se efetivam nos próprios congressos nacionais. Dentro dessa ótica é que passo a comentar a matéria, procurando um tipo de abordagem que torne transparente alguns aspectos que não têm sido suficientemente analisados.

**DAS CONSEQUÊNCIAS DA POPULAÇÃO RARÉFEITA NO CAMPO —**

A influência populacional é particularmente importante e de extrema relevância em nosso país. De um lado, é necessário considerar a mudança estrutural provocada pela grande concentração humana nas cidades, a ponto de as previsões indicarem que para o ano 2000 somente 17 por cento da população brasileira viverão em áreas rurais. Isto tem, sim, implicações imediatas na agropecuária, do que cabe alguns comentários.

A migração campo-cidade é um fenômeno sócio-econômico mundial e, na atualidade brasileira, irreversível. Em consequência haverá mais exigência de tecnologia no campo, aumento quantitativo de máquinas e implementos; por sua vez, maiores investimentos; mão-de-obra qualificada, o que é ainda um sério problema brasileiro difícil de superar a curto prazo, considerando-se o elevado grau de analfabetismo no meio rural; mudanças de hábitos também no campo, por força da pressão que a comunicação de massa exerce num universo cada vez mais abrangente, inclusive sob os efeitos do "marketing" rural.

**POLÍTICA DE PREFERÊNCIA DE MERCADOS** — Outro tema que somente passa a ser discutido quando o



*"A migração campo-cidade é um fenômeno sócio-econômico mundial e, na atualidade brasileira, irreversível"*

problema afeta a produção do homem do campo. Refiro-me às mudanças que ocorrem, com tanta freqüência, nos rumos da política agrícola, ora pelas medidas que preferenciam o estímulo às exportações, ora quando tudo se volta para os produtos do mercado interno. Pior ainda, isso ocorre, com tanta freqüência, repetimos, já no pleno curso de uma safra em comercialização, quer por medidas de política cambial, quer, para o mercado interno, quando o governo estabelece discriminação ao produtor nacional, penalizando-o com as importações de produtos agropecuários, retirando qualquer espécie de gravames, impostos e taxas, do produto estrangeiro, enquanto o nacional continua penalizado com elevada carga tributária.

Efetivamente, por ausência de uma legislação de política agrícola, o nosso país continua ao sabor de diretrizes conjunturais, vale dizer, segundo ocorrem as necessidades. Pior ainda é que até agora não existe uma política agrícola definida.

**PAÍSES DESENVOLVIDOS SUBSIDIANDO A AGROPECUÁRIA** — Há muito que a agricultura brasileira deixou de ser subsidiada, sob a acusação de que os produtores eram os causadores da inflação. Problema da inflação, ficou comprovado que tinha outras causas, porém a agricultura continuou sendo o "vilão" da história.

Enquanto isso, importantes setores agrícolas do Primeiro Mundo continuam subsidiando sua agricultura. Um exemplo dos Estados Unidos, que da dispendem, anualmente, 30 bilhões de dólares, sendo que em 89, bilhões de recursos do Tesouro Americano foram gastos 20 bilhões com a agricultura; os países do Mercado Comum europeu subsidiam inclusive exportações agrícolas, para que se tornem competitivas mundialmente.

O Brasil, país fornecedor de alimentos, ainda sofre, sob diversos aspectos, os efeitos do sistema contencioso ora pelo regime dos contingentes, ora devido a proibição absoluta de exportações, do que a nossa economia é riquíssima em exemplos.

Mas, apesar disso, existem setores da produção agrícola que continuam, de forma irreversível, o seu compromisso social. A crescente população basicamente das cidades julga-se livre de pleitear abundância de produção de alimentos e constância de preços acessíveis e estáveis. Contudo, o custo de massa de consumidores ignora os fatores adversos que cobram custos econômicos, alguns totalmente inaceitáveis economicamente.

Afirmamos no início deste mês de setembro, que a matéria é complexa e deve, em função disso, continuar sendo recendo mais debates e novas análises para que o noticiário seja mais no dia-a-dia chegue mais esclarecido pelos números e o crivo dos especializados comentaristas que dominam estes temas e possam, dessa forma, ajudar a avaliar o próprio desempenho da nossa agropecuária.

Manoel Luzardo de Almeida, professor universitário e Assessor Econômico da Farsul

## Exposição-Feira Agropecuária

As programações do Centro de Exposições, IV Expo-Ijuí, IV Fena-Expo, acontece também a VII Exposição Agropecuária de 11 a 22 de maio. A VII Exposição-Feira Agropecuária Regional Assis Brasil tem a seguinte programação: dia 11, entrada dos animais no Parque e julgamento de admissão; dia 12, entrada dos animais e julgamento e classificação; dia 13, gado de corte, gado leiteiro e ovinos; dia 14, desfile e entrega de prêmios; dia 15, entrega de prêmios e no dia 22 a entrega de prêmios aos vencedores.

A promoção do Sindicato Rural de Ijuí, Secretaria da Agricultura, Prefeitura Municipal e Prefeitura de Terneiro, a II Feira da Vacinação e a II Feira da Vaquilha acontecerá no dia 27 próximo.

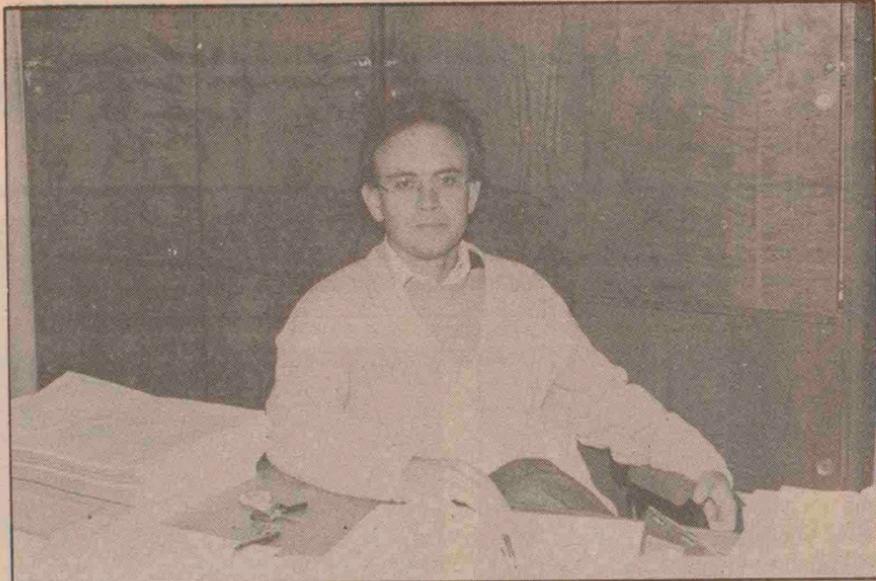
## TRIGO/MS

### A pior safra da história

Quando ocorreram as fortes geadas em julho, técnicos e produtores sabiam que eles causariam estragos à cultura do trigo, mas a quantificação das perdas, neste momento, difícil de ser feita, pois os prejuízos só poderão ser constatados mais tarde. A grande parte da lavoura não pode verificar que as perdas foram enormes, frustrando mais a expectativa do produtor, que vem nos últimos tempos sofrendo por maus bocados na safra.

Com o início da safra, quando estimado o plantio dos 165.700 hectares de trigo, a produção esperada era de em torno de 300 mil toneladas, mas hoje estima-se um recuo em toda Regional, inferior a 100 toneladas. O grande vilão foi o clima, com as geadas e o período crítico do desenvolvimento do grão. Mas o ataque das doenças em algumas regiões, principalmente de brusone - e o excesso de chuvas na época da colheita também contribuíram para essa queda drástica. A precipitação pluviométrica durante agosto em Dourados, por exemplo, que é a maior produtora do cereal, foi de 75 milímetros superior às médias tradicionais registradas nesta época, o que atrapalhou justamente a safra estava quase toda pronta para ser colhida, além de ter havido uma diminuição ainda maior na produtividade do trigo.

Provavelmente em toda história recente no estado, onde se planta trigo desde a década de 70, nunca houve uma safra tão ruim. Aliado a isso há um outro fator agravante: o veto pelo governo, que apesar de reconhecer as reivindicações de produtores cooperativas: se mostrou irreconhecível quanto a uma melhor remuneração pelo produto.



Argemiro Luís Brum, com informações mensais do Mercado Comum Europeu... para os associados da Cotrijuí e leitores do Cotrijornal

ARGEMIRO LUÍS BRUM

## Seis anos de Cotrijornal

Seis anos. Este é o tempo em que o professor da Fidenel/Unijuí, Argemiro Luís Brum vem atuando como observador da Cotrijuí e do Cotrijornal junto ao Mercado Comum Europeu. Argemiro Luís Brum começou exatamente no mês de setembro de 1984, fazendo uma análise do que ocorre do outro lado do Oceano Atlântico, o primeiro artigo publicado pelo Cotrijornal assinado pelo articulista. Além de professor, Argemiro é doutor pela Ecole des Hautes en Sciences de Paris, França e também representante da Fecotri-go e Unicoop. Desde o mês de abril, passou a desempenhar a função de analista de mercado também para o Jornal O Interior, da Fecotri-go.

Para o Argemiro, este exercício de atuar como articulista do Cotrijornal ao longo destes seis anos, representou a perseguição de dois objetivos: o de informar e analisar os acontecimentos da economia agropecuária internacional, procurando dar ênfase ao caso da Comunidade Econômica Européia. "Consciente de que a posse de informações é uma das principais armas existentes hoje no mundo, procurei em todo esse tempo transmitir aquilo que, do meu ponto de vista, seria uma informação útil e que fugisse ao lugar comum. Mas entendo que obter e transmitir a informação é apenas um

passo do processo".  
"transmitir a informação é apenas um passo do processo".

Como segundo passo coloca a questão da análise da informação, "a fim de que a mesma possa ser atual dentro do contexto global da evolução econômica, política e social do mundo", reforça, considerando este passo como fundamental, principalmente se o objetivo é tornar a informação um instrumento de utilidade pública. Ao não buscar a facilidade de apenas informar, Argemiro se condicionou ao grande desafio que a cada mês se renova: o de analisar a informação dentro de um contexto mais amplo a fim de possibilitar ao leitor o acesso a um maior número de elementos que o permitam avançar. "Afinal, uma informação deve, antes de tudo, ser aproveitada para que seja socialmente válida", observa. Assim como procurei tirar o máximo de privilégio de viver num dos centros do mundo econômico mundial, que é a Europa, também procurei dividir esse privilégio com os leitores do Cotrijornal, diz ainda, mantendo o objetivo de continuar neste caminho. "Espero com isto não estar apenas preenchendo um espaço no jornal, mas sim oportunizando, a quem desejar, um instrumento útil para a sua formação pessoal", coloca o analista como um desafio.

## A Cotrijuí na Expointer

Local de encontros importantes, para negócios ou confraternização, o estande da Cotrijuí, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, fica mais procurado a cada ano que passa. Durante a realização da Expointer/90 o local voltou a ser cenário de importantes contatos entre ruralistas, expositores, todos recepcionados nos padrões da cortesia da Cotrijuí, que já se tornou uma tradição.

Na mais recente amostra no Parque Assis Brasil, encerrada no dia dois do corrente, não foi diferente. O pessoal encarregado da recepção teve de dobrar-se no atendimento aos visitantes e convidados. Teve convidados que foram recepcionados até a madrugada. Durante o dia a movimentação no interior do estande chega a ser festiva, com a presença de muitas famílias que levam os filhos para receberem conhecimentos práticos de agricultura, horticultura, fruticultura e atividades afins.

Os aquários com peixes são os



O secretário da Agricultura, Marcos Palombini... recepcionado no estande da Cotrijuí

que mais atraem a curiosidade do público, e principalmente das crianças. Fazem parte do Programa de Piscicultura da cooperativa, que hoje lota elevado número de açudes na região Noroeste do Estado.

O secretário da Agricultura, Marcos Palombini, foi recepcionado com jantar, pelo presidente Oswaldo Olmiro Meotti, onde o prato principal foi constituído de peixes vindos de Ijuí, criados nos açudes do Centro de Treinamento Cotrijuí.

## FRASES

"O governo está tirando do ar um órgão que nunca deixou faltar um quilo de trigo no mercado."

A frase é do diretor presidente do Grupo da Cotrijuí, Oswaldo Meotti e refere-se a extinção do Ctrin, órgão do Banco do Brasil responsável pela comercialização do trigo.

"Os moinhos coloniais pertencem ao passado. Estamos agora na era da tecnologia."

Lourenço Furian, um dos proprietários do Moinho Furian, de Pejuçara, criticando a possibilidade de volta dos Moinhos Coloniais a partir do fim do monopólio da compra do trigo



Os peixes da Cotrijuí  
Atração em Esteio

## Peixes, uma atração à parte

Um dos atrativos mais fortes do estande da Cotrijuí no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, a cada nova Expointer, é representado pelos aquários das diversas espécies de peixes, levados do Centro de Treinamento - CTC. São espécies Carpa Espelho, Nilótica, Pacu, Carpa Capim, Jundiá, entre outras, aclimatadas à região, de boa carne e elevada produtividade.

São centenas de visitantes que procuram nosso estande, a cada ano, sempre na busca de novidades relacionadas com a terra e seus elementos. As crianças são as que mais se emocionam diante dos aquários povoados de peixe. Na foto, dois exemplares da espécie Carpa Capim, dos peixes de carne mais saborosa que vêm sendo criados nos açudes da região Noroeste do Estado, por estímulo e disseminação técnica da Cotrijuí.

## Um dia de protesto

Os trabalhadores rurais aposentados se reúnem, em ato público, no próximo dia 27, em Porto Alegre, para protestar contra a atitude do governo de vetar o projeto de Previdência Social. Com o veto do presidente Collor, os trabalhadores rurais aposentados vão continuar recebendo apenas meio salário mínimo - Cr\$ 3.028,15 - por mês e a partir de uma aposentadoria que só chega aos 65 anos de idade. O ato público, que está sendo chamado de "Dia Estadual do Protesto", está sendo coordenado pela Fetag. Uma nota assinada pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Júlio Gabbi, vem reforçar esse descontentamento, classificando a atitude de "injusta." "É mais uma injustiça que se lança contra os que trabalham e produzem", denuncia a nota do STRI.



# Na hora errada

Governo põe fim ao monopólio do trigo, tornando livre a comercialização e a industrialização do cereal em todo o País. A privatização já vinha sendo estudada há algum tempo, mas a medida pegou as lideranças do setor desprevenidas. O alvoroço está feito.

O setor tritícola do País está em pé de guerra. E tudo porque Decreto-lei de nº 210, de 27 de fevereiro de 1967 e que ratificava a compra estatal instituída em 1962, começa a ser definitivamente enterrado. De agora em diante, o produtor vai poder vender o seu trigo para quem bem entender. Essa liberdade também se estende às indústrias. Mas a queixa dos triticultores não deixa de ter fundamento e até justifica o alvoroço instalado na medida em que o governo vinha prometendo uma coisa, mas aprontou outra. "Não somos contra a privatização", deixa claro Oswaldo Meotti, diretor presidente da Cotrijuí, para quem o assunto já vinha sendo discutido com a concordância do setor.

A discordância do presidente da Cotrijuí tem a ver com a forma como o governo começa a questão da privatização, quebrando, de saída, um trato que havia feito e pelo qual prometia que o fim do monopólio do trigo só aconteceria a partir da safra/91. "Estava acertado que a safra deste ano, plantada dentro das regras de comercialização estatal, não seria atingida pela liberdade de mercado," destaca o economista. Entende que essa seria uma decisão sensata a ser tomada, pois permitiria que tanto produtores como cooperativas e indústria pudessem se programar para enfrentar, daqui um ano, uma nova situação. "Mas o governo, às vésperas de uma nova colheita e à beira de uma safra normal, puxa a escada, deixando o produtor numa situação difícilíssima," lamenta.

**RETÓRICA** - Para Meotti, além de ter quebrado o trato, o governo está reduzindo as cotas destinadas aos moageiros gaúchos e congelando os preços da farinha. Dar AGFs para os minis e pequenos produtores e EGs para os grandes, não passa, na sua opinião, de mais uma retórica do governo. "É mais uma promessa que não vai ser cumprida", desafia o presidente da cooperativa, avançando um pouco mais em suas críticas e citando a ausência de recursos para o custeio das lavouras de verão como exemplo de que o governo continua pecando pela falta de credibilidade. "O país está sendo gerenciado por tecnocratas que nada entendem da problemática do trigo", crítica.

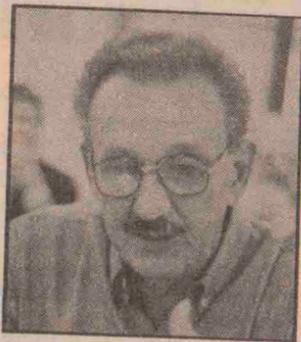
Ao questionar a maneira como vem ocorrendo a privatização da comercialização do trigo, Meotti levanta alguns pontos que considera preocupantes e que podem resultar num desastre para a triticultura gaúcha e em sérios problemas de abastecimento interno. Trigo vai ter de sobra. Também não é neste ponto que Meotti coloca o Calcanhar de Aquiles da questão. É na ponta final e está relacionada com um provável desaparecimento da farinha do mercado. As suas preocupações estão baseadas justamente nas afirmações dos próprios moinhos que, desde agora já estão avisando que, sem ajuste no preço da farinha, pretendem se limitar ao esmagamento da cota oficial que receberão do governo até o final do ano. Diante desta perspectiva, Meotti não vê outra alternativa, senão usar este excedente da produção de trigo gaúcho como forrageiras para o consumo animal.

**NECESSIDADES** - O diretor presidente da Cotrijuí coloca esta alternativa como saída, porque não vê nenhuma possibilidade de que os moageiros de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo,

Oswaldo Meotti  
Trato desfeito



Nilo Fensterseifer  
Na expectativa



venham se abastecer com o trigo gaúcho. "É mais provável que procurem o trigo do Paraná. Ou então o trigo importado dos Estados Unidos, Canadá ou Argentina, que é de melhor qualidade. Se a privatização saísse dentro do acordo estabelecido pelo governo, o Rio Grande do Sul iria produzir, a partir da próxima safra, apenas as 700/800 mil toneladas necessárias para o seu consumo. "Não vamos ter outra safra senão destinar essa produção para o consumo animal", lamenta sem poupar críticas ao governo pela situação que poderá ser criada e que será agravada com a entrada da produção da nova safra. "As aves, o gado de leite e os suínos vão comer trigo, enquanto o Nordeste vai voltar a comer rapadura e farinha de mandioca como fazia alguns anos atrás", diz considerando lamentável que um país como o Brasil, esteja produzindo comida para o consumo animal.

A privatização do trigo em meio a uma safra plantada, a ausência para a lavoura de verão representam, segundo Meotti, a falta de interesse do governo para com a agricultura brasileira. Se nesse ano se reduziu de 70 para 60 milhões de toneladas a produção de grãos do país, para o próximo dificilmente chegaremos a 50", desafia lamentando ainda a decisão do governo de extinguir o Ctrin. "O governo está tirando do ar um órgão que nunca deixou faltar um quilo de trigo para a indústria durante 23 anos", diz responsabilizando o governo pelos transtornos que esta medida pode acarretar.

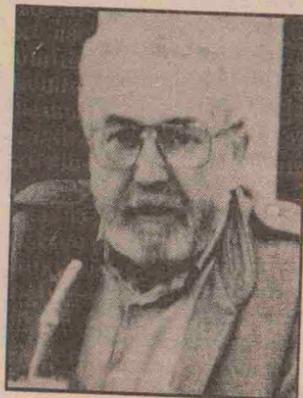
**EXPECTATIVA** - A posição do diretor do Departamento de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil - Ctrin -, Nilo Fensterseifer, é de expectativa em relação ao que pode ocorrer daqui para frente. Fensterseifer também coloca a possibilidade de falta de farinha no mercado, como uma questão preocupante. "Dentro de alguns dias começamos a liberar as cotas que estão sendo autorizadas pelo governo. O restante, os moageiros terão de buscar no mercado livre, diz o diretor do Ctrin, preocupado com a colheita que nem iniciou ainda.

Fensterseifer, assim como as lide-



Liberdade para o trigo, um produto que vinha sendo ... gerenciado pelo governo há mais de 23 anos

Rui Polidoro  
Liberdade em debate



ranças do setor, também está temendo pela operacionalidade do processo "que ainda não sabemos como vai acontecer". Reconhece que essa fase transitória vai ser um pouco complicada, "até porque o produto está livre numa ponta, mas tabelado na outra". Este é um ponto que o governo precisa equacionar", desafia.

As preocupações do presidente da Fecotriga, Rui Polidoro Pinto não diferem em muito das levantadas pelo próprio diretor do Ctrin. Coloca a questão da operacionalidade como fundamental para o andamento do processo de privatização neste primeiro momento e que envolve não apenas a definição do pH do produto, mas também questões que envolvem armazenagem, movimentação do produto, quebra técnica e recursos para a pesquisa. "São pontos que precisam ser definidos urgentemente", avisa Polidoro Pinto, para quem a solução destes problemas poderá depender a estabilização do processo. "Se não houver uma definição destes pontos operacionais, corremos o risco de enfrentar problemas de comercialização mais adiante", alerta.

Buscando uma definição emergencial para estas questões, a Fecotriga está iniciando uma rodada de reuniões pelo interior, envolvendo não apenas as cooperativas filiadas, mas também os triticultores gaúchos nas discussões. Essa série de reuniões vai culminar com um Fórum a ser realizado no dia 11 de outubro em Porto Alegre. "O triticultor vai ter que participar das discussões", convida o presidente da Fecotriga.

## O que muda

As principais alterações das pelo governo via Medida Provisória são as seguintes:

**\* COMERCIALIZAÇÃO** - produtores passam a vender seu trigo no mercado. O produto passa a ser comercializado pela Política de Garantia de Mínimos, tendo assegurado um preço de aquisição mínima. Para quando se iniciam as compras de trigo, o governo estabelece um aumento real de 12 por cento em relação a 178,79 BTN. Nos meses de novembro e dezembro, serão oferecidos preços de aumento real de 10 por cento da variação da BTN e em janeiro e fevereiro, o governo anuncia o preço para a safra/91 e os valores do custeio.

**\* INDUSTRIALIZAÇÃO** - a criação de novos moinhos, além dos moinhos já existentes, continuará sendo mantida, pelo menos até o ano de 1990, as suas contas, mas não de forma integral. Os moinhos da região do Sul deverão ter suas cotas reduzidas. Com a manutenção das cotas de fevereiro, o governo mantém a política de preços dos derivados. O produtor pretende abastecer os moinhos com a aquisição do produto da safra que começa a ser colhida e mais com estoques reguladores de mais de dois milhões de toneladas. Para os estoques a serem formados pelo produtor, serão vendidos através de leilões nas Bolsas de Mercadorias a quem o moinho interessado.

Os estoques de trigo de 1990 passarão para o controle da Companhia de Financiamento da Produção.

**\* IMPORTAÇÃO** - até o mês de fevereiro as próximas importações de trigo ficarão a cargo do governo. Depois disso as importações ficam sob iniciativa privada, inclusive com referências aos acordos bilaterais existentes com a Argentina.

**\* EXTINÇÃO** - o governo extingue o Departamento do Trigo - Ditrigo - e a função controladora da produção estatal na comercialização e industrialização do produto.

## MOINHOS COLONIAIS Da para falar em volta?



...da monopólio da compra do trigo poderá...  
determinar a volta de alguns moinhos coloniais

o presidente da Associação dos Moinhos Coloniais, Vitalino Vanz, ao governo de acatar o monopólio estatal do trigo e a quebra do moageiro, são de grande acerto e de forma benéfica à economia do país. A ter remetido telegramas de congratulações ao Collor e à ministra Zélia Cardoso manifestando-se em favor das medidas governamen-

ter considerado sempre um desperdício que o trigo produzido em determinada região tivesse de ser transportado até mil quilômetros - caso de Mato Grosso-São Paulo, para retornar na mesma distância, como farinha, para ser consumida. Isso, num país com a extensão territorial do Brasil e com transporte caro, se configura como crime de lesa pátria, diz Vitalino.

Para ele, cerca de 20 por cento do mercado moageiro voltará às mãos dos moinhos coloniais, o que é muito bom, pois considera que isso terá efeito refletido também na produção de trigo, por achar que os triticultores se sentirão estimulados a plantar mais, pela certeza de que a industrialização do produto se efetivará na própria comunidade, isto é, no município que o produziu.

## eficiência, a saída

o analista de Safras Flávio Roberto, o produtor, num momento, vai sofrer diante desta nova situação vai ter que investir "eficiência", sai logo dizendo apontando para a questão crucial e que, na verdade, determina a elevação dos custos. Apesar de importante, segundo Flávio, não sendo considerado como uma cultura, "servindo muito sistema de rotação para o milho", diz ele a necessidade de transformar numa cul-

o analista coloca como um processo de adaptação qual deverá passar o produtor, como a indústria. Mas reconhece o produtor vai sofrer até porque vai ter um monopólio que não certo para ser jogado e donos da situação é uma situação com a soja, por que tem um mercado existe. Ele vai ter "eficiência no mercado", aponta para a eficiência como reduzir custos e a tendência do desmanche do oligopólio da mo-

agem.

A saída para o produtor, segundo o analista, vai passar por estas questões levantadas e que deverão ser complementadas pela adoção de uma efetiva política de preços mínimos e de EGFs, "medidas capazes de garantir a sobrevivência do triticultor". Também considera a organização do produtor como um outro ponto a ser citado, o que poderá influir no desmantelamento do cartel do trigo.

**INTEGRAÇÃO** - Flávio Júnior também aposta na integração do Cone Sul como saída para os triticultores gaúchos. Concorde com os riscos iniciais de concorrência do produto, mas mesmo assim vê a abertura de novos mercados localizados em países vizinhos, como uma alternativa para a produção de trigo gaúcho. "Num segundo momento, diz ele, essa integração poderá intermediar o conflito de interesses que certamente irá ocorrer entre as indústrias de trigo. De repente, se as vendas tornarem-se muito pressionadas pelos compradores do centro, os triticultores gaúchos poderão buscar colocação para seu produto na Argentina, por exemplo", admite o analista que também não vê muita preocupação com a questão do consumo. Entendendo que, passado o impacto inicial, a tendência é para que ocorra uma acomodação.

# Ameaça dos grandes

"O tão falado cartel do trigo nunca existiu", reage o secretário executivo do Sindicato das Indústrias de Trigo do Rio Grande do Sul, José Luiz Stein, sempre que provocado sobre o assunto. Não vê como poderia existir cartel de trigo na medida em que era o próprio governo quem controlava as cotas e os preços para a indústria. "Mas de agora em diante, tenho certeza que esse cartel tão falado vai passar a existir", sentencia numa referência a retirada do governo da comercialização do produto e ao fato de que, de qualquer forma, as indústrias terão de criar mecanismos próprios de defesa. Também discorda de afirmações que colocam a indústria como a grande beneficiada com o sistema de cotas. "Os moinhos vêm operando em vermelho. Desde março que estamos trabalhando sem reajuste no preço do trigo e da farinha", reforça.

Essa mudança nos rumos da comercialização do trigo no Brasil, pode representar, inclusive, segundo Stein, um desastre para o Estado que tem uma participação de 44 por cento do número de indústrias moageiras. À primeira vista, esta parece ser uma situação privilegiada. Mas tirando as aparências, a situação dos moinhos gaúchos é bastante complexa. Apesar dessa representatividade, o Rio Grande do Sul esmaga apenas 11 por cento da produção nacional em seus 78 moinhos, a maioria de porte médio e pequeno. E é justamente neste ponto que se situa a preocupação do secretário-executivo do sindicato, pois entende que o fim do monopólio vai levar os grandes grupos moageiros localizados em São Paulo, Rio de Janeiro e Nordeste a crescerem ainda mais "em detrimento dos moinhos gaúchos".

**Ociosidade** - Outra preocupação levantada por Stein está centrada na questão da ociosidade da indústria "que deverá aumentar ainda mais de agora em diante". Lembra que a atual capacidade de moagem do país é de 12 milhões de toneladas, mas o esmagamento anda por volta dos 7 a 8 milhões de toneladas. "A ociosidade de nossas indústrias chega a

quase 50 por cento", diz prevendo o agravamento desta situação, já que a capacidade de esmagamento será aumentada com o crescimento dos grandes grupos.

Mas para Stein, não é só a indústria que está com a corda no pescoço. No mesmo barco, ele coloca os produtores gaúchos. "Perdeuse a prática de comercializar trigo. Essa era uma tarefa que o governo vinha fazendo há mais de 20 anos", diz ele preocupado com as consequências dessa nova tarefa que pode resultar, inclusive na falência da triticultura gaúcha. O industrial vai mais adiante nessa preocupação e coloca um outro ponto: o da qualidade do trigo nacional. "As indústrias vão entrar num mercado competitivo e não vão querer comprar produto de má qualidade", avisa. Ao darem preferência ao trigo importado, que é de melhor qualidade, as indústrias vão estar penalizando os triticultores. "E trigo tem sobrando", observa, lembrando que os estoques mundiais são elevados. Este é um problema que, na sua opinião, vai voltar para as mãos do governo que terá de criar mecanismos para que as cooperativas comprem esse produto e transformem em ração animal. "A indústria não vai bancar este trigo de baixa qualidade", avisa.

**SUBSÍDIO** - É outro assunto que o industrial não deixa por menos ao lascar críticas ao governo. E começa dizendo que, depois de ter acabado com o subsídio ao consumo da farinha e do pão, o próprio governo promoveu a sua volta. De acordo com Stein, em 19 de março o governo passou a pagar, aos produtores, 178,89 BTN ou Cr\$ 6.870,00 pela tonelada de trigo. Mas os moinhos compravam o produto do Ctrin a 232 BTN a tonelada - valor correspondente a Cr\$ 9.038,00. "Onde está o subsídio", indaga. Hoje o governo está pagando ao triticultor os mesmos 178,89 BTN, que corresponde ao valor Cr\$ 10.963,62, "mas está vendendo aos moinhos pelo mesmo valor de Cr\$ 9.038,00, que representam 147 BTN. "A defasagem é de 57 por cento".

**NO PLANTIO DA SOJA,  
DIRETO OU CONVENCIONAL,  
SAI GANHANDO QUEM  
RESOLVER MELHOR  
AS QUATRO OPERAÇÕES:**

**1 2 3 4**

**PLANTIO | GAMIT | POUNCE | COLHEITA**



**ATENÇÃO**

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e fique a quem não conhece. Leia as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, botas, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

**ANDEF**  
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

**NOVO GAMIT® PRÉ-EMERGENTE  
O HERBICIDA RACIONAL**

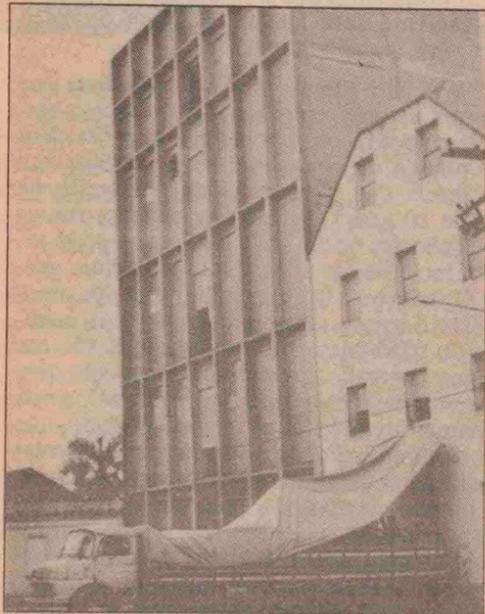
**POUNCE inseticida piretróide para controle de lagarta em soja**

Gamit, Pounce e FMC são marcas registradas da FMC Corporation



# A surpresa da decisão

Moageiros da região ficaram surpresos com decisão do governo e apostam em grandes dificuldades, tanto para a indústria como para os triticultores.



A nova unidade do Moinho Walter deve ficar pronta até o final do ano. A capacidade de moagem, segundo uma das proprietárias, Loide Walter, - foto acima, deverá se elevar de 1.000 quilos para 3.500 quilos hora



no e até cita como exemplo o próprio custeio para a próxima lavoura de verão. Os recursos para financiar a lavoura de soja, por exemplo, estão chegando com pernas de anão. Empréstimos com-

plementares, só a juros exorbitantes. Então, como esperar algum apoio do governo nessa hora?, diz preocupado com a situação que pode, inclusive, desestabilizar a triticultura nacional.

**COISA DO PASSADO** - Assim como não leva muita fé em diretrizes do governo para que os moinhos possam negociar livremente com os produtores, principalmente as pequenas indústrias, Lourenço Furian também rechaça qualquer idéia que levante a questão da volta dos moinhos coloniais. "Isto é coisa do passado", diz ele. "Hoje só se trabalha com tecnologia", rebate.

Lourenço Furian também aproveita para rechaçar qualquer afirmação que os moinhos foram amplamente beneficiados com o sistema de cotas. "O lucro do moinho é determinado pelo governo. Recebemos o trigo e repassamos o produto ao consumidor pelo preço estabelecido pelo governo", afirma preferindo classificar os moageiros como simples distribuidores de produtos. E cita como exemplo a situação dos pequenos e médios moinhos: eles simplesmente pararam no tempo. Tanto isso é verdade, assinala, que só agora, depois de 40 anos, construímos um moinho novo". A capacidade de moagem do Moinho Furian é para 50 toneladas de grãos por dia, mas a sua cota é de apenas 120 toneladas por semana.

**DEVAGAR** - Um pouco menos indignada que o proprietário do Moinho Furian, mas não menos surpresa, se encontra uma outra empresária do ramo: a Loide Walter, uma das proprietárias do Moinho Walter, de Ijuí. Confessa que, de certa forma, vinha esperando por essa decisão do governo, "mas para daqui uns três anos, depois de muito bem pensada e programada", observa. De qualquer forma a Loide acha que, num primeiro momento, não há muito o que esquentar a cabeça, até porque não existe nada muito delimitado ainda. "O governo está se comprometendo a comprar esta produção que ainda está na lavoura. Preocupação maior, diz ela, vamos ter mesmo é a partir de novembro de 91, quando então vai entrar o trigo com novas regras de liberação de comercialização."

Para a Loide Walter, o papel mais importante nesse novo processo que começa a se instalar na triticultura nacional a partir de 1991 vai caber mesmo é às cooperativas. "Elas é que vão estocar essa produção, observa, livrando os moinhos dessa situação de desconforto, já que na sua maioria, não estão preparados para tal mudança. "Os moinhos

não têm estrutura para armazenar grãos por um ano inteiro, por exemplo", garante. Mas assim como empurra para as cooperativas essa carga relacionada com a questão da armazenagem, a empresária levanta um outro ponto que certamente já anda deixando em sobressalto lideranças do setor cooperativista: quem vai pagar essa armazenagem? O

governo não é mais o comprador. Muito menos as cooperativas, mas os produtores continuam sendo os donos da produção", pondera a proprietária do Moinho Walter apostando numa saída que deverá ser sugerida pelo próprio governo. **DIFICULDADES** - A Loide Walter também está prevendo algumas dificuldades a serem deglutidas tanto para os pequenos moageiros como para os produtores. Ela cita a questão dos triticultores como mais delicada até porque o trigo produzido no Brasil não é o de melhor qualidade. E nessa guerra de competição em que vai virar o mercado, só vai sair ganhando quem tiver fôlego para realmente conseguir fazer frente aos grandes grupos levantado pela empresária significa trabalhar com produto de qualidade. "Até agora recebia trigo de qualquer qualidade, mas daqui para frente, não vou querer trabalhar com produto ruim", avisa temendo pela sorte, principalmente dos triticultores gaúchos. Ela até que não penaliza tanto os produtores gaúchos pela falta de qualidade do trigo produzido no Rio Grande do Sul, por entender que, neste caso, uma boa produção não depende apenas do emprego de tecnologia. "O problema do trigo gaúcho não é só a falta de tecnologia. Nós temos sérios problemas climáticos e que não estão nas mãos dos agricultores".

A capacidade atual de moagem do Moinho Walter é de 1.000 quilos de grão por hora. A partir do término da construção de uma nova unidade moageira, a proprietária pretende ampliar essa capacidade para 3.500 quilos por hora. A cota semanal do moinho é de 90 toneladas.

O investimento feito no moinho, segundo a Loide, nada tem a ver com questão da saída do governo da compra do trigo, um assunto que já vinha dando o que falar há alguns anos. "Investi numa nova unidade moageira porque se fazia necessário", diz ela negando uma possível preparação antecipada para fazer parte de um mercado que, daqui para a frente, vai se tornar mais agressivo. Mas não nega que tem em mente e para breve, o lançamento de uma nova marca de farinha, de qualidade superior. O Moinho Walter vem colocando no mercado da região, já há algum tempo, a farinha Lorijuí.

## Atitude arriscada



O Moinho Linha 3, de propriedade de Ernesto Bönmann.

Beneficiando milho e arroz. Ernesto Bönmann, proprietário do Moinho Linha 3, localizado em Ijuí, teve reação semelhante aos demais moageiros da região surpresa. Ele não opera com moinho. Beneficia apenas o milho e possui um descascador de arroz. Mesmo assim, confessa que não tem a idéia do governo meio arriscada.

O moinho que hoje é propriedade do Ernesto Bönmann já há muitos anos e, na época, era administrado pelo pai, que trabalhava dentro do sistema de cotas. Mas os custos de ter de retirar o produto em Porto Alegre zeraram com que a família optasse pela venda das cotas e de um dos moinhos. O moinho passou a operar nas mãos de outros grupos com cotas próprias e fiscalização do governo em cima dos produtores, nos chamados "cair fora", conta o empresário. Depois, recorda ainda, na época, saía muito mais em conta o comprar a farinha na cidade do que o benefício do governo em cima do moinho beneficiado era violento".

**ARRISCADA** - Quando surgiu a idéia arriscada, Ernesto estava pensando a questão da auto-suficiência do produto. "O governo, advir de se perder dentro desse mercado de ter que importar produto assim como pode de repente sair do mercado, também pode dar", diz preocupado, mas mais curioso com o que pode ocorrer para frente.

Sem pensar em investir em moagem de trigo, Ernesto Bönmann garante que, num primeiro momento, prefere ficar na expectativa enquanto vou assistir os resultados. Mais tarde é que vou reagir, não vou arriscar", diz ele temendo o futuro. "Se os grandes grupos fortes, agora é que eles vão ainda mais unidos na defesa dos interesses. E o explorado vai ser o próprio produtor", sentencia, falando na formação de um mercado do trigo.

Sem tempo suficiente para deglutir a novidade, a classe moageira não tem poupado críticas à decisão do governo de se retirar da comercialização do trigo. "Essa privatização que está sendo anunciada, e que parece irreversível, vai trazer sérios prejuízos para duas categorias: a dos triticultores e a dos pequenos e médios moageiros", destilava no início da semana passada, tão logo foi divulgada a Medida Provisória do Governo, Lourenço Furian, um dos proprietários da Empresa Furian, Bergoli - Indústria e Comércio de Cereais Ltda, localizada em Pejuçara. Indústria de porte pequeno para médio, o Moinho Furian é mais um a engrossar a fila dos 57 por cento dos moinhos nacionais responsáveis pelo esmagamento de apenas 10 por cento do volume de cotas de trigo distribuídos aos moageiros.

Lourenço Furian confessa que, embora o assunto viesse sendo muito comentado de uns anos para cá, não acreditava que a privatização pudesse sair "assim de uma hora para outra". Tanto existia essa crença entre os moageiros nacionais, que os proprietários do Moinho Furian decidiram que era hora de investir na indústria, construindo um moinho novo. "Transformamos nosso antigo moinho no que há de mais moderno em termos de tecnologia de moagem", garante apontando para a introdução do sistema de moagem automático. "Só fizemos esse grande investimento porque não esperávamos por essa decisão", diz ainda preocupado com os destinos da empresa.

**ABOCANHADOS** - Nessa posição em que mistura preocupação com indignação, Lourenço Furian teme pela desestruturação dessa rede de pequenos e médios moinhos que existem pelo interior do Rio Grande do Sul. "O governo está atendendo aos interesses dos grandes grupos", sentencia apontando para a questão da dívida externa que também está pesando nessa decisão. E nesse jogo os pequenos moinhos sairão perdendo porque serão abocanhados pelos trustes internacionais", proclama colocando os produtores brasileiros em situação semelhante. "Estes vão ficar jogados ao léu, pois não vão ter nem para quem vender a sua produção".

Ao posicionar as duas categorias numa situação de igualdade, o proprietário do Moinho Furian está se referindo a uma série de dificuldades que a livre negociação vai proporcionar e que vai desde a falta de estrutura de armazenagem para recebimento da produção, "que os moinhos não têm", até a falta de recursos para a aquisição dessa produção. Não aposta em apoio do gover-



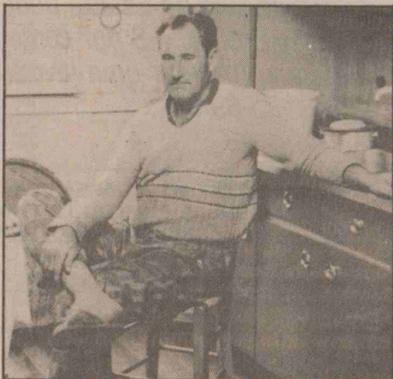
## VERÃO

# Dinheiro de uma safra para outra

"Não planto mais financiado. Se plantar dois sacos, a colheita é minha", diz seu Luís Moresco, proprietário de 50 hectares de terra localizados em Ponte Seca, em Santo Augusto. Atualmente cultiva 16 hectares. O resto da terra deixou para os filhos plantarem, o Milton e o Geraldo. Também os dois não querem saber de financiamentos. Seu Luís não planta mais financiado há uns 10 anos. "Já levei muita pedrada", diz ele contando que no último ano que financiou a lavoura, perdeu uma colônia de terra que estava negociando, porque teve de entregar a safra para o banco. "Por causa de um aditivo no financiamento, perdi toda a safra", conta.

Além da soja, do milho, o seu Luís e a dona Mafalda, a sua esposa, pretendem plantar mandioca, batata doce, cebola e amendoim. "Aqui só se compra sal e açúcar. As despesas da casa tiramos do leite, ovos, porco e galinha", conta a dona Mafalda. Para o seu Luís, a vida do agricultor está muito difícil e cita como exemplo os aumentos que têm dado nos insumos que fazem parte da lavoura. Enquanto isso, o preço da soja continua caindo", ressalta ele citando um outro exemplo: o preço do milho. "Um saco de 20 quilos de semente de milho custa hoje mais de Cr\$ 2.700,00 e a nossa produção não vale nada".

**PATINANDO** - Para o seu Luís, o agricultor não tem feito nada mais do que patinar na sua atividade. "O colono hoje está trabalhando para segurar o que tem", diz lembrando que tempos atrás, se podia, inclusive, reformar o maquinário com o dinheiro de uma safra. Hoje o colono vive jogando o dinheiro de uma safra para outra. "Nós estamos com um punhado de caco velho e não podemos fazer nada. Quem tem maquinário novo, aguenta mais uns 10 anos. Também nem podemos pensar em comprar



Luís Moresco  
Sem financiar

nada novo, porque não se pode pagar", se queixa, sugerindo ao governo uma mudança na sua política agrícola. Diz que se tocar do agricultor fazer um levantamento rigoroso do que gasta para plantar, deixava da agricultura. "Mas sempre resta uma esperança. Nós, hoje, vivemos na expectativa de que a próxima safra vai ser melhor".

**POR CONTA** - Tanto o seu Luís como os filhos já decidiram que vão plantar a próxima safra com recursos próprios. Seu Luís vai usar o dinheiro do trigo para aplicar na lavoura. Os filhos já têm a semente em casa, mas falta o adubo. Também vão usar o dinheiro do trigo e o restante vão tirar da venda de um pouquinho de soja que ainda têm guardado. "De que adiantou o governo reduzir o juro de 12 para 9 por cento ao ano, se a pior praga mesmo é a correção? Ela é quem nos castiga, diz o Milton.

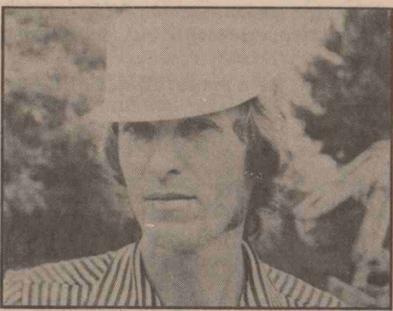


Milton Moresco  
Na terra do pai

## Apostando no girassol

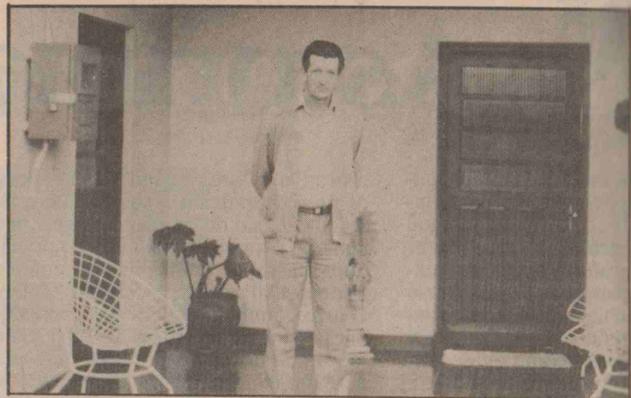
Os irmãos Ezequiel, Arnor e Arno Cembranel, proprietários de 256 hectares de terra em Coronel Bicaco já tomaram uma decisão em relação a financiamentos para investimentos na propriedade: dinheiro de banco, só se o juro for muito barato. "Não adianta pegar um dinheiro que não se sabe o quanto se vai pagar", rebate o Arnor. O futuro da próxima lavoura de verão está na dependência da colheita do trigo e do girassol. "Financiamento para a lavoura, só em caso extremo", avisa o Arno.

Os irmãos Cembranel já têm plantados, 45 hectares de girassol, "na base do recurso próprio". Pretendem plantar, na resteva do girassol 15 hectares de milho e 10 hectares de sorgo. No resto da área entra a soja. Meio ariscos a financiamentos, os três irmãos só financiaram 45 hectares de soja na safra passada e isso porque tinham uma pendência no banco que precisava ser quitada. Contam que na época do financiamento, a dívida correspondia ao valor de 600 sacos de soja. Dias destes, quando foram saldada, ela já valia o mesmo que 1.400 sacos de soja. Pagaram a metade, com correção de 42 por cento e hoje estão no aguardo de que o governo abra mão da sua idéia de co-



Arnor Cembranel  
Só em caso extremo

brar 74 por cento de juro. **PREVENIDOS** - Para o caso de alguma eventualidade, os irmãos Cembranel deixaram na reserva, 2.000 sacos de soja, "para serem vendidos de acordo com as necessidades da propriedade", informa Arnor. Ainda não compraram o óleo da próxima lavoura e pegaram o adubo pelo sistema troca-troca com pagamento só ano que vem depois da colheita. Ainda contam com a receita da safra de girassol, "um extra que entra em janeiro" e uns trocados da lavoura de trigo. Plantaram 150 hectares de trigo, mas calculam que uns 70 sacos de planta tenham sido prejudicados pela geada.



## Longe do banco

"Prefiro um pouco de aperto do que no ano seguinte ter de pedir toda a safra para o banco", diz o seu Erich Breuning ao ouvir falar em financiamento para a próxima lavoura de verão. Ele é proprietário de 130 hectares de terra localizados em Portão Velho, interior de Coronel Bicaco. Planta em apenas 130. O restante da área deixou para o filho.

Seu Erich vem plantando por conta já alguns anos. Nessa safra de verão está pensando em reduzir a área de soja para 110 hectares. Os outros 20 hectares vai plantar com milho. Prevenido, seu Erich já tem o adubo pronto, um pouco de semente guardada em casa e o tanque cheio de água. Para completar a quantia necessária de semente, entrou no programa da Cotrijui "até mais por causa das variedades. Estou com tudo pronto para plantar". Só falta plantar", dizia ele no início de setembro.

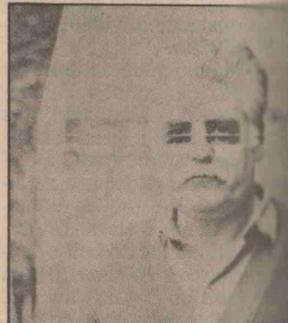
Para qualquer eventualidade, está guardando 500 sacos de soja que não foram comercializados. "Quero ver se com essa soja alcanço o que preciso para a próxima safra, por onde já andou dando uma olhada, mas saiu sem coragem de pegar financiamento agora, se depois vem um outro plano do governo Collor, e fico embrulhado pelo resto da vida. Então, prefiro ficar longe do banco", diz seu Erich, que também plantou trigo com recursos próprios.

**ADIANTADO** - Foi com a idéia de sair fora do banco de uma vez que o seu Erich liquidou, de uma só vez, as últimas três prestações de uma aquisição de uma automotriz. Pagou com metade da colheita do trigo, 42 por cento, "mas a conta continuou em aberto. Se o governo não mudar de idéia, ainda tenho mais um tanto para pagar no ano que vem", diz sem qualquer perspectiva de uma melhora na situação. "O agricultor que quiser continuar plantando, vai ter que cair fora do banco. Alguém que sobre alguma coisa para ser investida na terra, diz ainda seu Erich, nestes últimos anos o único investimento que conseguiu fazer foi colocar 600 toneladas de calcário na terra.

## Muito pouco a investir

A próxima lavoura de verão do seu Leopoldo da Silva Rocha, está, também, a exemplo da lavoura dos Cembranel, na dependência do resultado da colheita do trigo. Quase às vésperas de dar início ao preparo da terra, seu Leopoldo, proprietário de 20 hectares e arrendatário de mais 15 em Ponte Seca, interior de Santo Augusto, ainda vive momentos de indecisão. Não sabe se recorre ao banco ou se vai até a cooperativa para pegar os insumos via programa troca-troca.

Seu Leopoldo tem em casa, guardado, um pouco de semente e um tanto de óleo, mas ainda não comprou o adubo. "Se der bem o trigo, quem sabe nem financio a lavoura", diz ele pouco animado, já que a lavoura de trigo foi financiada. "Não dá para fazer muita coisa com o dinheiro que sobrar. O perigo de pegar dinheiro no banco é que o agricultor não tem mais firmeza em nada. Hoje o governo toma uma decisão, mas amanhã ela já é diferente e o agricultor vai ficando cada vez mais empobrecido", se queixa lembrando que anos atrás a situação era diferente. Conta que em 1972 comprou um tratorzinho, a juro de 15 por cento ao ano. Quando ia pagar as prestações, sempre sabia o que estava devendo. Depois comprou uma plantadeira, que também não foi difícil de pagar, "porque a correção não era ainda tão violenta". Outra reclama-



Leopoldo Rocha  
Na indecisão

ção do seu Leopoldo: a queda do preço do produto e a baixa produção é muito grande. "O agricultor teria que dar um jeito nesta situação", reclama.

**POUCO A INVESTIR** - A decisão do seu Leopoldo não foge à regra, assim como a maioria dos agricultores da região, ele não está conseguindo obter retorno suficiente da lavoura para investir um pouco mais na terra. No passado ele conseguiu comprar o programa troca-troca da Cotrijui, um pouco de calcário para colocar na terra, mas não sabe como fazer isso agora, pois não sou em voltar na Cotrijui e fazer um novo troca-troca. Também não quer ir ao banco pegar financiamento, achou arriscado. "Tenho três hectares de soja comprometido, fica mesmo difícil de pagar, mas como já tenho um pouco de dinheiro, não vou fazer nada. Do jeito que estão as coisas, acho que se ir devagar, mesmo que seja estejando precisando de correção

DOM PEDRITO

# Muitas dúvidas

...ismo mais ou menos gene-  
... os agricultores de Dom  
... relação aos cultivos da la-  
... são, na safra de 1990/91.  
... afirmações do gerente da  
... do Banco do Brasil, Wal-  
... ssan, de que os recursos pa-  
... básico de Custeio serão libe-  
... em tempo, persiste a dúvi-  
... dadores.  
... afirmam que somente a ga-  
... cipada do recurso finance-  
... reverter esse quadro que se  
... hoje, em função das dúvidas.  
... que ainda há tempo disponí-  
... de calendário, para o  
... lavouras, caso o governo  
... a promessa de colocar re-  
... posição dos lavoureiros.  
... da agência pedritense  
... Waldemar Trevisan, disse ter  
... o diretor de Crédito Rural,  
... durante a realização do 27º  
... de Economia Orizícola, ten-  
... assegurado que não faltarão  
... para os produtores. Ainda se-  
... mesma fonte, a agência estará  
... com recursos para financiar  
... mil hectares de arroz de 18  
... hectares de soja.

**DIAN SÃO SUCATA** - Mas an-  
... rios para financiamento das  
... a título de VBC, os produto-  
... necessidade de obter dinheiro

para o conserto das máquinas e imple-  
... mentos agrícolas que, segundo afirmam,  
... estão em estado de sucata.

O coordenador do Departamento  
... Técnico da Cotrijuí, agrônomo Jorge  
... Everardo Perez, disse que o agricultor  
... está inadimplente e sem nenhuma pos-  
... sibilidade sequer de vistoriar seu par-  
... que de máquinas.

O produtor está falido, diz Perez,  
... e quer solução, em definitivo, para as  
... dívidas que tem com o sistema finance-  
... ro. A maioria dos agricultores está de-  
... pendendo de financiamento até para a  
... reforma das máquinas. Do contrário,  
... não vai poder preparar a terra para a  
... próxima safra.

Quanto a dívida da safra de 1989,  
... a questão mais delicada é relacionada  
... com o custo financeiro e a forma da  
... prorrogação, que seja cabível com as  
... possibilidades futuras dos produtores,  
... diz o técnico. "A simples prorrogação  
... não vai adiantar, se no futuro o produ-  
... tor não tiver condições de quitar o dé-  
... bito."

**O CUSTO DO MAQUINÁRIO** - Justi-  
... ficando o estado de desgaste das má-  
... quinas agrícolas do município, disse o  
... técnico da Cotrijuí que a maioria do  
... emprego dessas máquinas é em terras  
... de várzea, onde se cultiva o arroz. E  
... na várzea, o desgaste é maior devido  
... a umidade.

**Banco do Brasil prorroga dívida dos arrozeiros. O  
... parcelamento tanto poderá ser total como parcial, em até  
... três anos com juros de 2 por cento ao mês e mais o IPC.  
... A rolagem da dívida, não impede, no entanto, que os  
... produtores tirem novos financiamentos de custeio. A proposta  
... dos produtores era de cinco anos para a rolagem e um de  
... carência, com juros de 1,25 por cento ao mês, mais o BTNf**

E a razão da não renovação do  
... maquinário, segundo ele, é a excessiva  
... elevação dos custos, ao contrário do va-  
... lor da produção. Como exemplo, apre-  
... sentou a seguinte estatística: até o ano  
... de 1984, um trator de 65 HP podia ser  
... comprado com o valor de 1.400 sacos  
... de arroz. Hoje, se horroriza ele, são ne-  
... cessários 3.800 sacos para comprar o  
... mesmo trator.

E quanto ao custo das demais má-  
... quinas e implementos para a lavoura,  
... segue a mesma proporção. Ante tais des-  
... proporções de valores, finaliza o técni-  
... co, produzir alimentos se constitui nu-  
... ma verdadeira aventura.

**AÇÃO CONTRA O BANCO** - O vice-  
... presidente da Associação dos Agriculto-  
... res de Dom Pedrito, agropecuarista Ri-  
... cardo Pilecco, está decidido a entrar  
... com ação contra o Banco do Brasil. Ele  
... disse que só aceita pagar o valor de  
... 41,28 por cento sobre a BTN de mar-  
... ço, e não os 84,32 por cento determina-  
... dos pelo Banco Central. E ainda vai  
... exigir restituição de valor, que disse ter

pago a mais, em contrato anterior.  
... Deu como exemplo contrato relativo a  
... safra de 1988/89. Esse contrato teria si-  
... do aceito para ser reajustado pelo BTN,  
... mas o banco calculou pelo IPC, provo-  
... cando um acréscimo de mais 43 por  
... cento o que, segundo Ricardo, é ilegal.  
... E isso - reforça o queixoso - sem falar  
... no respectivo juro, que foi cobrado pe-  
... lo valor do mês anterior, e nesse caso,  
... o percentual passou para 97 por cento.

É por essas e outras que muitos  
... orizicultores estão se transferindo para  
... o Uruguai, onde o produtor recebe me-  
... lhores condições para trabalhar e produ-  
... zir, desabafa o agropecuarista.  
**SAFRAS FINANCIADAS** - Por conse-  
... quência do clima, na região, bastante  
... incerto, principalmente pelas secas que  
... têm se feito sentir nos últimos anos, as  
... culturas agrícolas têm sofrido oscila-  
... ções muito grandes em Dom Pedrito.  
... Levantamento feito junto à chefia de  
... Crédito Agrícola da agência local do  
... Banco do Brasil, mostra o seguinte qua-  
... dro de financiamento, nos últimos cin-  
... co anos:

SAFRA:	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90
SOJA	9.361	12.000	18.000	18.205	10.957
SORGO		513	500	227	670
MILHO		343	200	567	500
ARROZ	22.311	24.000	20.000	20.294	2.569

MS

## 2,89 BTN's por cada saco de soja

De acordo com um le-  
... vamento realizado, no MS,  
... de produção de soja  
... de 60 quilos vai ficar  
... em 2,89 BTN's na próxima  
... safra, aproximadamente  
... 110,00, com base na  
... safra de 1989/90. O estudo foi  
... feito pelo agrônomo Ângelo  
... coordenador do De-  
... partamento Técnico da coope-  
... rativa Dourados, e profes-  
... sor de Administração  
... da Socigran naquele  
... município.

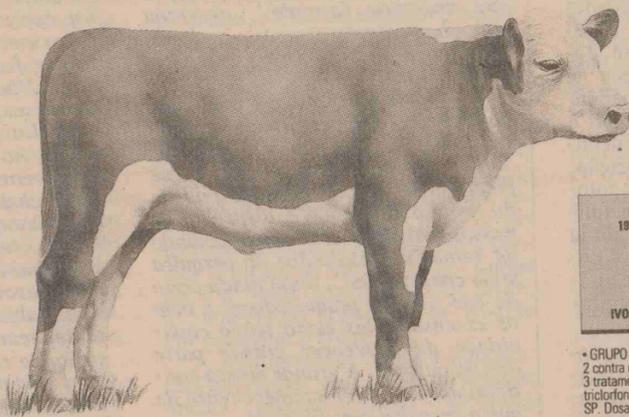
Para chegar a este va-  
... lor, a OCB analisou como exemplo  
... uma propriedade de 150 hecta-  
... res, que produz anualmente  
... 15 sacos de soja por  
... hectare. Foram calculados os  
... custos com insumos  
... e sobre o capital  
... fixo anual da corre-  
... ção e o custo anual de  
... manutenção fundiária. O  
... estudo incluiu, no entan-

to, o arrendamento, e neste  
... caso é preciso acrescentar que  
... o produtor paga, em média,  
... oito sacos por hectare.

Deve-se ressaltar  
... também que para obter os nú-  
... meros, foi levado em conside-  
... ração apenas uma safra  
... anual, sem considerar a la-  
... voura de trigo como opção de  
... inverno. Os custos apontados  
... servem de parâmetro para o  
... produtor analisar a viabili-  
... dade da sua lavoura.

A Organização das  
... Cooperativas Brasileiras -  
... OCB realizou levantamento  
... semelhante em junho e con-  
... cluiu que o custo de produção  
... de cada saca de soja na próxi-  
... ma safra vai ser de 23,29  
... BTN's (Cr\$ 1.375,45). Na  
... cultura de milho foi registra-  
... do um custo de 16,29 BTN's  
... (Cr\$ 962,00) e na de arroz de  
... sequeiro, 26,48 BTN's (Cr\$  
... 1.563,84).

## Sabe como você pode ajudar seu gado de recria a aproveitar melhor o pasto e ganhar mais peso?



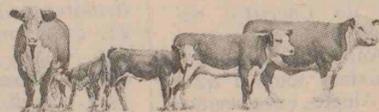
### Saúde é peso. Saúde é lucro.

Use IVOMEC®.  
Este antiparasitário de última geração  
pode ajudar a melhorar a saúde, peso e  
lucratividade de sua recria.  
Aplique IVOMEC® na sua recria para o  
controle de parasitas. Você pode ajudar  
seu gado a converter melhor o alimento  
em peso. Saúde é peso. Saúde é lucro.

**EXPERIMENTO COM ANIMAIS DE RECRIA  
A PASTO. GANHO DE PESO (1 ANO).**

		+ 32 kg
187 kg	165 kg	DIFERENÇA
IVOMEC®	TRADICIONAL (albandazole + triclorfon)	

• GRUPO IVOMEC®: 3 tratamentos junto com a Aftosa e mais 2 contra o berne. • GRUPO TRADICIONAL: Albendazole. • 3 tratamentos junto com a Aftosa e mais 7 tratamentos com triclorfon contra o berne. • Gado Nelore, 1,5 anos, Piracicaba - SP. Dosagens recomendadas por bula. ASR-11401



ANTIPARASITARIO DE ÚLTIMA GERAÇÃO  
**Você pode ver a diferença no seu gado.**

• Marca Registrada de Merck & Co. Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

(BJA-IVC-38/86)



**PARA SEGUROS DE:**  
INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS  
- RESIDÊNCIAS E OUTROS  
Em Juí: Rua das Chácaras, 1613  
Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342  
3º andar - Fone 28-31-55

EXPORT  
TORA DE  
SEGUROS LTDA.

**MSD AGVET**  
MERCK SHARP & DOHME  
Farmacêutica e Veterinária Ltda.  
Av. Eng. Paulo Leme 1400 - Fone: 051/0453-3000-5 Paulo-SP  
VC-38/88

FORRAGEIRAS

# Encontro histórico

Dizer que o Encontro de Pesquisa e Extensão Rural em Forrageiras e Nutrição Animal foi um sucesso, é ainda muito pouco. "Ele foi, na verdade, um encontro histórico", avalia o pesquisador João Miguel de Souza, do Centro de Treinamento da Cotrijuí, referindo-se ao elevado número de participantes, ao nível dos trabalhos apresentados e aos avanços alcançados nos dois dias de discussão e troca de informações. "A nata da pesquisa da Região Sul esteve presente ao Encontro", ressalta ainda destacando a participação de 18 instituições de pesquisa que apresentaram trabalhos de mais cinco instituições de fomento agropecuário.

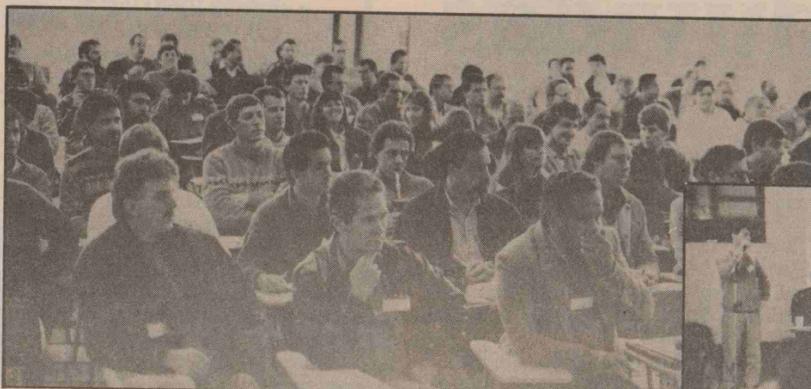
O Encontro de Pesquisa e Extensão Rural em Forrageiras e Nutrição Animal reuniu cerca de 120 pesquisadores ligados a várias instituições do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, mais extensionistas, produtores e estudantes. A iniciativa do Encontro foi da Comissão de Agropecuária do Centenário de Ijuí, com o apoio do Centro de Treinamento da Cotrijuí, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório, da Secretaria da Agricultura e Emater. Ele aconteceu no Parque Regional de Exposições Assis Brasil nos dias 5 e 6 de setembro.

**AVANÇOS** — Para o João Miguel de Souza, a integração entre as instituições de pesquisa da Região Sul, se constituiu, na verdade, no principal avanço obtido pelo Encontro. Entende que os objetivos propostos foram alcançados, na medida em que o Encontro proporcionou a abertura de novos canais de informações entre as próprias instituições de pesquisa. "A comunicação sempre foi muito deficiente entre os centros de pesquisa, gerando, muitas vezes, desperdícios de recursos pela duplicidade de projetos", observa.

O pesquisador do CTC levanta ainda, como ponto positivo, a participação de extensionistas e produtores na apresentação de trabalhos e troca de informações. Colocado numa situação bastante singular, principalmente pelo fato de que seus trabalhos quase sempre ficam registrados nas propriedades onde atuam e, por isto "perdem a memória", os extensionistas, tiveram, durante o Encontro, a oportunidade de falar um pouco sobre as suas experiências. "Tanto o extensionista como o produtor vão ter, a partir deste Encontro, um canal aberto à sua disposição, para apresentar seus trabalhos e colocar suas expectativas em relação a aplicação de tecnologias", disse ainda João Miguel apostando neste canal como forma de melhor integrar a pesquisa, a extensão rural e o próprio produtor.

Como resultado de um Encontro que ficou marcado pelo sucesso, ficou definido a realização de novos encontros científicos a cada dois anos. A sugestão é de várias instituições de pesquisa, reforçada por uma proposta da Empasc, de Santa Catarina, de institucionalizar o Encontro. A forma de institucionalização do Encontro de Pesquisa e Extensão Rural em Forrageiras e Nutrição Animal começa a ser definida numa próxima reunião que acontece em Porto Alegre, envolvendo todas as instituições de pesquisa que participaram da reunião em Ijuí.

**DESAFIOS** — A abertura do Encontro contou com a participação do presidente da Comissão de Agropecuária do Centenário de Ijuí, Walter Frantz e do



Pesquisadores, extensionistas e produtores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A pesquisa em debate durante dois dias

prefeito municipal Valdir Heck. Walter Frantz apontou os desafios que vêm sendo impostos aos produtores e técnicos da região no sentido de se criar novas alternativas de produção "que representem um aumento da produtividade". "Estamos contra a parede", disse apontando para a necessidade de que todos, técnicos e produtores, se tornem agentes desse processo. Disse ain-

da que é hora do produtor superar a fase de monocultura, "condição básica para se alcançar melhores resultados na propriedade". Ao reiterar os aspectos festivos e também do comprometimento do Centenário, Valdir Heck lembrou que também na agropecuária, Ijuí aguarda por transformações "que possibilitem uma nova fase de desenvolvimento".

O Encontro de Pesquisa e Extensão Rural em Forrageiras e Nutrição Animal marcou a efetiva integração entre as instituições de Pesquisa da Região Sul



Na abertura do Encontro, a presença de Carlos Severo, do IPZFO; Walter Frantz, presidente da Comissão de Agropecuária do Centenário de Ijuí; Telmo Frantz, reitor da Unijuí; Valdir Heck, prefeito de Ijuí; de Aino Jacques, diretor do Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório; e do diretor Técnico da Emater, Viola

## A dispersão da pesquisa

A situação da pesquisa no Rio Grande do Sul na área de Forrageiras e Nutrição Animal. O assunto da palestra de abertura do Encontro de Pesquisa e Extensão Rural em Forrageiras e Nutrição Animal, a cargo do professor Aino Jacques, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa no estado vive, hoje, segundo o professor, um momento que deixa muito a desejar e que precisa ser melhor avaliada. Contudo, em suas críticas, disse que a pesquisa vem agindo de maneira dispersa, comprometendo, inclusive, a "saúde" das forrageiras. "Acho que este é um excelente momento para nos conhecermos melhor e saber o que andamos fazendo", observou num chamamento aos pesquisadores, técnicos e extensionistas presentes ao Encontro.

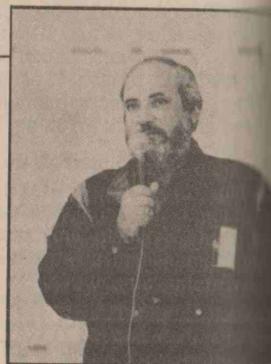
nessa autocrítica em cima do trabalho dos pesquisadores e extensionistas, Aino Jacques levantou pontos que considera cruciais e que precisam ser modificados para o bem do próprio Estado. "A dispersão de nossos trabalhos está nos impedindo de tomar os resultados da pesquisa mais condizentes", disse ainda certo de que nem os pesquisadores e nem os extensionistas estão tendo capacidade de convencer grande parte dos produtores. A grande massa continua não tomando conhecimento de que a pesquisa vem fazendo.

Em meio a esta situação, entendendo que nem mesmo o grande número de entidades envolvidas na pesquisa — universidades federais e particulares, centros nacionais, Fecotri-go, cooperativas e empresas privadas —, vai conseguir alterar este quadro. Para o professor Aino Jacques, a dispersão vem gerando um sub-aproveitamento de instalações, equipamentos e recursos humanos. "E isto é imperdoável num país pobre, subdesenvolvido e que ainda faz parte deste grande contingente do Terceiro Mundo", lamentou. Mas en-

quanto isso, outros países do Terceiro Mundo estão avançando e investindo seriamente em tecnologia. "Não sei se é o tamanho que nos atrapalha ou a falta de decisão", desafiou. O país não pode continuar com índices de produtividade simplesmente ridículos.

**NOVA POSTURA** — O professor Aino Jacques não entende essa dispersão da pesquisa como um momento de crise. "Só acho que estamos trabalhando muito mal, porque os recursos investidos atualmente na pesquisa são superiores àqueles aplicados alguns anos atrás. O problema é de acomodação. E nessa avaliação foi mais longe e disse que hoje existe um excesso de pesquisadores encerrados em laboratórios, "praticamente sem fazer nada, de braços cruzados". Não concorda com muitos discursos explicativos que se baseiam na falta de recursos, na falta de meios, na falta de vontade política do governo. O caminho não é por aí. Está cheio de exemplo de pessoas que passaram pelas universidades de braços cruzados, esperando recursos. Mas também está cheio de gente que não cruzou os braços e que está fazendo alguma coisa, "apesar da falta de recursos e de meios", disse desafiando os pesquisadores e pedindo uma mudança de postura a partir de uma auto-avaliação dos seus trabalhos.

O professor da UFRGS mostrou alguns dados referentes a distribuição dos pesquisadores por áreas de atuação. Disse que até antes dos anos 80, em torno de 3 por cento dos engenheiros agrônomos atuavam nas áreas de ensino e pesquisa. A partir deste período, esse índice se elevou para 47 por cento. Enquanto isso, o índice de profissionais que atuavam na extensão baixou de 21 para 15 por cento. Caso semelhante é a dos profissionais que atuavam por conta própria. Até antes de 80, eles apareciam num índice equivalente a 29



Aino Jacques Auto-avaliação da pesquisa

por cento, caindo para 15 por cento a partir de 80. O número de profissionais atuando na assistência técnica, no entanto, vem aumentando.

**CONTRADIÇÕES** — O professor Aino Jacques, de grandes experiências, possui o maior rebanho de bovinos do mundo, mas tem o menor consumo "per capita", de 13 quilos de carne por ano. Esse consumo, foi, há 15 anos atrás, de 22 quilos de carne por ano, "desperdiçando a forma em função da deterioração do salário mínimo". Para voltar ao mesmo patamar de consumo "per capita", Aino Jacques entende que haveria necessidade de uma duplicação da produção e isso também exigiria incremento da produção de forrageiras. Mas a maior incoerência, em seu ponto de vista está no fato de que, além de possuir o maior rebanho de bovinos do mundo, de apenas o menor consumo "per capita" de carne, o Brasil ainda importa carne.

Outra incoerência apontada está relacionada com o tipo de produção e terminação que vem sendo adotado ao rebanho bovino. "Estamos fazendo o boi consumir alimentos para produzir alimentos para a gente", criticou entendendo desta forma, o boi vem se tornando num competidor do homem em termos de alimentação. "Comendo grãos quando deveria comer pastos", observa lembrando o país tem uma excelente oportunidade para produzir pastos com o objetivo de ruminantes.

## limitações extensão



Marta Rocha  
Futuro de desafios

extensionista em ação diária e frequentemente nas áreas de forrageamento animal sofre a influência de fatores que vão desde o pecuário, a desestabilização econômica, o preço da carne, do leite, o poder aquisitivo da população até a sua formação. Essas limitações são apontadas pela professora Marta Rocha, da Universidade de Santa Maria, durante sua palestra. "Na extensão, reforços, a agricultura age de forma violenta e vai determinar a adoção de tecnologia na propriedade, em melhores resultados e, na especialização de certa ati-

o apontar estas limitações, disse que cabe aos profissionais trabalhar no sistema biológico, procurar adequar as ações aos municípios e dentro das propriedades. A pesquisa, disse, tem a ver com a inovação tecnológica que ao extensionista cabe colocar esta tecnologia no contexto gerencial das propriedades. Lembrou ainda que, no caso da linha de trabalho, além da influência da empresa ou produtor, está constantemente submetida a apreciação.

Marta Rocha convidou pesquisadores e extensionistas a uma reflexão sobre as dificuldades de relacionamento que existe nas duas áreas. ao analisar a relação existente, disse que se dá de forma muito principalmente no que diz respeito à troca de informações. "Este é um ponto para reflexão, desafiou a produção levantando uma outra questão sobre o caso dos extensionistas: a memória dos seus trabalhos. "A memória do extensionista é uma memória que fica no campo, dando a impressão de que não existe trabalho escrito. A não ser pelos relatórios, o trabalho do extensionista não é escrito", assinalou. No caso da memória, a situação é diferente. "A memória dica registrada através dos seus trabalhos de pesquisa não é divulgada, mas está constantemente sob apreciação", proclamou a atuação dos profissionais assim como o professor Aymoré, Marta Rocha está prevenindo de desafios tanto para a produção quanto para a extensão.



Edison de Almeida  
As perdas são grandes

O aproveitamento da rama da mandioca e da batata doce na alimentação animal e consequente transformação em produtos nobres como o leite e a carne, foram os assuntos destacados pelos pesquisadores da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A./Empasc, Estação Experimental localizada no município de Ituporanga, Santa Catarina. Os trabalhos foram apresentados pelos pesquisadores Edison Xavier de Almeida e Jefferson Araújo Flaescio, os coordenadores do projeto que vem sendo desenvolvido desde 1985.

O trabalho desenvolvido pela Empasc nesses cinco anos de pesquisa tem por objetivo determinar sistemas de manejo de cortes da parte aérea da mandioca - foi utilizada, no caso, a cultivar Mico -, buscando um maior rendimento e valor nutritivo "e um

## A mandioca e a batata doce na alimentação animal

mínimo de perda na produção de raízes", observou Edison de Almeida. Para o pesquisador, a persistência dos produtores em utilizar a parte aérea da mandioca na alimentação animal tem a ver com a produção de raízes. Disse que apenas em Santa Catarina as perdas de rama de mandioca chegam a 900 mil toneladas por ano, "quando, na verdade, o produto se constitui numa excelente alternativa para alimentação animal".

Na região do Vale do Itajaí, onde estão concentrados os trabalhos de pesquisa com a mandioca, ficou determinado que a melhor época para o corte da rama, no caso da cultura de primeiro ciclo, é na primeira quinzena de maio. Para mandioca de segundo ciclo, a melhor época de corte da rama é na primeira quinzena de abril.

**RESULTADOS SEMELHANTES** - Os pesquisadores não descartaram a possibilidade de algumas mudanças na época de corte da rama, em lavouras conduzidas em outras regiões, mas o Edison de Almeida acredita que, de qualquer forma, os resultados deverão ser semelhantes aos alcançados com os trabalhos conduzidos no Vale do Ita-

já. O potencial de produção de ramos para a alimentação animal chega a 30 toneladas por hectare. Fez questão de assinalar, durante a apresentação do trabalho, a economia que o aproveitamento da parte aérea da mandioca pode representar para o produtor, já que é um material que não vem sendo aproveitado na propriedade.

**A BATATA DOCE** - A Estação Experimental de Ituporanga vem testando o comportamento de clones de batata-doce na alimentação humana, indústria e alimentação animal. Com este trabalho, a intenção da Empasc é colocar à disposição do mercado, dentro de no máximo cinco anos, duas variedades de batata doce para a alimentação humana, duas para alimentação animal e mais duas variedades destinadas a indústria.

No trabalho voltado à alimentação animal, a Empasc vem trabalhando com 17 introduções, em avaliação já há dois anos, cada um com quatro repetições, uma composição química e digestibilidade médias. A produção média de raízes dos materiais mais promissores chega a 25 toneladas por hectare. A média de produção de rama chega a 3,5 toneladas por hectare.

## A experiência do Elerson

Mas não foram apenas os pesquisadores e extensionistas que tiveram vez no Encontro de Pesquisa e Extensão Rural em Forrageiras e Nutrição Animal. Os produtores também tiveram a oportunidade de contar um pouco das suas experiências numa área que recém agora começa a avançar. Elerson Alfredo Krampe, produtor associado da Cotrijuí falou das atividades e práticas realizadas em sua propriedade com a produção leiteira.

Elerson é proprietário de 70 hectares localizados na Linha 9 Leste, interior de Ijuí. A origem da sua propriedade está na soja, mas aos poucos e até por forças das circunstâncias, ele também pendeu para o lado da diversificação de culturas. "Em termos de atividade leiteira, a propriedade do associado Elerson é uma das melhores da região", assinala o técnico agrícola Vanderlei Juswiak, da Cotrijuí na unidade de Ijuí, referindo-se ao potencial genético do rebanho que vem assistindo já há algum tempo. Cita ainda como fato positivo a preocupação do agricultor em montar sua propriedade em cima de um bom plantel, "sem descuidar da fertilidade do solo, onde mantém pastagens - volumosas - durante todo o ano".

A atividade leiteira teve início, na propriedade dos Krampe, por volta de 1979, quando o pai adquiriu 20 animais do Uruguai. Em 1983 começaram a trabalhar com silagem e em 1986, numa reviravolta na atividade, deu início a um trabalho com inseminação artificial "buscando melhorar o potencial genético do rebanho", explicou Elerson aos pesquisadores.

Da área total da sua propriedade, Elerson reserva 35 hectares para as culturas temporárias - no caso a soja - e três hectares para matos e capoeiras. 10 hectares tem pastagem formada - bermuda -; 11 hectares são destinados a pastagens de verão - o milheto

e o teosinto -; seis hectares para milho silagem e um hectare para milho grão. Para as forrageiras de inverno ele destina em torno de 40 hectares, onde planta aveia, azevém, ervilhaca e trevos. Mantém ainda em torno de 1,5 hectare com culturas permanentes, como a alfafa e o capim elefante.

Elerson mantém na propriedade um plantel de 56 animais. Destes, 28 são vacas em lactação; uma vaca seca; duas novilhas em fase de reprodução; 12 novilhas em fase de recria; nove terneiras e quatro terneiros em fase de amamentação.

**CRIAÇÃO DAS TERNEIRAS** - Até os 90 dias, o Elerson mantém o seguinte esquema de alimentação para os animais: fornece leite até 90 dias; ração a partir de 15 dias; silagem em 60 dias e feno à vontade a partir do quinto dia. Dos três aos cinco meses de idade, continua fornecendo silagem; ração três vezes ao dia, feno alfafa e pastagem à vontade. Dos seis aos oito meses, a alimentação passa a ser na base da pastagem e silagem à vontade e ração, na medida de 0,7 quilos por dia. Após os oito meses de idade, a alimentação fornecida se resume em pastagem e silagem.

A propriedade baseia a alimentação do plantel no uso de forrageiras anuais - inverno e verão -, divididas em piquetes e silagem - de milho,

aveia + azevém -, garantindo, desta forma, volumoso para todo o ano. As vacas em lactação são separadas em lotes onde recebem preferência no fornecimento dos pastos, "buscando desta forma uma maior e melhor oferta de volumosos", esclarece Elerson. Na ordenha, realizada duas vezes ao dia,



Elerson Krampe  
Apostando na atividade

as vacas recebem ração proporcional à produção individual de cada uma. A composição da ração se baseia no uso de soja em grão ou farelo de soja, rolão de milho, grãos de aveia. O Elerson utiliza o computador para determinar as quantidades da mistura, "na intenção de fazer uma ração adequada ao volumoso utilizado".

As vacas secas e novilhas em reprodução no período do verão ficam em piquetes de bermuda e suplementação de silagem. Nos meses de inverno elas têm acesso às pastagens junto com os animais em lactação, recebendo também a silagem. No final da gestação - oito meses - esses animais são tratados com ração, a fim de acumularem energia e adaptarem o rúmen para o período em que vão necessitar de um maior volume de ração.

A inseminação acontece quando os animais atingem o peso ideal - Holandes, 340 Kg e Jersey, 260 Kg - e em períodos que possibilitem uma melhor programação das parições. "Na escolha dos reprodutores se observa as características melhoradoras, buscando um avanço na morfologia - características físicas - e na produção dos animais", observa o Vanderlei.

PRODUÇÃO DE LEITE/1990

Ano 1990	Rend/dia	Média Litros/vaca/dia	Nº de animais
Janeiro	195	15,0	13
Fevereiro	193	14,8	13
Março	312	17,3	18
Abril	191	11,9	16
Maio	269	14,9	21
Junho	285	14,2	22
Julho	386	15,4	25
Agosto	505	18,0	28
Média		14,79	

## POLÍTICA

O candidato da Frente Popular ao governo do Estado, Tarso Genro — PT, PSB e PCB — encerra esta série de reportagens que o Cotrijornal se propôs a divulgar procurando mostrar os programas e as idéias de cada um

TARSO GENRO

# Prioridades da Frente Popular

"Nós do PT e demais partidos que formam a Frente Popular, temos uma idéia muito nítida das razões que levaram o Rio Grande e o Brasil ao estágio de miséria, analfabetismo e insegurança da grande maioria dos brasileiros, e que fizeram de suas vidas um encargo difícil de ser vivido. E tendo muito clara essa infeliz realidade nacional, podemos dizer que conhecemos o remédio para reduzir o mal que foi causado à nação, principalmente ao longo dos últimos 25 anos".

O candidato da coligação PT-PSB-PCB, Tarso Genro, tem como terapêutica para o que classifica de "anarquia econômica" do Estado, a desconcentração da renda através de um ágil redirecionamento da economia, realizado a etapas de curto prazo.

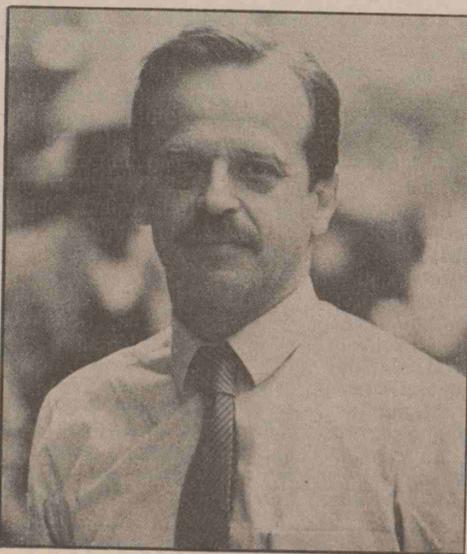
É como isso se daria? Ele explica: "pela gestão de uma política agrícola voltada para a proteção da média e da pequena propriedade, a nível rural, e média e micro-indústria, ao nível urbano, também pelo estímulo da disseminação de agroindústrias próximas aos locais de abundância de matéria-prima".

Em prosseguimento, diz: "é de importância fundamental para um diagnóstico real das carências do Rio Grande do Sul, detectar qual o tecido básico das potencialidades da economia gaúcha. Para nós o tecido básico da economia do Estado reside na média e pequena propriedade, e média e micro indústria. E qualquer programa sério que deseje realmente a recuperação da nossa economia, tem, necessariamente, de partir dessa verificação".

**PRÁTICA DE ANTIECONOMIA** - Para Tarso Genro, o que foi praticado no Rio Grande do Sul nos últimos anos, pode ser classificado como prática de anti-economia. Quer dizer: o Estado não teve uma política nem agrícola e nem industrial, voltada para a natureza, para o cerne de suas potencialidades. E diz que o Estado limitou-se a adotar a cópia padrão do modelo de desenvolvimento do regime militar, que além de concentrador, privilegiou, sobremaneira, segmentos industriais de produtos duráveis - a maioria, de necessidade supérflua - em detrimento de produtos básicos alimentares, de que é carente grande parte do povo brasileiro.

Ele diz seguro de que isso precisa mudar, e a curtíssimo prazo, sob pena de tornar-se o Estado cada vez mais carente de recursos, talvez um

Tarso Genro, candidato ao governo do Estado pela Frente Popular, no combate à "anarquia econômica" do Estado, a desconcentração da renda via redirecionamento da economia



marginal, no concerto dos estados do Sul. O nosso programa se propõe reverter essa lógica, por considerá-la suicida.

**A GRANDE EMPRESA** -

Mas é preciso que fique bem claro. Nosso projeto de governo não tem uma visão pré-capitalista. Não consideramos que a grande empresa seja um mal. Nem a grande empresa - seja industrial ou agropecuária - é um mal em si mesma, e nem um bem em si mesma. A grande empresa cumpre uma função social relevante se estiver integrada num projeto onde haja harmonia. Com isso, faça com que o desenvolvimento se processe em módulos de criação de riquezas com geração de pleno emprego, com democratização dos bens produzidos pelo acesso dos frutos a um maior número de pessoas.

Muito bem. Esclarecida essa situação, tirados de lado os preconceitos, fazemos questão de mostrar por onde começa a nossa política. Nós temos uma visão bem clara, bem transparente, de que não há nenhuma possibilidade de detonar o processo de recuperação da economia do Estado sem a adoção de uma política direcionada à pequena propriedade. Por que? Porque a pequena propriedade, além de quase sempre ser melhor administrada e de gênese mais democrática, se constitui na base de uma expansão agroindustrial.

E essa política precisa ser retomada com urgência, porque a decadência da pequena propriedade tem se constituído no fator número um de expulsão de centenas de famílias para os maiores centros urbanos, onde formam as concentrações de miséria que são as favelas. É preciso ter em

conta que a pequena propriedade, e existem cerca de 473 mil delas no Rio Grande do Sul, é a principal, talvez única fonte real de integração do mercado consumidor de milhões de pessoas que vivem hoje à margem do consumo.

**REMÉDIO AMARGO** - Significa então - prossegue Tarso Genro, que se não tivermos uma firme política de sustentação para viabilizar a pequena propriedade, todas as demais medidas serão inúteis, ineficazes, sem nenhum sentido prático. Podem-se dobrar verbas para a educação, para a saúde, para o bem-estar social, mas o mal vai continuar porque o centro emissor da crise permanecerá.

E o mesmo que querer erradicar as causas combatendo apenas os efeitos. Nós, da Frente Popular, pretendemos ir fundo nas causas. As causas geradoras do mal. E não serão com medidas paliativas que elas serão combatidas, mas com remédios fortes, até amargos, para uns, mas que se constituirão no único antídoto capaz de curar um doente cujo mal

é antigo, e o quadro clínico demonstra que grande parte do organismo está completamente tomado pela gangrena. Ou se amputam as partes apodrecidas, com a necessária urgência, ou estas acabam por se alastrar pelo restante do organismo ainda sadio.

**TECNOLOGIA E INVESTIMENTOS** - Qual a política que temos para impulsionar o desenvolvimento, pergunta-se Tarso Genro, e ele responde: "Em primeiro lugar, racionalização dos recursos. Eles já existem, precisam ser disciplinados, redirecionados. Com isso, estimula-se a pesquisa. Tecnologia e biotecnologia, seguida de extensão rural, e uma ativa participação do Estado na intermediação com os órgãos financeiros para fazer projetos pesados de investimentos.

Reforma agrária é da responsabilidade do governo da união. Mas um governo de Estado comprometido com a causa da justiça social e com autoridade moral de cobrar medidas para o grave e ancestral problema, pode ajudar em muito a implementação de solução, diz Tarso. Vamos trazer alguns bons exemplos da Europa. Lá, as pequenas propriedades, que são predominantes, dão o exemplo. E é em função delas que os governos governam e os legisladores legislam, preferencialmente.

Aqui, a prática é a convivência com a grande propriedade, que quase sempre produz mal, e quem produz mal, produz caro. Mas temos exemplos ainda piores. Existem muitos grandes proprietários de terras, donos de grandes latifúndios, que dão-se o luxo de não produzir nada. Quando muito, arrendam as terras, a custos altos, em torno de 30 por cento. O que quer dizer que o produto gerado em tais circunstâncias é caro, pois já sai da lavoura, no mínimo, 30 por cento a

mais do que aqueles que trabalham em terras próprias.

**MAPEAMENTO** - O segundo impulso de nosso programa de governo vai ser a desconcentração industrial. E essa desconcentração não será feita de forma desarmônica, de forma a desarticular a pequena propriedade, mas para fortalecer a, pois visará, preferencialmente, a agroindústria.

Pensamos que é preciso parar de atravancar os recursos já grandes que se concentram em torno de Porto Alegre e do Sul. Em nosso projeto, a orientação de novos investimentos para as regiões de indústrias e espaços físicos adequados, áreas-primas disponíveis, mão-de-obra especializada em abundância, pois também, fixar as empresas em seus locais de origem.

Nossa visão de desenvolvimento é que os estados, ou municípios, ou cidades, sejam organizados. E não é possível construir bem-estar econômico em cima do estado atual da sociedade. Isso só pode ser alcançado com a descentralização industrial. Nós temos bem clara a idéia de realizá-la. A Zona de Estado, Campanha, Oeste e Missões, estão de nosso mapa visual.

Basta que as indústrias locais apresentem produtos e empenhem-se na descentralização, que o Estado, dada a respectiva visão social e econômica, dê apoio às indústrias voltadas para o mercado interno, preferencialmente as transformadoras e quecedoras de gêneros básicos, serão as mais importantes. Se uma nação se contenta com poemas, não é menos poeta, que um povo se contenta com a construção e habitação, não é menos poeta. Há a nossa luta, finalmente, Tarso Genro.

## LONA CARRETEIRO

Proteção o tempo inteiro

No campo e na cidade, na chuva ou no sol, proteja o melhor tudo que você quiser com Lona Carreteiro!

**Lona Carreteiro é mais durável**

- Porque é resistente
- Porque é 100% impermeável
- Porque tem ilhoses plásticos de metro em metro que não enferrujam nem rasgam a lona

**Lona Carreteiro é mais prática**

- Porque é leve e maleável
- Porque tem uso múltiplo
- Porque é encontrada em 14 tamanhos

Lona Carreteiro



itap s.a. divisão do paraná  
Mais informações fone: (011) 268-2111



**UM COOPERATIVISTA GAÚCHO — ELEIÇÕES/90**

...tiva foi da Ocergs. ... primeiro encontro ... candidatos a ... estaduais e ... aconteceu em Ijuí. ... aconteceram ... em Santa Rosa, ... Maria, Caxias do ... Passo Fundo e ... A proposta do ... é comprometer o ... candidato com o eleitor



Os candidatos a deputados estaduais e federais falaram sobre suas propostas para o sistema. O plenário, formado por associados, lideranças e dirigentes de cooperativas da região

# Um novo momento

...temos vivendo um ato novo ... de cooperativismo brasileiro ... diretor superintendente da ... Pioneira. Walter Frantz ... abertura do Fórum Cooperativista — Eleições/90, realizada na sede da Afucotri, no dia ... O encontro reuniu 10 ... deputados estaduais e fe- ... representando os partidos ... PDT, PT e PSDB e fez ... Fórum Cooperativista — Elei- ... realizado em fins de julho, ... iniciativa inédita da Organização ... cooperativas do Rio Grande do ... primeiro encontro a Ocergs ... quatro candidatos ao governo ... para apresentar sua pauta ... e conhecer as pro- ... Alceu Collares, Nelson Mar- ... Vasco Genro e José Fogaça. ... segunda parte do Fórum ... no interior do Estado, reu- ... candidatos a deputados esta- ... indicados pela própria ... o aval das mais de 400 ... filiadas. Os candidatos ... indicados pelo sistema — ... abaixo — em função do seu ... postura e defesa em prol do ... gaúcho. São ao todo ... convidados a debaterem ... cooperativas e seus associados. ... primeiro destes Fóruns acon- ... e o segundo em Santa Ro- ... 90. Além dos candidatos co- ... ao plenário, o debate ... aberto aos demais can- ... região, que mesmo não con- ... sistematicamente pelo sistema, qui- ... apresentar sua proposta. ... PMDB, estiveram presen- ... Odacir Klein e Vergí- ... pelo PDT Carlos Cardinal e ... Quintana da Rosa; pelo PT os ... Clóvis Ilgenfritz da Silva e ... Wunsch; pelo PDS Adelar ... Orlando Schneider e pelo ... Bogo e Noli Schorn. ... da plenária, mas ti- ... oportunidade de manifestar ... ainda os candidatos ... Iron Albuquerque, Nel- ... Rui Nedel e Vili Krapp. ... — Mesmo admitindo ... tradição e até de prática do

cooperativismo neste tipo de procedi-  
mento, Walter Frantz reconheceu a ne-  
cessidade do sistema tomar esta nova  
postura diante do processo eleitoral  
gaúcho. "Experimentamos hoje na so-  
ciedade brasileira um processo evoluti-  
vo de politização e partidarização",  
disse. Acredito que ambos os proces-  
sos, tanto sob a forma de organização  
política como de organização de parti-  
dos "são muito saudáveis e necessá-  
rios. Este é um ponto altamente posi-  
tivo".  
O Fórum Cooperativista-Elei-  
ções/90, significa uma decisão do sis-

tema cooperativista gaúcho, disse na  
abertura do encontro o conselheiro da  
Ocergs, Santo Dezordi, para quem o  
cooperativismo, na sua organização,  
não pode fugir ao processo de transfor-  
mação pelo qual passa a sociedade bra-  
sileira. "É inquestionavelmente impos-  
sível admitir o sistema cooperativo  
continuar omissa diante de um grande  
desafio, que é o processo eleitoral",  
reforçou o conselheiro falando em no-  
me da Ocergs.  
**PROPOSTAS** — O Fórum Cooperati-  
vista-Eleições/90, está dando este pas-  
so inédito amparado por várias propos-

tas e que visam, em resumo, assinalar  
um compromisso entre candidato e  
eleitor. Mas a Ocergs aponta ainda a  
necessidade do diálogo, "profundo e  
sincero", entre o sistema e os candida-  
tos. "Sabemos que existem espaços nos  
governos do Estado e da União, que  
são de inteira responsabilidade dos  
segmentos da sociedade. Só queremos  
que estes espaços sejam ocupados por  
pessoas com legitimidade e responsabi-  
lidade para representar o sistema", jus-  
tificou Dezordi, para quem o momento  
é de absoluta necessidade em termos de  
aproximação das decisões polítics.

## Os candidatos preferenciais

*Numa atitude inédita e assumindo uma postura arrojada, o sistema cooperativista gaúcho, via Ocergs, está indicando os candidatos preferenciais que concorrem às próximas eleições de 3 de outubro. Os indicados são os seguintes:*

- PDS**
- \* **FEDERAL**  
Adelar da Cunha  
Adolfo A. Fetter Jr.  
Ary Faria Marimon  
Carlos Sá Azambuja  
Fernando Machado Carrion  
Iron Baldo Albuquerque  
Clóvis Rodrigues  
Victor Faccioni
- \* **ESTADUAL**  
Alvarino do Amarante Cardoso  
Ararê Vargas Fortes  
Firmino Girardello  
Francisco Sérgio Turra  
João Odil Hass  
Orlando Idílio Schneider  
Otomar Olenques Vivian  
Valmir Antônio Susin
- PFL**
- \* **FEDERAL**  
Arno Magarinos
- \* **ESTADUAL**  
Jaime Debastiani  
Vercidino Albarello

- PL**
- \* **FEDERAL**  
Balbo Teixeira  
Edison Nunes
- PDT**
- \* **FEDERAL**  
Aldo Pinto  
Carlos Cardinal de Oliveira  
Quirino Signori
- \* **ESTADUAL**  
Adelino Gelain  
Carlos E. Quintana da Rosa  
Derly Helder  
Giovani Cherini  
Ilário Pasin  
Paulo Laércio Madeira  
Regina Rossignolo  
Rudah Jorge
- PSDB**
- \* **FEDERAL**  
Rui Nedel  
Vicente J. Bogo

- \* **ESTADUAL**  
José Ângelo Bezerra da Silva  
Noli Schorn  
Vili Rubin Krapp
- PT**
- \* **FEDERAL**  
Adão Pretto  
Clóvis Ilgenfritz da Silva
- \* **ESTADUAL**  
Antônio Marangon  
Antônio Wunsch  
Elvino Bohn Gass  
José Nelmo Ten Caten
- PMDB**
- \* **FEDERAL**  
Adão C. Dorneles Faraco  
Alcides José Saldanha  
Jairo José Caovilla  
Nelson Azevedo Jobim  
Odacir Klein
- \* **ESTADUAL**  
Achyles Braghirolli  
Carlos Loureno Giacomazzi  
Dorval Bráulio Marques  
Erani Guilherme Müller  
Mário Limberger  
Romeu Cláudio Klöckner  
Vergílio F. Périus



O 1º Fórum Cooperativista Gaúcho  
10 candidatos a deputados federais  
Adelar Cunha, Orlando Schmitt,  
Clóvis Ilgenfritz da Silva, Arnaldo

**VICENTE BOGO - PSDB**  
Candidato a deputado federal

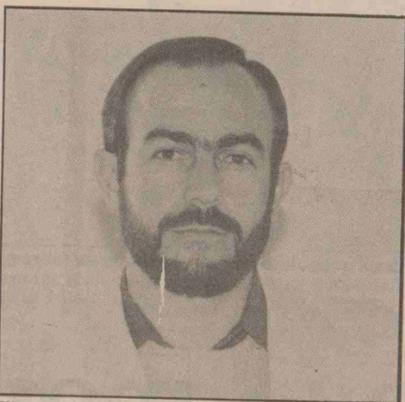
**FÓRUM COOPERATIVISTA  
GAÚCHO — ELEIÇÕES/90**

## Maior democratização

O cooperativismo não é uma organização isolada na sociedade. Não tem sua finalidade em si próprio. Ele influencia e também sofre influência da sociedade. Como um todo, muito da sobrevivência, do incentivo, do fortalecimento, da renovação do cooperativismo, depende de decisões mais amplas, de decisões nacionais, das políticas gerais de governo e em particular, da política econômica.

Na lei agrícola, ainda em discussão no Congresso Nacional, também se trata da questão das sociedades cooperativas, muito embora esse seja um assunto que vem sendo tratado à parte, em projeto específico. Aliás, existem vários projetos que tramitam pelo Congresso Nacional e que falam das sociedades cooperativas. Um dos projetos é da Organização das Cooperativas do Brasil. Tem um outro, o qual eu mesmo subscrevi, que apresenta alguns pontos coincidentes com o da OCB e cerca de 30 pontos divergentes. Essas divergências ocorreram porque nós, ao ouvir lideranças do cooperativismo do Rio Grande do Sul, entendemos que era importante modificar alguns pontos do projeto no sentido de assegurar maior democratização ao cooperativismo brasileiro.

Essa lei das sociedades cooperativas, a ser aprovada brevemente, é mais a lei agrícola, poderá dar um novo dimensionamento ao cooperativismo brasileiro. Entendemos - e o PSDB pensa dessa forma - que o cooperativismo é um instrumento fundamental para viabilizar esta modernização da agricultura e também para viabilizar um programa econômico, inclusive de desenvolvimento agrícola para o país. Por esta razão damos todo



Vicente Bogo

o apoio ao desenvolvimento do cooperativismo, à sua reestruturação institucional. Nós trabalhamos no sentido da sua autonomia, da sua democratização e entendemos que as cooperativas têm papel importante nesse processo.

E a modernização não se entende apenas como um reequipamento do ponto de vista material. Ela também depende do aspecto político e da sua inserção no sentido de se aumentar a produtividade no país, diminuindo os custos de produção. O cooperativismo poderá dar a sua contribuição neste sentido. Sei de todas as preocupações do cooperativismo por ter sido funcionário de cooperativa e assessor na área sindical.

Estamos abertos para receber todas as sugestões, como já recebemos no passado e, juntos, lutar para que o cooperativismo ocupe o lugar que lhe cabe na história do país.

**NOLI SCHORN**  
Candidato a deputado estadual

## Resgatando o candidato

Começo explicando porque eu, Noli Schorn, do Rincão do Tigre, interior de Ijuí, filho de agricultor, estou concorrendo a deputado estadual num momento de extrema crise política e tanto descredito. Milito num partido pequeno e a minha candidatura nasceu da indicação feita pelo movimento sindical dos trabalhadores rurais da região. Estou concorrendo porque acredito que não podemos deixar as coisas continuarem passando. Nós precisamos ajudar a mudar esse quadro que está aí.

É preciso que encontremos um modo para a política futura, de controle do mandato parlamentar. Nesse ponto elogio o sistema cooperativo e o movimento sindical por estarem tomando esse passo importante e indicando nomes para concorrerem a deputados estadual e federal. Vinculando esses candidatos, o sistema e os próprios eleitores terão condições de, amanhã, fazer cobranças. E os candidatos que forem eleitos não terão como fugir a esse compromisso. Realmente quem dá crédito a uma can-

didatura, como o cooperativismo e o movimento sindical estão dando, tem, mais adiante, todo o direito de exigir compromissos e responsabilidades destes parlamentares. Muitas das frustrações dos eleitores com relação aos políticos estão relacionadas com a falta de atenção. Mas essa tentativa de controlar o mandato, de resgatar o candidato, seja através do movimento sindical ou do cooperativismo, pode mudar essa situação.

E como proposta, quero dizer que além da agricultura, saúde, trabalho, nós incluímos também a questão do cooperativismo na organização. No momento atual, na crise econômica e política, não temos mais problemas individuais. E mesmo que tenhamos problemas coletivos, não podemos procurar soluções só para os nossos problemas. Temos que buscar soluções para todos os problemas.

Os mais fracos contam com as cooperativas, os sindicatos e as associações para resolverem seus problemas. Essas instituições que organizam o coletivo para a luta, para a produção, eletri-



Noli Schorn

ficação, habitação, consumo, para o trabalho e para a prestação de serviço, devem ser mais valorizadas e equipadas para fazer novamente a sociedade se pôr de pé. É através delas que vamos fazer participação política decisiva, para termos novamente coragem em nós mesmos.

**ODACIR KLEIN - PMDB**  
Candidato a deputado federal

## Compromisso com o sistema

Estamos vivendo um processo eleitoral, em que temos três tipos de candidatos. Temos o candidato com propostas de compromisso; temos o candidato da popularidade, resultado de algum veículo que o populariza e ainda temos o candidato do poder econômico. E junto do eleitor há uma frustração. Uma reação relativa a instituição parlamentar no sentido inclusive de não votar para deputado. E aí é que nos preocupa. Que o eleitor que queira ter um gesto de manifestação política, que não seja susceptível a ação do poder econômico e nem se empolgue pela popularidade, mas que quer raciocinar politicamente, que vá se manifestar pelo protesto não votando. O resultado é que vamos ter uma eleição dos populares e dos que usam o poder econômico. Por esta razão é muito importante que entidades discutam e demonstrem a importância desta eleição parlamentar.

Vou falar a respeito da eleição para deputado federal, porque concorro a deputado federal. Na próxima legislatura vamos ter de votar assuntos como o que diz respeito ao sistema financeiro nacional. Temos assistido o que se tem feito via Banco Central que pretende privatizar o máximo para internacionali-



Odacir Klein

zar o nosso sistema nacional, temos que nos preocupar, não com o nosso prestígio, mas com o nosso desenvolvimento do cooperativismo, como iniciativa privada com as instituições financeiras necessárias até para esta iniciativa privada na área de comércio e agricultura.

Temos a legislação tributária ser votada. No código tributário temos que estabelecer perfeita legislação do cooperativismo. Quando visamos a Constituição, vamos lutar a lutar para colocar o ato de voto como um ato de imunidade. Se não conseguirmos na revisão que buscar pelo menos a redução do ato cooperativo, prevendo incidência de tributação, vamos nos de buscar fazer com que o tratamento diferenciado para a produção agrícola, não dependa do Confaz.

Quanto a lei agrícola, o cooperativista, temos uma posição de posição tirada do próprio sistema cooperativista a nível de Fecotriga, para usar a instituição para parlamentar, mas tenho o compromisso de lei agrícola e de lei que foi votada pela base cooperativista da Fecotriga.

A próxima legislatura é de importância. Líderes aqui precisam ter a responsabilidade de divulgar candidaturas comprometidas com o cooperativista, com os seus interesses. Se não esse trabalho e essa divulgação, vamos ter a frustração dos que não votam e o voto político ser o voto daqueles que desejam populares eleitos, ser o voto daqueles que não votam.

Os meus cumprimentos ao sistema e ao cooperativismo pela realização de um fórum dessa natureza para termos discutir esses assuntos.

do Estado reuniu  
Virgílio Périus,  
Quintana da Rosa,  
Noli Schorn



Adelar Cunha

**ADELAR CUNHA - PDS**  
Candidato a deputado federal

## Soldado do homem do campo

Cooperativismo é a verdadeira democracia. Este trabalho está sendo feito não foi distinguido nem no campo político. Todos os partidos que defendem o cooperativismo aqui representados. Todos os representantes da sociedade deveriam ter esse procedimento para evitar as disputas políticas partidárias ou ideológicas.

Quando vendo o abandono da nossa agricultura em Brasília. São muito poucos os representantes que estão defendendo a classe. Então, é a nossa vez de conscientemente buscar eleger representantes com a classe agrícola. E preciso gente que além de entender a terra, que também entenda o cooperativismo. O ano já está se acabando e as leis que interessam a agricultura cooperativista, ainda não foram aprovadas.

Nossa agricultura é a mais produtiva do mundo. 25 por cento da nossa produção é imposto. Como é que o Brasil pode transformar num país do primeiro mundo com uma agricultura tão produtiva? Preciso de gente em Brasília para corrigir as leis e trabalhar na revisão da nossa legislação, sem mexer em pontos de interesses e que trazem benefícios para os agricultores.

Nós temos uma longa história dentro do cooperativismo. Como presidente da Ocergs, hoje licenciado, resolvemos muitos problemas. Temos um projeto de assentamento de agricultores sem-terras, a ser coordenado pelo cooperativismo. Ele vai dar terra e escolher aqueles que realmente são agricultores, que são identificados com a terra. A proposta já foi aceita, inclusive pelo presidente Collor, onde as ações do BNCC, as cooperativas poderão rever e capitalizar dentro da empresa. Em companhia de capital japonês, a Ocergs vai coordenar as cooperativas para um programa de assentamento no Brasil. E nós temos participação deste projeto.

Se hoje as cooperativas têm um convênio que retém 20 por cento do Funrural para ser aplicado na área de saúde dos agricultores, através das ações integradas de saúde, é porque lá está o nosso dedo. O convênio está vigorando, mas precisamos estar lá em Brasília para fazer fortalecer ainda mais esse convênio e poder dar uma melhor assistência ao homem do campo. Nós vamos estar ao lado de todos os segmentos do cooperativismo, pois para isto, temos conhecimento. São 25 anos dedicados ao cooperativismo e a agricultura. Vamos estar ao lado dos agricultores, porque somos soldados do cooperativismo, soldado do homem do campo e do homem cooperativista.

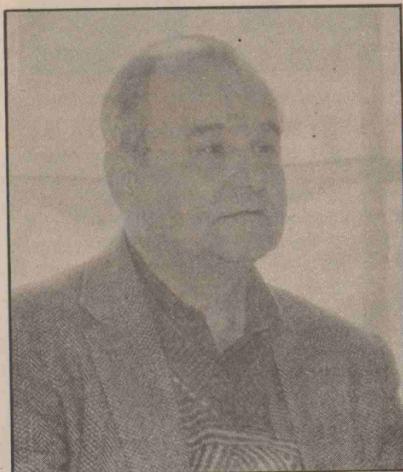
**ORLANDO SCHNEIDER - PDS**  
Candidato a deputado estadual

## É preciso reverter o processo

Perdemos estes últimos 10 anos todos os sentidos. Se olharmos o processo político das coisas, no futuro vamos ver que jamais conseguiremos a Constituição, realizar os desejos do povo brasileiro e os desejos do povo brasileiro. Perdemos recursos na área econômica e na área de serviços. Os agricultores, talvez tenham

perdido os maiores prejuízos. Precisamos reverter esse processo.

Existe no mundo inteiro uma situação diferente de se pensar o trabalho, os serviços e o próprio capital. Nós precisamos reverter este sentido da existência e da própria vida do homem na terra e no próprio Brasil. Precisamos salvar estes 10 últimos anos com organiza-



Orlando Schneider

ção. E é esta organização que deve fazer com que o sistema cooperativista, que é o mais social de todos os sistemas econômicos, possa evoluir. Se ele é o mais social, por que não tinha envolvimento na área política e porque não conseguiu se realizar, alcançar seus objeti-

**CLÓVIS ILGENFRITZ DA SILVA - PT**  
Candidato a deputado federal

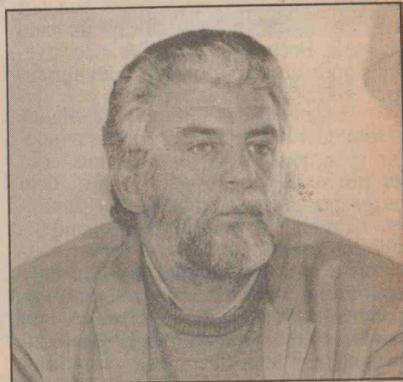
## O cooperativismo como forma de pressão

Participo do cooperativismo desde jovem, porque acredito nas formas coletivistas e cooperativistas para resolver as questões não só das comunidades pequenas, como da nossa nação e do mundo, atualmente tão conturbado.

A minha experiência começou na época estudantil, por ocasião da fundação da Cepal - a Cooperativa dos Estudantes da Universidade Federal -. Depois tive experiências no cooperativismo habitacional, onde, no início do programa BNH - fim da década de 60 e início da década de 70 - foram solucionados problemas habitacionais no Brasil. Foi nesse período que as cooperativas funcionaram com relativa autonomia. Era uma época de muito trabalho e participação e as cooperativas habitacionais até parecia que iam dar resultados. Mas aos poucos elas foram banidas e, sem força de atuação, não conseguiram mais coordenar o processo. Também tive experiências junto às cooperativas agrícolas, em especial com a Cotrijuí, tanto na minha ação profissional como sendo filho de um cooperativado e irmão de um ex-presidente.

Aqui nessa discussão e no Congresso Nacional é muito mais profundo e vai além das nossas reivindicações específicas. Estamos nos deparando com um problema muito sério de soberania da população sobre seus próprios destinos. Acho que o cooperativismo é uma das formas de fazer pressão e de organização social para que realmente se possa modificar as estruturas desse país.

Acho que o sindicalismo, tanto de trabalho como de capital, tem que existir forte, representativo e democrático. Não basta ter um cooperativismo forte, não basta ter um sindicalismo forte, como dizia Lula, se nos falta poder decisório. De que adianta os políticos, a Ocergs e a população clamarem por soluções



Clóvis Ilgenfritz da Silva

para os problemas, se o poder político está longe do nosso alcance, e lá no Palácio do Planalto, um monarca chamado Fernando Afonso manda e desmanda. E nós não temos esse poder político.

Temos uma proposta de seguro agrícola que passou pela Assembléia Legislativa, foi vetada pelo atual governo, mas que queremos colocar em prática. Temos uma proposta de crédito. Pela nossa proposta, queremos que seja possível utilizar a metade do ICMS produzido pelas próprias cooperativas no financiamento do setor agropecuário do nosso Estado.

Também queremos ressaltar a importância das cooperativas de serviços, as médicas e as de consumo. E acreditamos que todas essas organizações só vão ter sucesso se nós conquistarmos o processo político. A Ocergs está no caminho certo. Não estamos aqui fazendo discussão política partidária. Cada partido está aqui representando uma ideologia. E vamos ver qual é a ideologia que está realmente a serviço da maioria, que são os trabalhadores, que são os pequenos produtores rurais.

vos através do sistema político? Este processo precisa mudar, colocando esperanças na sociedade brasileira.

Para reverter todo esse processo centralizador, precisamos assumir todas as áreas de nossa sociedade. Não com protestos demagógicos que existem por aí, mas formando os homens e as lideranças que, integradas ao sistema cooperativista, possam realmente representar as reivindicações do homem que trabalha na terra.

Sou, acima de tudo, um cooperativista. Em 1957, ao se instalar a cooperativa de Panambi, eu estava lá prestando serviços como contador na organização da contabilidade, no recebimento da primeira safra. Mais tarde me elegei prefeito do município, cargo que ocupei em duas ocasiões.

O municipalismo é outra tarefa que faz com que o homem possa realizar seus interesses com a administração dos seus municípios. Somando o esforço do cooperativismo sadio ao municipalismo verdadeiro, nós haveremos de reverter o princípio e o sistema altamente centralizador no passado para um sistema participativo da nova era moderna que hoje queremos viver.

**CARLOS CARDINAL - PDT**  
Candidato a deputado federal

## Proposta de mudanças

Todos acompanharam a luta dos cooperativistas brasileiros no sentido de que vitórias fossem garantidas na nova Constituição. Entretanto, algumas derrotas foram registradas. Até agora não tivemos possibilidades de votar com clareza a lei das cooperativas, que por sinal recuou um pouco da proposta levada pela Fecotrigo. Também não tivemos oportunidade de votar a lei agrícola.

Estamos agora diante de alguns fatos concretos que não posso desvincular as atividades governamentais com as propostas do cooperativismo, com as propostas do sindicalismo e fundamentalmente com as teorias econômicas que caminham de uma forma muito clara para um centralismo que bate com muita força na união dos produtores, numa proposta de organização. Nas medidas provisórias do atual presidente podemos identificar uma verdadeira escalada autoritária no rumo da internacionalização da nossa economia, no rumo da desestruturação da pequena e média propriedade, numa agressão que ainda vai atingir o cooperativismo de crédito. Contra todo este tipo de agressões é que precisamos de um cooperativismo comprometido com esta luta de transformações, de um sindicalismo comprometido. E a nossa proposta é de mudanças, exatamente para que tenhamos força junto com os segmentos organizados no sentido de modificar a atual política nacional.

Aproveito para falar da importância da organização dos agricultores, das cooperativas, do sindicalismo e do siste-

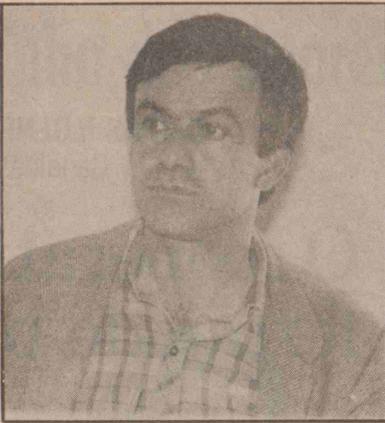
**VIRGÍLIO PÉRIUS - PMDB**  
Candidato a deputado estadual

## Numa encruzilhada

O sistema cooperativista se encontra em uma encruzilhada muito séria. Está vivendo uma nova fase. Passou da fase de tutela do Estado. De agora em diante, a responsabilidade deve ser a tônica nesta nova fase de consolidação do sistema. O apoio dos cooperativistas, dos associados de nossas cooperativas vem reforçar o processo legislativo que tem por obrigação complementar esta estrutura basilar montada para defender as cooperativas a nível de constituição estadual e federal.

Nós teremos a tarefa de levantar e produzir no mínimo 15 leis que deverão complementar as constituições federal e a estadual, já que as duas, são enunciados gerais de princípios universais muito bem trabalhados. Agindo desta forma, estaremos trabalhando para colocar o cooperativismo num patamar extremamente democrático, livre e autônomo. Isso precisa ser implementado e sustentado por essas leis complementares. No Rio Grande do Sul chamo a atenção para a constituição estadual. Devemos gerar e produzir uma lei de incentivo, notadamente voltada para a questão dos incentivos fiscais.

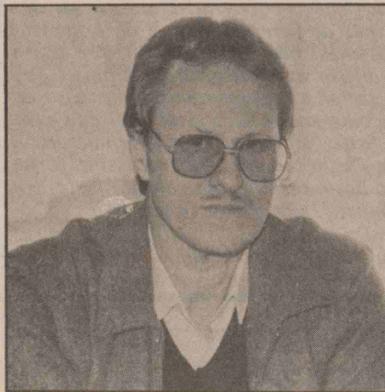
No que diz respeito às cooperativas de consumo, que pela primeira vez encontram proteção constitucional, devemos encontrar fórmulas capazes de gerar um abastecimento popular e uni-



Carlos Cardinal

ma de crédito cooperativista. Estamos diante deste fato lamentável que se chama correção monetária, imbutidas com o Plano Collor nos custeios agrícolas e investimentos. A justificativa das autoridades é de que este dinheiro estava lastreado na Caderneta Verde. Como a Caderneta Verde quebrou a anistia do Plano Verão, o governo teve que recorrer a um projeto aprovado no Congresso Nacional para socorrer o custeio agrícola através do Banco do Brasil, com títulos do Tesouro Nacional. Estes títulos foram vendidos e colocados no Banco do Brasil. Este é o dinheiro que financiou a safra 89/90. Portanto, não tem um cruzeiro lastreado em caderneta de poupança.

Só o cooperativismo forte, só a união dos produtores e só decisões governamentais que sejam tomadas aqui na base, e não lá em Brasília, é que poderão criar o ambiente para a lei agrícola, para a lei das cooperativas. São estas leis que queremos que o poróximo Congresso Nacional aprove, para que os agricultores tenham algum momento de sonho, de perspectiva. Um futuro que estamos empenhados em construir.



Virgílio Périus

versal. Na área da tecnologia e da pesquisa, dar preferência às cooperativas neste sentido, muitas vezes alijadas do processo tecnológico. E no campo da agricultura, efetivamente, pensar seriamente no novo modelo agrícola. No campo econômico, evidentemente, as tarefas são mais gigantescas. Vamos ter que trabalhar em cima de três questões básicas, muito longe do alcance dos produtores rurais e dos associados de nossas cooperativas: a agroindústria, o crédito e o político.

A agroindústria é a essência que hoje cerca o cooperativismo. Sem agroindústria, a dependência do produtor rural e também do nosso consumidor vai ser cada vez pior. Na questão do crédito está a consolidação do sistema cooperativista voltado para este setor. No campo político, vamos lutar por duas bandeiras: a do parlamentarismo e a da necessidade do ensino do cooperativismo nas escolas.

**ANTÔNIO WÜNSCH - PT**  
Candidato a deputado federal

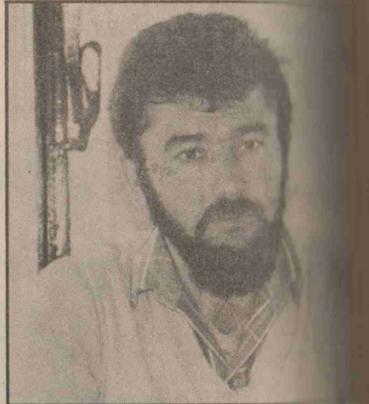
## Cooperativismo forte

Fui presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três de Maio durante seis anos. Em 1986 concorri a deputado federal e fiquei na terceira suplência. Atualmente sou vereador e concorro a deputado estadual pelo PT.

Todo o mundo sabe que o impulso do cooperativismo se deu a partir de 1964, com o golpe militar. Esse impulso e criação de novas cooperativas aconteceu exatamente para servir a um modelo econômico e que hoje sofre as consequências. Tenho sido um defensor da idéia de transformar esse sistema cooperativista, essa ferramenta de luta nas mãos dos agricultores. Durante os meus dois mandatos no Conselho Deliberativo da Cotrimaio, procurei trabalhar no sentido de implantar um sistema cooperativo democrático. Precisamos de um sistema cooperativo democrático, com a participação dos associados nas decisões do cooperativismo. Precisamos também de um cooperativismo autônomo. Essa autonomia deve ser conquistada aos poucos, mas precisa ser aprimorada.

Entendo também que precisamos de um cooperativismo sério e que esteja voltado para os interesses da maioria dos seus associados, que são os pequenos agricultores. Mais de 90 por cento dos agricultores gaúchos são médios e pequenos. Para estes precisamos fazer um cooperativismo forte.

Mas se queremos um cooperativismo forte e autônomo, um cooperativismo com agroindústria, nós precisamos de uma agricultura forte. Hoje se constata que os agricultores estão falidos. Há 30 anos atrás, 70 por cento da população do Brasil se encontra-



Antônio Wunsch

va no meio rural. Hoje ela está reduzida a apenas 30 por cento. A população se inverteu porque temos um modelo de liberalismo econômico implementado que vem levando os agricultores à falência. Se hoje os agricultores são médios, é porque temos um sistema econômico que leva a essa situação. A solução é de que até o ano 2.000 essa população seja de apenas 10 por cento.

Se queremos inverter essa situação, precisamos de um cooperativismo e de uma agricultura forte. Uma agricultura forte só vamos conseguir com um seguro agrícola. Precisamos ter um projeto de recuperação da pequena propriedade. E isso é função do governo do Estado, é função dos deputados estaduais apresentarem projetos neste sentido. Precisamos no Rio Grande do Sul o Fundopen do cooperativismo. Por que não podemos ter incentivo do ICMS para desenvolver tecnologias, pesquisa e agroindústrias com o controle dos próprios associados?

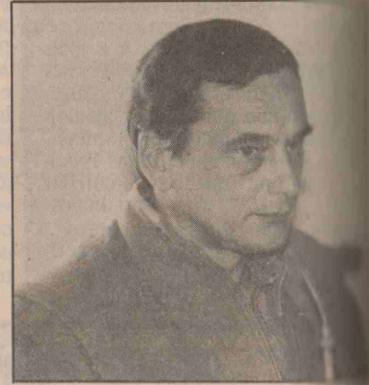
Precisamos ter no Rio Grande do Sul o Fundopen do cooperativismo. Por que não podemos ter incentivo do ICMS para desenvolver tecnologias, pesquisa e agroindústrias com o controle dos próprios associados?

**CARLOS QUINTANA  
DA ROSA - PDT**  
Candidato a deputado estadual

## Prioridades, não privilégios

O meu convívio com o sistema cooperativista já dura 26 anos, 10 dos quais dentro da Cotrijui, atuando junto ao Irfa. Esta condição me levou a uma profunda reflexão no sentido de que efetivamente haja uma participação muito mais ativa na defesa dos interesses do cooperativismo e, principalmente do cooperativismo de produção. Há muito tempo se ouve falar em prioridade agrícola. Muitos governos já passaram e todos falaram sobre o mesmo assunto. Só que, de concreto, nada ainda existe. Entendo que priorizar a agricultura é priorizar as bacias leiteiras, a produção de carnes, a produção de grãos.

Nos demais segmentos do cooperativismo a situação também não é diferente. Motivados por esse espírito e essa vontade de fazer alguma coisa pelos interesses da classe agrícola e também pela frustração em relação ao desempenho de alguns políticos, é que estou entrando na vida pública. O meu objetivo fundamental é lutar por um



Carlos Quintana

segmento único: o associativismo em suas mais diversas formas e diversas expressões. A minha luta na vida pública vai ser em defesa do cooperativismo.

Precisamos nos unir a nível de produtor, em torno de candidatos que efetivamente tenham compromisso com o sistema cooperativista. Não é nas aquele compromisso de voto no momento de obtê-lo, mas compromisso com o produtor, com a classe agrícola. Esse compromisso não significa simplesmente ter cheiro de terra. É preciso ter capacidade, ter iniciativa, ter vontade. É preciso ter compromisso com a nossa classe, com o cooperativismo em todas as suas formas, para que efetivamente possamos ter sucesso.



Além dos candidatos da região convidados para o debate, também tiveram a oportunidade de se manifestar, outros candidatos que, convidados ou não, também se fizeram presentes: Erani Müller, Vili Krapp, Nelmo Ten Catem, Iron Albuquerque e Rui Nedel

**FÓRUM COOPERATIVISTA GAÚCHO — ELEIÇÕES/90**

**VILLI KRAPP - PSDB**  
Candidato a deputado estadual

**A importância do voto**

Sou natural de Tucunduva, filho de pequeno agricultor, advogado e técnico agrícola. Como advogado, atuei na Federação dos Trabalhadores na Agricultura e também fiz assessoria a vários sindicatos rurais da região de Santa Rosa.

Sou um dos candidatos escolhidos pelo movimento sindical dos trabalhadores rurais e conto com o apoio da Fetag e da Ocergs. A minha candidatura nasceu a partir da idéia, levantada pelo movimento sindical, de que tanto a agricultura como o sindicalismo precisam tomar parte das decisões políticas que envolvem a classe trabalhadora rural de um modo em geral.

Faço um apelo no sentido de que é importante participar destas eleições. Todas as



Vili Krapp

decisões políticas a serem tomadas vão interessar a cada um de nós. Então, votar nulo ou em branco, não vai ajudar a melhorar a situação deste país. De qualquer forma, os 55 deputados estaduais e os 31 federais vão se eleger e com muito mais facilidade. Vamos participar.

**NELMO TEN CATEM - PT**  
Candidato a deputado estadual

**Contra modelo exportador**

Sou pequeno produtor no município de Cerro Largo e sindicalista. Sempre estive ao lado do pequeno agricultor, pelo fato de ser ele um homem que com sua própria força trabalha a terra e dela arranca o alimento que é o sustento da família gaúcha. Temos lutado contra esse cooperativismo de modelo exportador que favorece



Nelmo Ten Catem

ceu o trigo e a soja, sem se voltar para a produção de alimentos.

Fazer cooperativismo dentro deste modelo econômico eminentemente capitalista, não é uma tarefa muito fácil. Entendemos que enquanto o poder político não estiver nas mãos da maioria da população que é a classe trabalhadora, não vamos conseguir fazer o verdadeiro cooperativismo. Defendemos a idéia de que o verdadeiro cooperativismo deve come-



Rui Nedel

**RUI NEDEL - PSDB**  
Candidato a deputado federal

**Na luta por crédito fundiário**

Rui Nedel, como constituinte e deputado federal, já mostrou serviço. Defendemos as idéias em prol do cooperativismo e estamos prontos para continuar a luta em todos os pleitos que o sistema tiver, tanto a nível de Congresso como de revisão Constitucional.

No nosso programa temos avançado inclusive nas questões da terra, encarando-a como bem cooperativo. Temos um projeto de lei do crédito fundiário para o produtor na dimensão de um módulo rural ou na forma cooperativa, atingindo tantos módulos rurais quantos forem os elementos integrantes do grupo.

É obrigação do PSDB promulgar e promover o associativismo, o cooperativismo, assim como também é obrigação defender e propugnar pelo parlamentarismo.

çar pela educação. Nós queremos o cooperativismo nas escolas. E defendemos um cooperativismo onde os pequenos agricultores principalmente e também os trabalhadores e consumidores possam se organizar em associações e pequenas cooperativas. Só assim vamos conseguir encurtar o caminho entre o capital e o trabalho.



**ERANI MÜLLER - PMDB**  
Candidato a deputado estadual

**O melhor caminho**

seu esforço, mas principalmente por duas coisas importantes que aqui existem: a Unijuí e a Cotrijuí.

Entre as emendas que apresentamos na Assembléia Estadual Constituinte, destaco a que se refere às linhas de crédito, indispensáveis para um verdadeiro desenvolvimento das atividades que dizem respeito ao cooperativismo e a divisão dos lucros. Esta é também uma proposta que apresentamos por ocasião da elaboração da Constituinte Estadual. Portanto, estamos aqui na luta, na defesa do cooperativismo porque achamos que é o melhor caminho para o desenvolvimento social e econômico.



Iron Albuquerque

**IRON ALBUQUERQUE - PDS**  
Candidato a deputado federal

**A linguagem do agricultor**

Respeito as contestações que por aqui passam entendendo o cooperativismo a organização das cooperativas. Mas acho que os maiores aqui presentes não ouvem outra linguagem a do agricultor que mora na terra, que antes de casa ainda preparou a sementeira para plantar e que quase arrebitou o machado com o machado. Pois agricultor, se não pagar

sua conta no Banco do Brasil até amanhã, dia 31 de agosto, vai perder o direito de prorrogação e o direito de pagar 42 por cento de rolar o saldo. Esta é a realidade da agricultura brasileira e nós estamos sendo assaltados por esse sistema especulativo bancário. O produto primário não vale nada. Os preços estão lá embaixo, enquanto os dos insumos estão lá em cima. A agricultura brasileira está falida.

**CORSUM**

HERBICIDA PARA A SOJA.

SOLUÇÃO NA DOSE CERTA.



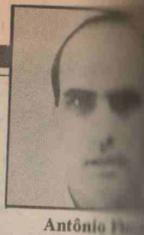
**CIBA-GEIGY**  
DIVISÃO AGRÍCOLA

CORSUM - Marca Registrada da Ciba-Geigy S.A. - Suíça. Produto registrado na BRONCA-SPS/MA, sob o n.º 013885.



# A erva-mate em debate

Coronel Bicaco realizou, de 6 a 9 de setembro, a sua Feira Nacional da Erva-Mate. Em lugar de festas, muito debate em torno da qualificação da erva-mate na região



Antônio Joreci Flores

A Feira Nacional da Erva-Mate já é um evento consagrado entre as programações do município de Coronel Bicaco. Criada em 1980, ela vem reunindo, desde então e a cada dois anos, produtores, pesquisadores, viveiristas, industrialistas e autoridades ligadas ao setor. E embora apareça com ares de festa, onde o chimarrão corre solto, a Fenamate, em sua quinta edição, quer mais é passar uma outra imagem: a de preocupação com a cultura da erva-mate

te que, por muitos anos cobriu os campos do município, só sendo dizimada depois que o binômio trigo e soja subiu à cabeça dos agricultores brasileiros. "O que queremos é aprofundar a discussão em cima da falta de tecnologia para a cultura. Este é o real sentido da Fenamate", faz questão de deixar claro Antônio Joreci Flores, gerente da unidade da Cotrijuf em Coronel Bicaco e, neste ano, presidente da Fenamate. A Fenamate aconteceu de 6 a 9



No Parque de Exposições Ramão Luciano de Souza, a V Fenamate

de setembro, no Parque de Exposições Ramão Luciano de Souza. Paralelo, também aconteceu o V Chimarrão da Canção Missioneira. O comércio, a indústria ocuparam todos os estandes colocados à venda, transformando a V Fenamate em mais um sucesso.

**VALIDADE** — Para o Antônio Flores, todas as Fenamates realizadas em anos anteriores tiveram a sua validade, mas aponta para um outro caminho, o da ação. "Não podemos mais ficar só no discurso. Precisamos partir para a prática", diz ele referindo-se a necessidade de um maior compromisso entre produtores, entidades de pesquisa e setor público. "Queremos criar um programa de produção que venha beneficiar o produtor, mas que também crie um fórum de discussão da questão téc-

nica da erva-mate. E a questão da produção, segundo o presidente da Fenamate, tem avançado, mas de um tanto lenta e desordenada. "Nosso compromisso é organizar a produção", diz ele, consciente de que o produtor não está encontrando apoio técnico necessário para a produção da cultura.

Nessa amarração que existe na Fenamate, alguma coisa já anda mudando. A Cotrijuf e Prefeitura Municipal já estão se programando para a plantação de um viveiro de mudas. Se viveiro teria o acompanhamento de técnicos da Cotrijuf e Emater. Dito que, com a instalação desse viveiro, vamos ter condições de oferecer a melhor a cultura da erva-mate no município, desafia Flores.

## Falta pesquisa

Difundir tecnologias de produção com fundamentos científicos e comprovados pela pesquisa para a cultura e ainda promover a discussão entre pesquisadores, técnicos e produtores sobre os problemas enfrentados pela cultura, foram alguns dos objetivos que levaram os organizadores da V Fenamate e promoveram a I Jornada Tecnológica da Erva-Mate. Para falar da cultura erva-mate e seus aspectos técnicos, um especialista no assunto: o engenheiro florestal Paulo Floss, da Empasc de Chapecó, Santa Catarina. "A erva-mate é uma cultura como qualquer outra. Requer tratamentos culturais e manejo. É esta mentalidade que queremos imprimir entre produtores e técnicos", simplificou o engenheiro agrônomo Odionomar Becker, coordenador técnico da Fenamate, justificando a realização da Jornada.

A I Jornada Tecnológica da Erva-mate aconteceu dentro das programações da Fenamate nos dias 6 e 7, na Câmara de Vereadores. A produção de mudas e seus problemas foram os primeiros assuntos levantados pelo pesquisador da Empasc. Para quem produz mudas em casa, sugeriu o plantio de sementes em embalagens de porte médio. Não aconselhou o plantio de mudas muito grandes.

A repicagem — passagem da muda da sementeira para a embalagem — é uma das etapas mais importantes na formação da planta. Os cuidados com o sistema radicular evitam a formação de cachimbamentos das raízes. Os defeitos de uma repicagem mal feita, segundo Paulo Floss, são constatadas, de um modo em geral, a nível de campo, "quando nada mais resta a fazer, senão arrancar a muda e fazer a poda das raízes". Mas se o cachimbamento for constatado na hora da repicagem, só há uma saída: eliminá-la do viveiro.

**A PODA** — A poda no viveiro só deve acontecer quando a muda atingir de 15 a 20 centímetros de altura. Já a poda de formação deve ser feita logo após o plantio da muda, com o objetivo de forçar a bifurcação e dar uma arquitetura mais adequada às erva-mates. "Ela deve ser feita a uma altura entre 10 a 15 centímetros do solo, tomando o cuidado de deixar sempre, de quatro a cinco folhas na base do caule", recomendou.

Com relação a decape, Paulo Floss lembrou que a Empasc vem desenvolvendo alguns projetos com bons resultados. Um destes projetos prevê decape em junho, julho, agosto e setembro. "Também estamos fazendo

Paulo Floss Mais conhecimentos



um outro trabalho de decape de safrinha, anual e nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro", observou o pesquisador. Mas uma poda que vem dando resultados satisfatórios é aquela feita a cada 18 meses. "Seria um ano na safrinha e outro na safra", observou.

Outro trabalho da Empasc destacado pelo pesquisador vem avaliando decaques realizados em diferentes alturas do chão, "desde os 30, 60 e 90 centímetros". Disse que já foi possível observar, até agora, que erva-mates decaçadas no chão, oferecem condições de se fazer uma cobertura no solo e as brotações que vêm de baixo ajudam a formar novas raízes, "recuperando, desta forma, esses erva-mates". Mas não recomenda, considerando os resultados alcançados, a decape a 90 centímetros do solo, dando preferência àquela que é feita a uma altura de no máximo 30 centímetros.

**O VALOR DOS CONSÓRCIOS** — Outra recomendação do pesquisador aos produtores e técnicos presentes: plantar erva-mate consorciada com outras culturas como o milho, o feijão e a soja. A única observação que fez foi com relação ao milho. Sugeriu um espaçamento maior entre a erva-mate e o milho.

**FALTA PESQUISA** — Paulo Floss falou ainda da importância da preparação do solo antes da instalação de um erval e da necessidade de uma adubação adequada até como forma de se obter melhores rendimentos com a cultura. Mas reconhece que, ainda hoje, o grande problema vivido pelos produtores está relacionado com a falta de difusão das tecnologias recomendadas. "Na região oeste de Santa Catarina, já existe condições de se levar boas quantidades de técnicas para o produtor, mas ainda falta muita pesquisa", disse Paulo Floss, o único pesquisador do Estado trabalhando dentro da área de essências florestais. "Além de enfrentarmos problemas com a baixa qualidade das mudas colocadas à venda, o produtor também ainda não está sabendo fazer a condução e o manejo correto no seu erval".

## Preocupação com a qualidade das mudas



Alberto Tomelero

Alberto Tomelero era um dos muitos produtores que, mesmo de um aguaceiro danado que caiu no dia 6 de setembro, deixou sua propriedade para aprender um pouco mais sobre erva-mate, uma cultura que começou a reconquistar espaços na região de Coronel Bicaco. Tomelero é proprietário de um erval de oito mil pés de planta, com idade entre um a oito anos. Seu objetivo é fazer 30 por cento da minha área com erva-mate", afirmou o produtor lembrando que o seu erval já ocupa 4,5 hectares. Pretende plantar mais três hectares com a cultura e mais outros dois hectares com eucalipto. "Dessa forma fecho metade da área. O restante vou destinar para outras culturas, como a soja e o milho, por exemplo", destacou.

A erva-mate, na opinião de Alberto Tomelero é mais uma alternativa para a propriedade, "principalmente para o pequeno produtor que dispõe de mão-de-obra sobrando em casa". Considera um investimento a médio e longo prazos. "Comecei há oito anos atrás, mas recém agora estou tirando os primeiros resultados, ainda destinados para a manutenção do próprio erval. Mas acha que o produtor que tem persistência na atividade, só tem a ganhar pois os resultados obtidos após os investimentos de implantação do erval podem ser considerados rentáveis se comparados a outras culturas. "Mesmo aqui alguns anos o preço da erva-mate seja 50 por cento inferior ao que está sendo praticado atualmente, ainda assim, é possível ganhar dinheiro. É uma cultura que ainda assim oferece uma receita maior do que qualquer outra", disse ele fazendo comparações e levantando a possibilidade de consorciar a erva-mate de onde o produtor pode tirar a sua subsistência.

**PROBLEMAS** — Quando fala em persistência, Tomelero não está se referindo apenas ao tempo de retorno dos investimentos aplicados. Ele também está se referindo às dificuldades de implantação de um erval que quase sempre esbarram na falta de mudas de qualidade e na falta de uma tecnologia adequada para a cultura. "Para chegar a um erval de oito mil mudas, é necessário plantar em torno de 20 mil mudas", se queixa o produtor.

Tirando a questão da qualidade das mudas, uma outra preocupação começa a tirar o sono dos produtores de erva-mate da região: o intenso ataque de broca. Hoje, grande parte dos erva-mates do município estão sendo atacados pela broca, "levando a planta, no início, a redução da sua produção e, depois à morte", explica o produtor. Acredita que, em parte, está faltando um pouco de atenção dos produtores em relação a cultura. "Um erval é como uma lavoura de soja. Tem que ser aplicadas as técnicas que o momento exige", disse criticando o descaso em relação a cultura, que vai desde o manejo de um manejo adequado, adubação e acompanhamento técnico, entre outros procedimentos. "A maioria dos produtores ainda acha que é possível se plantar um erval com o se fazia antigamente, sem qualquer tipo de assistência técnica".

## vida regional

### ASSENTAMENTOS

### ALTO ALEGRE

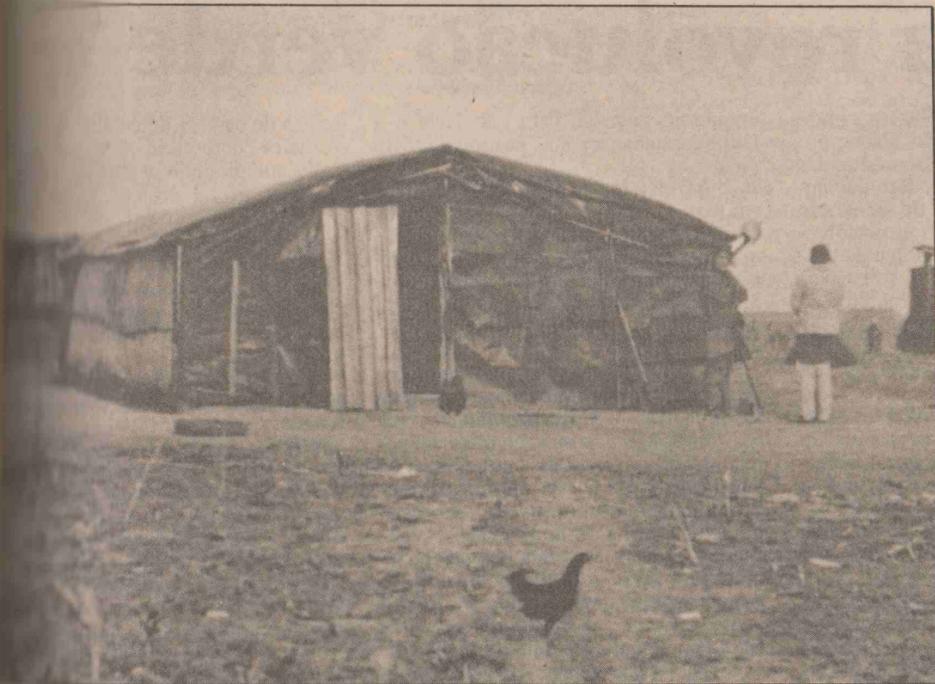
#### Produção colhida no ano

- \* 450 sacos de trigo
- \* 100 sacos de aveia
- \* 2.000 sacos de milho
- \* 450 sacos de arroz
- \* 600 quilos de amendoim
- \* 3.000 quilos de mandioca
- \* 400 quilos de hortaliças
- \* 4.000 quilos de batata-doce
- \* 500 quilos de milho pipoca

#### Aquisição de animais e máquinas

- \* 40 cabeças de animais bovinos
- \* 2 cavalos de tração
- \* 105 suínos rústicos
- \* 800 galinhas poedeiras
- \* 1 trator de 290 HP (ano 1982)
- \* 1 tanque para óleo combustível
- \* 1 grade para trator
- \* 1 trilhadeira

... dos assentamentos de Campo Seco: de Alto Alegre e o de Vista Nova. A adoção do sistema de exploração comunitária do solo está garantindo a permanência dos colonos na terra.



Nos assentamentos de Alto Alegre e Vista Nova vivem 65 famílias... explorando de forma comunitária um total de 1.079 hectares de terra.

barbaridade, pois se plantava de enxada e arado de boi. Toda a produção já seria pouca pra sustentar a família. Imagina, tendo que dividir.

E prossegue, lembrando daqueles dias:

- Invadimos e nos expulsaram por várias vezes. Que me lembre, expulsaram-nos do latifúndio do Plínio Dutra, em Palmeira das Missões; em Santo Angelo, da Fazenda da Barra, em São Miguel das Missões, Tupanciretã, e muitos outros. Pra Dom Pedrito já viemos com terra prometida pelo governo, que até nos garantiu alimento por seis meses. Como não era época de plantação, trabalhamos colhendo milho e soja, dos agricultores. Foi uma mão na roda, pois além de ganhar algum dinheiro, que serviu para comprar semente de trigo, que plantamos no inverno, ainda desmanchamos a má impressão dos fazendeiros daqui, que

diziam que a gente era vagabundo.

Mas, hoje - orgulha-se o Jorge Rufino - o senhor pode perguntar prós fazendeiros que nos conhecem, se eles querem vizinhos melhores", disse, com certa arrogância.

**O QUE ERA E O QUE É** - Para se saber porque, em tão pouco tempo, os fazendeiros de Dom Pedrito, lindeiros aos assentados, mudaram de opinião sobre seus novos vizinhos, é só ler a estatística de produção de antes, e depois dos assentamentos.

Começamos por Alto Alegre. Nos 330 hectares do antigo dono, tinha a casa de moradia e um matinho de eucaliptos. O restante era coberto de barba-de-bode, recorda Eduardo de Almeida. Com força e organização, "mais nossas foices e enxadas", eles conseguiram tirar uma boa produção no restante do ano, como mostram os quadros.

## Dois exemplos que deram certo

"Era gente mui feia. Brancos tismados, indiados e mulatados, todos magros e com muitos filhos. Mas hoje, vendo-os arrancar da terra o alimento, de onde se dava barba-de-bode, até estou achando eles bonitos..."

(Fazendeiro pedritense, vizinho dos colonos, um ano após os assentamentos de Campo Seco, em Dom Pedrito-Rosário do Sul)

... chegou gente de todos os lados. De Cruz Alta, de Passo Fundo, de Carazinho, Sarandi, Tenente Portela, Três Lagoas, Nonoai e Ronda Alta. Os modernos maronitas trouxeram a terra prometida, e nas barracas de plástico nos elevados do campo aberto e prepararam-se para enfrentar os rigores do inverno e o abrasamento do verão da Campanha gaúcha. Foi em maio de 1989. Faz, por aí, 15 meses.

Eles vinham de muitas lutas por muitas moradas, no resto do longo dos largos caminhos do Rio Grande, "que esquentado é um mundão de terra e de boas aguadas", disseram, arrebatados, do colonizador Borges, líder dos assentados do Alto Alegre.

Eduardo Antonio de Almeida, casado, pai de sete filhos, que ficou encantado com o mundo de terras que viu surgir na região de Campo Seco. "É que de seco só tem terra", admira-se ele ...

"É tudo isso sem nem um pé de planta de comer" completou a mulher dele, ao olhar na soleira da porta,

após ter acendido o fogãozinho a lenha, no interior da barraca, pra aquecer a manhã fria.

São dois os assentamentos de Campo Seco. O primeiro, para quem vai na direção de Rosário do Sul, é o Alto Alegre. Estão assentadas ali, vinte famílias. O regime é inteiramente comunitário. A associação coletiva foi decisão do grupo, desde as primeiras invasões de terras. Eles concluíram que unidos eram mais fortes, podiam resistir melhor. A extensão é de 330 hectares.

O outro assentamento, uns 10 quilômetros adiante, faz divisa com o município de Rosário do Sul. É o Vista Nova. Tem a extensão de 749 hectares, ocupado por 45 famílias, que adotaram o mesmo sistema de exploração comunitária do solo.

**A DIFÍCIL CHEGADA** - Jorge Rufino Pinheiro, natural de Ronda Alta, casado, com quatro filhos, é o líder do Vista Nova. Mais disposto - diria - até extrovertido - Jorge Rufino forneceu detalhes da luta que o grupo travou, por mais de dois anos, para, enfim, conquistar seu torrão. Disse ele.

- A gente queria deixar de ser explorado. Se plantava em terra arrendada tendo que entregar 50 por cento da produção ao dono. E isso era uma

### VISTA NOVA

#### Produção colhida no ano

- \* 2.600 sacos de trigo
- \* 9.000 sacos de milho
- \* 28 sacos de amendoim
- \* 66 sacos de batata-inglesa
- \* 916 abóboras
- \* 148 quilos de alho
- \* 482 sacos de soja
- \* 12 sacos de arroz - de sequeiro
- \* 1.800 sacos de aveia semente
- \* 7.000 sacos de feijão preto
- \* 21 sacos de milho pipoca
- \* 56 sacos de batata-doce
- \* 113 quilos de cebola
- \* 900 sacos de sorgo
- \* 88 vassouras
- \* 6.026 mudas de árvores

#### Maquinário adquirido

- \* 3 tratores de porte médio
- \* 3 arados de discos
- \* 1 grade de disco
- \* 1 semeadeira de trator
- \* 2 plantadeiras
- \* 2 trilhadeiras
- \* carroças tração animal
- \* 2 trituradores
- \* 1 engenho
- \* 1 grade tração a bois

### VISTA NOVA

#### O que existia na fazenda, à época da chegada dos agricultores

- \* 30 suínos tipo banha
- \* 28 ovinos
- \* 50 galinhas
- \* 20 vacas

#### Parados no galpão

- \* 4 tratores
- \* 2 grades goble
- \* 1 grade de trator
- \* 1 arado de discos
- \* 2 colheitadeiras

#### O que existe atualmente na fazenda:

- \* 1.187 galinhas
- \* 50 patos
- \* 15 marrecos
- \* 2 gansos
- \* 2 perus
- \* 272 suínos mistos - carne e banha
- \* 68 bovinos - leite e corte
- \* 11 cavalos - tração e montaria
- \* 74 ovelhas
- \* 26 porquinhos da índia
- \* 69 coelhos para corte



Os efeitos da biotecnologia sobre a economia mundial, são, em certos casos, mais profundos do que as próprias decisões de política econômica. No setor primário, a biotecnologia tende a aumentar e melhorar a produção de alimentos

## EUROPA

## A segunda revolução verde

Argemiro Luís Brum  
Montpellier — França

A biotecnologia, isto é, a aplicação de princípios da ciência e da engenharia no tratamento de matérias, pelos agentes biológicos, na produção de bens e serviços (1), é um dos pontos centrais de discussão do mundo de hoje.

Afora os aspectos da evolução tecnológica propriamente dita, os quais, no caso da biotecnologia, formam um conjunto de técnicas destinadas a modificar o que é vivo, o ponto que chama a atenção diz respeito às modificações econômicas que a biotecnologia vem provocando e deverá provocar nos próximos anos. As relações de mercado sobretudo são as mais visadas neste avanço da ciência moderna. A importância de tal evento é tamanha que hoje podemos classificar as descobertas da biotecnologia como fazendo parte de uma segunda evolução verde mundial. A nível global a biotecnologia seria a terceira revolução tecnológica deste século, após a energia nuclear e as tecnologias da informação (2).

Assim, os efeitos da biotecnologia sobre a economia mundial são, em determinados casos, até mais profundos que as próprias decisões de política econômica adotadas pelo mundo afora. Segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico — OCDE —, a biotecnologia atual — ou nova — se distingue das outras grandes tecnologias que caracterizam o século XX pelo fato que suas repercussões sobre a qualidade da vida, suas conseqüências para o homem e para a sociedade, se manifestam mais cedo e podem ser mais profundas que os incidentes macroeconômicos medidos pela produtividade, os investimentos ou o crescimento do PIB (3).

No que tange ao setor primário, o ponto central de nossa análise neste trabalho, a biotecnologia tende a aumentar e melhorar a produção de alimentos graças a aceleração do crescimento das plantas e dos animais, a produção de plantas mais resistentes às doenças, a um forte aumento da produtividade e da qualidade das plantas e animais. . . No ritmo atual, na próxima década tudo poderá ser modificado no setor da agropecuária. Na verdade, tudo indica que na primeira década do milênio 2000 poderemos assistir a um novo aumento da produção agrícola o qual, se não for acompanhado de uma melhor distribuição da renda mundial, deverá agravar os atuais problemas de excedentes agrícolas e baixos preços pagos aos produtores.

Mas além destes fatores mais facilmente visíveis, existe uma outra questão que não pode ser negligenciada quando se trata dos efeitos da biotecnologia sobre o setor primário. Como a nova biotecnologia é evidentemente uma tecnologia controlada pelos países altamente industrializados, tanto do ponto de vista da pesquisa e do desenvolvimento, quanto dos mercados potenciais, as grandes empresas utilizarão os progressos da genética ve-

getal para substituir as plantas provenientes do Terceiro Mundo. Estas, poderão cada vez mais serem produzidas nos países desenvolvidos, fato que aumentará a concentração do comércio mundial. Em outras palavras, a biotecnologia reduz a demanda global de produtos primários provenientes dos países subdesenvolvidos. Uma tal redução acaba indo ao encontro de uma antiga evolução através da qual a indústria capta os mercados provenientes da agricultura.

**REDUÇÃO DE MERCADO** — Neste contexto global que acabamos de sintetizar acima, o fato de que a evolução da biotecnologia provoca importantes interferências, de natureza estruturais, diga-se de passagem, nos mercados agropecuários mundiais, nos parece um ponto chave.

Primeiramente, nestas próximas duas décadas, correspondentes a virada do milênio, nós deveremos assistir a uma ainda mais concentração do mercado internacional de produtos agropecuários no interior da chamada zona OCDE (4). Isto porque as principais mudanças provocadas pela biotecnologia ainda estão por vir.

De fato, as despesas totais em pesquisa e desenvolvimento da biotecnologia na OCDE, que se situava entre 3 e 4 bilhões de dólares em 1987 deverão crescer significativamente nos próximos anos. Assim, visando melhorar a qualidade dos produtos, os países ricos estão dispostos a investir na pesquisa. Seus consumidores reforçam esta disposição na medida em que estão prontos a pagar 30 por cento mais caro para poderem se beneficiar de produtos de melhor qualidade. Uma tal realidade permite prever um aumento dos negócios no setor alimentar dos países da OCDE na ordem de 30 bilhões de dólares no ano 2000.

**O CASO DO AÇÚCAR** — Em diversos setores da economia agropecuária os efeitos já se fazem sentir de uma tal estocada da biotecnologia, como é o caso do açúcar.

Hoje a indústria que produz um edulcorante tirado do milho que origina um xarope de milho de alto teor de frutose e isoglucose: o HFCS. Em conseqüência, o mercado mundial do açúcar natural caiu significativamente. Em 1975, 90 por cento do açúcar comercializado vinha dos países subdesenvolvidos, entre os quais o Brasil. Os países ricos importavam 70 por cento deste total. Já em 1981, a parte dos países subdesenvolvidos tinha caído para 67 por cento, enquanto 57 por cento deste total se destinava aos países ricos. Somente os Estados Unidos e o Japão reduziram suas importações de açúcar de cana em 2,5 a 3 milhões de toneladas. Para 1990 estima-se que os Estados Unidos substituirão em 40 por cento o consumo total de açúcar e em 60 por cento o seu consumo industrial.

Existem hoje mais de 20 edulcorantes que concorrem com o açúcar, tanto o da cana como o da beterraba. A previsão é que o mercado do açúcar para os anos 90 seja dominado a 45 por cento pela isoglucose e a 10 por cento pelos outros edulcorantes. As grandes

empresas, como a Tate and Lyle e a Unilever encabeçam as pesquisas nesta área.

**A BAUNILHA E O CACAU** — Por sua vez, o mercado da baunilha, que já sofre a concorrência da baunilha artificial, sofrerá, a partir de 1990 a concorrência da baunilha natural, porém, produzida por culturas de tecidos celulares nas fábricas dos países industrializados.

Na área do chocolate, o cacau, produzido principalmente por oito países do mundo — Costa do Marfim, Brasil, Colômbia, Gana, Camarões, Nigéria, Malásia e Equador —, também está ameaçado. Dois novos métodos de produção da manteiga de cacau estão sendo estudados: a produção pela modificação de óleos vegetais e a produção industrial através de tecidos celulares — pesquisa levada à frente pela Nestlé —. Uma concorrência que aniquilaria a tradicional produção de cacau cujos investimentos são feitos por 50 anos — tempo de produção do cacauzeiro — e que devem esperar 10 anos para darem seus primeiros frutos.

**O CASO DO MILHO** — No que tange a um terreno mais próximo aos interesses dos agricultores do sul do Brasil, a produção de milho igualmente está sofrendo modificações importantes graças aos avanços da biotecnologia. Neste caso, dois exemplos merecem ser destacados.

- o fato de que já estão no mercado novas sementes híbridas que comparadas com as atuais, oferecem 25 por cento mais de proteína bruta, 22 por cento mais de metionina e 33 por cento mais de lisina. Além disso, este novo milho possui 63 por cento de endosperma duro no lugar de 54 por cento dos antigos.

- começa a ser testado na prática, o novo milho produzido pelo Centro Internacional de Melhorias do Milho e do Trigo — CIMMYT, chamado "milho de qualidade protéica" ou MOP. Graças a descoberta do gene "opaque-2" e sua combinação com uma variedade de milho tropical, a produção do MOP foi possível. Na verdade, o gene "opaque-2" permite a produção de milho contendo 70 por cento mais de lisina e duas vezes mais de tryptofano. Segundo um dos seus descobridores, Dr. Paliwal, o MOP não necessitará de adubação e de cuidados especiais. Segundo ele, tudo leva a crer que este milho pode crescer mesmo em condições extremas, inclusive na presença de fracas taxas de azoto (5).

É evidente que a comercialização de tais variedades de milho interessa sobremaneira a indústria de rações. Afinal, um milho com estas qualidades ajudaria a equilibrar as rações, além de reduzir ainda mais a dependência para com a soja no que tange ao fornecimento de proteínas.

**A SOJA** — Quanto a soja, desde o final dos anos 60 as experiências existem visando a criação de proteínas artificiais. Já naquela época diversas firmas industriais — sobretudo a inglesa British Petroleum — investiram milhões de dólares na produção de proteínas originárias de microrganismos — pro-

teínas de origem unicelular. A maior competitividade da soja no mercado mundial não permitiu o desenvolvimento de tal projeto. Entretanto, o processo continuou sendo interessante para os países que não possuem meios de importar a soja e os produtos tempo são ricos em petróleo e gás natural. Na verdade, a produção de soja tem como matéria-prima petróleo e gás natural.

Assim, a Romênia, por exemplo, produz, através da cultura de levedura sobre parafina, 60 milhões de toneladas de proteínas por ano (6). Por sua vez, a URSS já possui hoje uma capacidade de produção visando maior independência pela proteína vegetal destinada a alimentação animal. O caso soviético é o de produzir atualmente 3 milhões de toneladas por ano de um tipo de proteína a fim de reduzir suas importações de soja.

A nível mundial, já em 1980 a produção de POU atingiu 1,5 milhões de toneladas e vem crescendo rapidamente no decorrer dos anos. De toda a vez que a soja sofre uma queda importante no mercado internacional — caso sobretudo de 1973, 1980 e 1981 — a produção das POU se torna competitiva. E hoje, com uma grande dependência em relação aos anos 70: os preços internacionais do petróleo e do gás natural aumentaram significativamente (7).

Mas outras tecnologias também estão tendo sucesso na área da biotecnologia e que igualmente têm repercussões sobre o mercado da soja. É o caso da produção "in vitro" de vegetais e tecidos celulares.

Estas técnicas permitem a multiplicação, em pouco espaço de tempo de uma mesma planta graças ao processo da clonagem — multiplicação de um vivo idêntico geneticamente —, tal como sucesso nesta área o caso da palma produtora de óleo — de uma planta se produz mil outras plantas — tal procedimento permite aumentar a produtividade da palma assim como facilitar as condições da colheita. A multinacional Unilever é a grande investigadora deste projeto na Malásia, visando a produção do óleo de palma. Hoje um dos grandes concorrentes do óleo de soja no mercado internacional (8).

**O TRIGO** — Cabe aqui lembrar que em breve teremos no mercado os trigos híbridos, até pouco tempo considerados impossíveis de serem conseguidos. Como todo o híbrido de trigo igualmente assistirá a um aumento de sua produtividade — que já hoje chega cerca de 8.000 quilos por hectare em média na Europa —, deixando os produtores dependentes que diz respeito a obtenção de sementes. Experiências neste sentido estão sendo realizadas na França há algum tempo pela Hybritech — formada pela associação da Monsanto com a Cooperativa de Pau — e pela Orsem — e selecionadores privados —. A Hybritech deverá inscrever seus primeiros híbridos em 1993, já tendo obtido um aumento de 50 por cento a mais de rendimento e 200 quilos por hectare de produção de sementes.

# Progresso na área animal

na área animal, a biotecnologia vem apresentando progressos importantes, por exemplo, o uso de hormônios de crescimento, a qual pode aumentar a produção das criações em regime intensivo. A biotecnologia norte-americana, através do Molecular Genetics Institute, conseguiu a construção de uma insulina produzida do hormônio de crescimento para frangos, aumentando em 15 por cento o crescimento destes nas criações indus-

triais, produzidos graças a um extraordinário aumento da produtividade e da qualidade dos alimentos. Assim cada vez mais a concorrência tende a aumentar pelos mercados solváveis na medida em que uma melhor distribuição de renda mundial está longe de acontecer. Entretanto, estes mercados solváveis, porque formados de países ricos, justamente por serem os principais importadores de alimentos do mundo, desenvolvem hoje novas alternativas graças aos investimentos na biotecnologia.

Dentro deste contexto, as consequências sobre os países do Terceiro Mundo, entre eles o Brasil, tendem a ser nefastas. Segundo um relatório do Dutch Ministry for Cooperation da Holanda, as biotecnologias tendem a ser um desastre para os pequenos agricultores dos países subdesenvolvidos. 75 por cento destes agricultores não serão capazes de tirar proveito destas novas tecnologias e serão assim marginalizados. Como já assinalamos acima, os esforços de pesquisa concedidos pelas multinacionais se orientam para a agricultura ostensiva, a qual diz respeito sobretudo às grandes propriedades (9).

Assim, nos parece que a principal preocupação que devemos ter é a de conseguir-

mos detectar rapidamente os rumos desta evolução biotecnológica e com isto sabermos como nossos mercados deverão se comportar nos próximos anos. Em outras palavras, fazer comercialização hoje é mais do que nunca sair do aleatório e da conjuntura para se estudar igualmente a evolução dos mercados de forma estrutural, dentro de uma base científica. Este é o novo desafio que o avanço tecnológico mundial nos impõe neste final de milênio.

Em outras palavras, o que precisamos identificar hoje é se um produtor especializado em soja, por exemplo, no interior do Rio Grande do Sul, nas condições econômicas em que se encontra, e face a evolução tecnológica mundial, vai estar produzindo esta mesma soja daqui a cinco ou 10 anos. E, em caso negativo, se ele possui alternativas economicamente viáveis que permitam a substituição da produção de soja a fim de que possa continuar a atividade rural.

Por trás da resposta a estes dois problemas está toda a dimensão do desafio que nos coloca a evolução da tecnologia em geral e da biotecnologia em particular, dentro do contexto da macroeconomia mundial no qual estamos hoje mais e mais inseridos.

(1) Cf. BULL, A.T. e outros - *Biotechnologie: tendances et perspectives internationales*. - Paris: OCDE, 1982. - 100p.

(2) Cf. Wald, S. - *La révolution biotechnologique*. - Paris: L'Observateur de l'OCDE, nº 156, fevereiro-março de 1989. - pp. 16-20.

(3) Cf. OCDE - *Biotechnologie: effets économiques et autres répercussions*. - Paris: OCDE, 1989. - 128 p.

(4) A zona OCDE corresponde aos 24 países membros da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE -, a saber: Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Itália, Canadá, Austrália, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Grécia, Islândia, Irlanda, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Austrália e Nova Zelândia.

(5) Cf. HANLEY, M.L.; - *Des progrès décisifs dans la phyto-génétique du maïs annoncent peut-être une nouvelle "révolution verte"*. - Nova York: Développement mondial, vol. 1, nº 4, outubro de 1988.

(6) A produção de proteínas originárias de leveduras cultivadas sobre metanol, parafina ou subprodutos de indústrias agro-alimentares, necessita muito pouca mão-de-obra. Para uma mesma quantidade de proteínas as mesmas necessitam 1/10 da mão-de-obra indispensável a cultura da soja.

(7) Cf. OCDE. - *Biotechnologie: affets économiques...* Op. Cit. p. 102, et CODRON, B. - *Biotechnologies: du laboratoire à l'assiette* - Paris: Alternatives Economiques, outubro de 1989. - pp. 42-3.

(8) A produção de óleo de palma atinge hoje 10,3 milhões de toneladas contra 15 milhões em óleo de soja - em 1980 as referidas produções eram

respectivamente de 4,6 e 13,3 milhões de toneladas o que dá uma clara idéia do extraordinário avanço do óleo de palma durante a década de 80. Por outro lado, as exportações de óleo de palma já ultrapassam largamente as de óleo de soja. Em 1989 o volume total exportado em óleo de palma foi de 8 milhões de toneladas contra 3,3 milhões em óleo de soja.

(9) Cf. *Animals Pharm* do 23/06/1989. - In: *Ressources Génétiques et Développement*. - Montpellier: Solagral, nº 5, janeiro de 1990. - p. 9.

## Bibliografia

(1) *Animals Pharm*. - In: *Ressources Génétiques et Développement*. - Montpellier: Solagral, nº 5, janeiro de 1990. - p. 9.

(2) *BIOFUTUR*. - Paris - revista mensal sobre biotecnologia -

(3) BULL, A.T. e outros. - *Biotechnologie: tendances et perspectives internationales*. - Paris: OCDE, 1982. - 100p.

(4) CODRON, B. - *Biotechnologies: du laboratoire à l'assiette*. - Paris: Alternatives Economiques, outubro de 1989. - pp. 42-3.

(5) HANLEY, M.L. - *Des progrès décisifs dans la phyto-génétiques du maïs annoncent peut-être une nouvelle "révolution verte"*. - Nova York: Développement mondial, vol. 1, nº 4, outubro de 1988.

(6) OCDE. - *Biotechnologie: affets économiques et autres répercussions*. - Paris: OCDE, 1989. - 128 p.

(7) SOLAGRAL. - *Nouvelles Biotechnologies, ressources génétiques et marchés agricoles internationaux*. - Montpellier, novembro de 1989 (dossiê).

(8) Wald, S. - *La révolution biotechnologique*. - Paris: L'Observateur de l'OCDE, nº 156, fevereiro-março de 1989. - pp. 16-20.

**NOVO**  
**DUAL® 960<sup>CE</sup>**  
Nunca foi tão fácil  
ajustar-se a estas  
Medidas  
Econômicas



MODERNA TAMPA DE VEDAÇÃO

EMBALAGEM RESISTENTE DOTADA DE FORTE ALÇA ANATÔMICA

NOVA EMBALAGEM DE 10 LITROS

EMBALAGEM QUE EVIDENCIA O NÍVEL DO PRODUTO

EXCLUSIVO MEDIDOR DE DOSE

FÓRMULA NÃO CORROSIVA  
Não corrói as mangueiras dos pulverizadores.

CANTONEIRAS ACHATADAS

CIBA-GEIGY  
DIVISÃO AGRÍCOLA

### ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (botas, luvas, máscara, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



NOVA CONCENTRAÇÃO  
960 gr de metolachlor por litro.

FACILIDADE NO TRANSPORTE, MANUSEIO E MENOR NÚMERO DE EMBALAGENS PARA ELIMINAR

**DUAL® 960<sup>CE</sup>**  
A NOVA BOA NOVA COMPANHIA

IMPORTANTE: Após esvaziar a embalagem, proceder a uma tripla lavagem e verter as águas de lavagem no tanque do equipamento de aplicação.



TERMINAIS PRIVATIVOS

# À espera de liberação

Terminais privativos estão pedindo ao governo liberação para operar com cargas de terceiros

de pontos de escoamento. Hoje, em Rio Grande, para o sistema "pool" de escoamento, só funcionam o Terminal de Trigo e Soja - TTS - e o da Cotrijuí. No entanto, existem ainda, os armazéns da AGEF - Armazéns Gerais da Rede Ferroviária - arrendados pela Ceval e Olvebra, e os terminais próprios da Samrig e Bianquini no Porto Novo, mas até 1992, deverão estar em operação os terminais da Incobrasa e Bianquini que estão sendo construídos na área do superporto.

**PREOCUPAÇÃO** - Alguns usuários e operadores de transporte do Estado já se questionam em relação a uma possível nova realidade no setor. Mesmo porque alguns insistem em dizer que o TTS, construído pela União, após o pioneirismo da Cotrijuí, na condição de maior terminal graneleiro do hemisfério Sul, seria capaz de escoar sozinho toda a safra gaúcha. Clóvis Souza, do CEOT/RS, porém, tem uma outra opinião. Segundo acredita, alguns pontos cruciais deixam essa assertiva um tanto falsa.

Entre os pontos levantados, cita o fato de que as características da estratégia comercial do complexo soja, como a própria escolha do melhor período para comercializar a safra, e também as práticas comerciais. Neste item, deve ser citado o fato de que muitos exportadores não querem vender

em "pool", como ocorre hoje no TTS. Esse terminal perderia 50 por cento de sua capacidade estática se trabalhasse com produtos personalizados. O economista lembra ainda que, para o TTS absorver toda a safra gaúcha, precisaria de uma constância de fluxo tanto no recebimento como no escoamento, o que todo o mundo sabe o quanto é difícil por problemas climáticos e também operacionais.

Uma nova realidade no setor de farelo também pode reverter a atual situação. Começa a ocorrer uma segmentação de mercado do produto - variedades para tipos diferentes de farelo -, exigindo a saída do sistema "pool" de vendas. Por isso mesmo, como constata Souza, têm surgido ultimamente vários terminais privativos na área do superporto do Rio Grande. Mas outro ponto que conta e muito, diz respeito às empresas que querem fugir de uma operação realizada pelo setor público, que apesar de ter recursos, não os tem revertido em um trabalho eficiente.

**HAVERÁ TANTA CARGA?** - Ainda fica o questionamento: haverá cargas para tantos terminais? O economista do CEOT, conforme o cenário que se aponta para o complexo graneleiro do Rio Grande do Sul, acredita que sim. No caso da soja, vários estudos mostram que haverá aumento de produtividade, sendo possível alcançar até 1993, um patamar de 7 milhões de toneladas, graças ao advento de novas tecnologias. Desse número seriam escoadas em torno de 5 milhões de toneladas contra um total que hoje se situa em torno dos 4 milhões de toneladas.

Para o trigo, um novo cenário também deve surgir, isto é, confiando no seu crescente aumento de produtividade. Segundo o Ctrin, devemos atingir a partir de 1993, em torno de 2,5 milhões de toneladas. Fora o consumo interno, deverão sobrar ainda 1,5 milhão de toneladas para o mercado externo. Clóvis Souza conclui, então, que teríamos 6,5 milhões de toneladas somente na parte de granel. Hoje, se tem 4,5 milhões de toneladas. Ou seja:

realmente serão necessários outros terminais, senão por outros fatores, pelo evidente crescimento da demanda.

**LEGISLAÇÃO EM DEBATE**

- A ABTP promoveu nos dias 17 e 18 de setembro, no Rio de Janeiro, seminário com o tema "Portos Privados e Comércio Exterior", com a participação dos parlamentares Roberto Campos e Sandra Cavalcanti, que apresentaram painéis sobre a legislação portuária nacional. Dada a relevância da discussão do assunto nesse momento político, esteve participando do evento o gerente geral do Terminal Luiz Fogliatto, o economista Bolívar de Souza Lima.

Dados da ABTP apontam que no país existem registrados 240 terminais privados. Destes, 62 movimentam individualmente 100 mil toneladas anualmente e em 1988 totalizaram 260 milhões de toneladas de cargas. Dos 355 milhões de toneladas movimentadas pelos portos nacionais, segundo dados de 1988, os terminais privados responderam por 270 milhões de toneladas.

A atual legislação portuária impede a utilização da capacidade dos terminais instalados pelos portos do país. Um exemplo disso é o próprio Terminal de Cotrijuí, que opera com a metade de sua capacidade ociosa. Diante de uma política portuária, a anunciada até outubro pelo Collor, em estudo do Departamento Nacional de Portos Aquaviários - vinculado a Secretaria Nacional dos Transportes e do Ministério da Infraestrutura - representantes do setor fazem suas reivindicações. A Associação Brasileira de Terminais Portuários Privados (ABTP), entidade criada em 1987, reunindo 34 associações, inclusive usuários de terminais privativos, quadro este que a Cotrijuí, está pedindo ao governo a possibilidade de operar carga de terceiros. Os Terminais Privados foram criados para atender a demanda de mercadorias de uma empresa, há ociosas instalações portuárias, poderiam ser ocupadas com cargas de outros exporta-

do porto rio-grandino, em uma situação bem singular caso de uma possível abertura dos terminais privativos para a safra agrícola responsável pela maior movimentação de carga local, teria uma série



A sede do Subcentro de Pesquisas Veterinárias em Ijuí. Convênio possibilita retomada da pesquisa

## Sanidade animal em Ijuí

A área de pesquisa do Subcentro de Pesquisas Veterinárias em Ijuí, que mantinha há tempos reduzida prestação de serviços, voltará a ser reanunciada graças ao convênio assinado entre a Cotrijuí e o reitor do órgão. O Subcentro localiza-se na extensão do Instituto de Pesquisas Veterinárias do Finamor, instalado no município de Guaíba, e pertence ao governo do Esta-

do. Segundo o veterinário Celso Pianta, da área de pesquisa na sede do Instituto, em Ijuí, serão retomadas pesquisas de real importância e interesse na região Noroeste do Estado - área da Cotrijuí - onde determinam-se os vetores epidemiológi-

cos vêm se alastrando, sendo preciso detê-los. Por consequência do convênio acertado com a Cotrijuí, diz Celso Pianta, serão desenvolvidas pesquisas nos seguintes campos da sanidade animal. Tratamento da mamite no gado leiteiro, causas da diarreia em ternos, epidemiologia de verminose em bovinos e tratamento da brucelose do gado leiteiro. Esses quatro itens do mal, que segundo o técnico, têm se alastrado com relativa intensidade na região, vão receber tratamento de ponta nesta nova fase. O intercâmbio Cotrijuí/IPV viabilizou a contratação de mais dois veterinários para o Subcentro, que se dedicarão ao serviço em regime de tempo integral.

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



**Uma planta sadia e produtiva.**

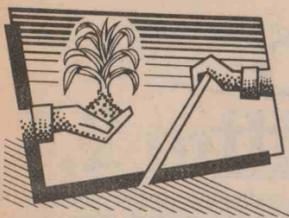
Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.

**ATENÇÃO**  
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

**TECTO 100**  
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA

**MSDAGVET**  
MERCK SHARP & DOHME  
Farmacêutica e Veterinária Ltda.  
Cidade de São Paulo - SP - Brasil

## RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS



Calcula-se que 80 por cento das propriedades da região convivem com a mamite ou mastite subclínica, também chamada de "escondida". Nestas propriedades, metade dos animais já está infectado pela doença.

A mamite é a inflamação de um ou mais quartos do úbere, decorrente principalmente da ação agressiva de microrganismos do meio ambiente sobre o tecido secretor de leite, ou seja, da glândula mamária. Isto ocorre, porque o leite é um fluido altamente susceptível ao ataque de um grande número de microrganismos provenientes do meio ambiente, mãos do ordenhador, pele do úbere, entre outros.

A acidez do leite nada mais é do que a multiplicação acelerada dos microrganismos existentes no produto. Isto significa que o produtor tem nas mãos a responsabilidade de criar condições para uma ordenha higiênica e procurar resfriar o leite logo após a ordenha, mantendo-o a baixa temperatura.

Além da higiene da ordenha, outro fator responsável pela elevada número de microrganismos no leite - e consequentemente pela acidez do leite - é a mastite subclínica ou escondida.

Em vista destes fatos, torna-se necessário que o produtor de leite tenha conhecimento do problema presente e faça um diagnóstico. Com isto, ele vai criar condições para o controle do problema, pois com certeza a prevenção da mastite é mais simples e barata do que o seu tratamento.

Para realizar o diagnóstico, é importante compreender que apenas uma minoria dos casos de mamite apresenta sinais como a dor, calor, tumefação ou mesmo alterações no leite. O restante das mamites - as subclínicas ou escondidas - precisam de um teste específico, o **Califórnia mastite teste - CMT**. Este teste é de fácil realização, podendo ser executado pelo produtor regularmente na propriedade, bastando para isso buscar orientações com o veterinária da sua Unidade.

Algumas medidas fáceis de serem tomadas como desinfecção e exame manual logo após a ordenha e tratamento da vaca seca são extremamente eficientes no controle e prevenção deste tipo de mastite. Além das medidas de manejo para o controle da doença, existem fatores que podem ser controlados pelo produtor buscando diminuir a susceptibilidade das vacas leiteiras aos dos agentes causadores da mastite.

Estes fatores dizem respeito a:

\* **Inseminação artificial** - úberes firmes, não pendulares, tetos mais curtos e em forma de funil, esfínteres de diâmetro pequeno, tetos escuros. Estas são características relacionadas com uma maior resistência à mastite e que podem ser melhoradas através da inseminação artificial.

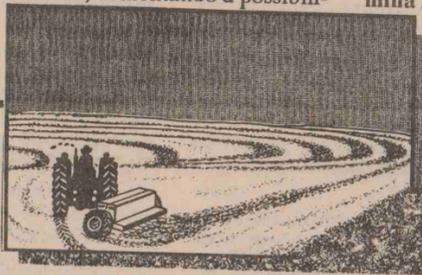
\* **Criação de terneiras isoladas** - é uma forma de evitar que elas se mamem entre si e deformem a glândula imatura.

\* **Controle de agressões permanentes à pele do úbere como:** entradas de estrebarias altas; pastagens secas; arames; mosquitos, vespas.

\* **Controle de doenças como:** papilomatose - verrugas - varíolas dos tetos, que causam dor à ordenha e consequente retenção do leite no úbere.

\* **Obter meios para uma ordenha tranqüila, em que a descida do leite seja completa.** A retenção do leite no úbere proporciona um meio de multiplicação dos microrganismos que entrarão no canal do teto após a ordenha.

\* **Higiene da ordenha** - panos comuns para a secagem do úbere, ajudam na contaminação da pele, mãos e unhas do ordenhador, aumentando a possibili-



Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

## A mastite subclínica

dade de transmissão da mastite.

\* **Ordenha mecânica** - muito cuidado com a higiene dos equipamentos, a conservação das borrachas das teteiras e com o vácuo da ordenhadeira. Estes cuidados evitam ferimentos pequenos na parede interna do teto, que também favorece o aparecimento da mastite.

\* **Alimentação deficiente em vitamina A** - provoca diminuição da capacidade regenerativa do epitélio secretor de leite da glândula mamária.

\* **Antibióticos** - Alguns medicamentos baixam a resistência do epitélio interno do teto, facilitando a ação dos microrganismos. Só devem ser usados sob orientação do médico veterinário.

\* **Umidade, sujeira, etc.** - também considerados agressores. Sabe-se que o sol é o melhor barato bactericida que existe, mas não atua se a superfície estiver úmida.

Médica veterinária Ivone Salvo Cotrijui/Região Pioneira

## SOLOS

### As doenças do trigo

As doenças das plantas só aparecem quando existe hospedeiro, isto é, plantas que são atacadas por elas. Podem ser plantas cultivadas, outras plantas voluntárias, restos de culturas e/ou sementes. Deve existir também, o patógeno - fungo, bactéria ou vírus que causa a doença - e o meio ambiente favorável - no que se refere à umidade relativa do ar, umidade das plantas, temperatura, entre outros.

Os patógenos, durante um período de suas vidas, parasitam as plantas hospedeiras, retirando delas seus nutrientes. Fazem com que as plantas adoecem e produzam menos. Existem patógenos que continuam se alimentando dos tecidos mortos das plantas hospedeiras - saprófitas -. Outros, também saprófitas, sobrevivem sobre qualquer resíduo vegetal. Outros ainda produzem formas de resistência - como esporos em dormência - podendo sobreviver por anos, à espera do retorno do hospedeiro.

De qualquer modo, a ausência dos hospedeiros por tempo mais ou menos longo é uma forma biológica e muito eficiente de controle às doenças das plantas. Daí, a importância da rotação de culturas.

**ROTAÇÃO DE CULTURAS** - É o cultivo alternado de diferentes espécies vegetais de mesma estação, na mesma área. A sua importância está exatamente, em prolongar o intervalo para retorno da mesma cultura à mesma área. Desta forma limita a sobrevivência do patógeno pela eliminação da planta hospedeira ou dos restos culturais, além de submetê-los a uma intensa competição microbiana por longo tempo, em condições de desvantagem. Sendo o período suficientemente longo, normalmente sucumbem.

A rotação de culturas é eficiente no controle às doenças causadas por patógenos que:

\* Sobrevivem apenas sobre os resíduos culturais do hospedeiro - que também pode ser mais de um - específico.

\* Não apresentam estruturas de resistência que poderiam mantê-los viáveis por vários anos, à espera do hospedeiro;

\* Apresentam esporos grandes, que o vento só pode carregar a curtas distâncias;

\* Apresentam esporos relativa-

mente pequenos e leves, mas que só podem ser veiculados - transportados - por gotículas de água, no salpico;

\* Apresentam pouco ou nenhum hospedeiro secundário - plantas voluntárias, sem importância econômica.

Enquadram-se em pelo menos uma das características citadas e, portanto, podendo ser controlados pela rotação de culturas:

\* **Mal-do-pé** - *Gaeumannomyces graminis* var. *tritici*

\* **Mancha salpicada de folha** - *Septória tritici*

\* **Septória da folha, do nó e da gluma** - *Septória nodorum*

\* **Mancha amarela na folha** - *D. tritici-repentis*

\* **Helminthosporiose** - *B. sorokiniana*

\* **Estria bacteriana** - *Xanthomonas campestris* var. *unudulosa*.

Entre os patógenos do trigo não controláveis pela rotação de culturas e que não satisfazem às características mencionadas, destacam-se:

\* **Giberela** - *Gibberella zeae* -, porque apresenta muitos hospedeiros secundários e, consequentemente, existem esporos presentes no ar durante todos os meses do ano. Os esporos são pequenos, e o vento os carrega à longa distância.

\* **Bruzone** - *Pyricularia oryzae* - pelas mesmas razões da Giberela;

A monocultura do trigo tende a aumentar significativamente a incidência de doenças ao longo dos anos, porque a cada seis ou sete meses de intervalo - quando os resíduos ainda não estão totalmente decompostos - o hospedeiro é reintroduzido na lavoura. O intervalo seguro para o retorno do trigo à mesma área é de, no mínimo, 12 meses - alguns casos de até 16 meses -, quando os resíduos da cultura estiverem totalmente decompostos - matéria orgânica estará mineralizada.

Para a rotação de culturas é importante a escolha de culturas alternativas que realmente não sejam, também, possíveis hospedeiras. No caso do trigo, as leguminosas - ervilhaca, tremoço, sincho, trevos, ervilhaca forrageiras, entre outras -, e as crucíferas - colza, nabo forrageiros ... - são as mais indicadas. A aveia também pode ser indicada do ponto de vista de doenças, desde que não haja registro de ocorrência do vírus do mosaico do trigo, que é transmitido pe-

lo fungo de solo *Polimixa graminis* comum às duas culturas.

Não se recomenda o cultivo de cevada, centeio e triticale, pois hospedeiros comuns de um ou mais patógenos. Alguns hospedeiros secundários também são importantes e devem ser controlados. O azevém *Lium multiflorum* L. - - é muito comum da lavoura de trigo, é resistente ao Mal-do-pé. Enquanto estiver presente - mesmo seus restos - não será o patógeno viável, à espera do retorno do trigo.

**AUMENTA OS PROBLEMAS** - O plantio direto tende a aumentar os problemas de doenças no trigo, de modo que não associado à rotação de culturas. A decomposição da palha é mais lenta e consequentemente o período de sobrevivência dos patógenos é também ainda maior. Portanto, afirmar que o plantio direto em monocultura é inviável.

Para que o plantio direto e a rotação de culturas sejam realmente práticas eficientes, é importante o tratamento de sementes. Diversos patógenos - *B. sorokiniana*, *D. tritici-repentis*, *S. nodorum* e *X. campestris* sobrevivem associados às sementes, não podendo ser controlados pela rotação de culturas de forma isolada.

Trabalhos realizados no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Embrapa/Passo Fundo, revelam que as culturas de inverno mais rentáveis para a região são o trigo e a cevada. Submetendo o trigo a diferentes rotações de culturas, onde retornava ao cultivo na mesma área após 1, 2, 3 ou 4 anos sem trigo, observou-se que o tema mais econômico é aquele em que a área fica sem trigo durante apenas um ano. Com mais anos sem trigo, a produtividade tende a aumentar, mas a economicidade do sistema é menor.

Sem dúvida, a eficácia da rotação de culturas, usada integrada com as demais tecnologias recomendadas, tem sido claramente demonstrada. Sua potencialidade de uso ainda não tem sido devidamente explorada no Brasil.

Resumo da palestra proferida pelo Dr. Erlei Melo Reis do Centro de Trigo/Embrapa, para o Clube Amigos da Terra de Ijuí.

# É feio, mas funciona

...o tempo em que... de grãos do Meio... a aparência de... urbana. No verão... milho alinhadas co... estaqueadas. No in... arada parece com... sem irregulari... assim que terminar... plantio deste ano... número de agra... estarão "cultivando... seus tratores... com resíduos e... cultura anterior.

...é o que indica uma... técnicas de culti... sendo utilizadas... americano. A razão... consenso emergen... agricultura como... praticada nos EUA... para a terra e sua... idade.

...campos limpos utiliza... fazendeiros servem... eficiente do maqui... agrícola, mas eles favore... são, que permite o... perda - de uma... quantidade de terra fér... e os ventos pa... lagos. Fertilizantes... inseticidas e herbici... tribuíram para tornar... produtiva do mundo... eles estão lixivia... de subsolo, conta... as comunidades ru... em toda a Nação.

...isto poço está poluído... todo fazendeiro tem... sistema de erosão", diz... shea, vice-presidente... da Associação Nacio... Conservação, "mas nós... que teremos melho... estudos se admitirmos... parte do proble...

...em nenhum lugar há pro... mais favoráveis à mu... que em Iowa, produ... 30 por cento do milho

nacional. Em 88 e 89, o depar... tamento estatal de recursos na... turais e a universidade de Io... wa recolheram amostras de... águas de 686 poços rurais. Apro... ximadamente 15 por cento deles... estavam contaminados com... um ou mais pesticidas. Para o... biólogo Jack Dekker, da uni... versidade de Iowa, a pesquisa... marcou um ponto crítico. "O... que nós tínhamos era uma fle... cha indicando para o problema".

Dekker é um dos crescen... tes grupos de fazendeiros que... estão adotando um novo mode... lo, que leva à agricultura auto... sustentável. Antigamente o ter... mo era sinônimo de apreensão... - medo - de uma cultura que... significava culturas sem uso... de químicos sintéticos. Mas a... agricultura auto-sustentável de... desenvolveu para um esforço de... evitar a erosão modificando... se as técnicas de arar o solo e... protegendo-se os recursos hí... dricos, minimizando, se não... eliminando, fertilizantes arti... ficiais e pesticidas. "A agricul... tura auto-sustentável era uma... coisa que você falava em voz... baixa", diz o fazendeiro Jim... Moselem - Indiana -. "Agora a... definição estendeu-se tanto... que é aceitável politicamente... para um grande número de... pessoas e isto abriu uma opor... tunidade de diálogo".

Obviamente, os mais per... suasivos defensores da agricul... tura auto-sustentável são os... que foram favorecidos com ela... Desde 1981, Wilbert Blumhardt... e seu filho Glenn têm lutado... contra a erosão em seus 1.200... hectares em Bowdle, Dakota... do Sul, plantando trigo, giras... sol, soja e milho sobre as reste... vas das plantações anteriores... O resíduo serve como alimen... to para o solo e permite que... a água fique infiltrada e não

escorra para rios e lagos. No... último ano os campos de Blu... mhardt produziram 30 por cen... to a mais trigo que as fazendas... convencionais da região.

Ao lado dos novos méto... dos de plantio, os agricultores... estão experimentando maneir... as de combater pragas sem re... correr a produtos químicos. Joe... e Dalton Maddox, produtores... da cidade de Colorado, Tex... as, tentaram eliminar "MESO... VITE" - inço - em 8.900 hecta... res com bovinos e ovinos. pul... verizando herbicidas. Agora... eles deixam que o inço cresça... , confiando que uma pastagem... forte controle a sua dissemin... ação. "Nós costumávamos usar... spray para o cardo, que era... um grande problema para as... ovelhas". "Ele estragava a lã... E pensávamos sobre o que o... herbicida poderia estar causan... do à água do lago Spence, que... fornece água para uso de mui... tas pessoas. Em vez de usar o... herbicida, agora é colocado sal... para o gado nos locais com al... ta infestação do inço. Com isto... o gado move-se e pisoteia o... inço, combatendo-o".

Um dos mais efetivos... meios para reduzir o uso de... produtos químicos é também... um dos mais simples: rotação... de culturas. Produtores de Io... wa não fazem rotação simples... de milho e soja, como muitos... de seus vizinhos. Eles incluem... em sua rotação leguminosas... como alfafa e trevo vermelho... , tirando vantagens da capacida... de de fixação de N destas plan... tas para reduzir a necessidade... de fertilizantes para o milho... Para controlar os inços, os... Thompsons usam cultivo mecâ... nico, restringindo o uso de her... bicidas ao mínimo, realizando... aplicação manual nos inços que... permanecem crescendo ao lon...

go das cercas. Os suínos e o... gado complementam a opera... ção, provendo esterco orgâni... co, que substitui o químico.

Dave Snyder, vizinho dos... Thompsons, tem diminuído gra... dativamente o uso de produtos... químicos a cada ano. Ele substi... tuiu os produtos químicos pe... lo cultivo mecânico em 730... hectares. No último outono o... Departamento de Agricultura... dos EUA iniciou um estudo... para vários anos, comparan... do duas propriedades. Uma... produziu 5 por cento a mais... de milho, mas a outra teve a... terra enriquecida por minhocas.

Apesar dos benefícios, a... agricultura ecológica não é... uma coisa excepcional. Tentati... vas para prevenir a erosão do... solo, por exemplo, pode aumen... tar a infiltração de água no so... lo e podem aumentar a passa... gem de produtos químicos pa... ra a água subterrânea. O adu... bo orgânico pode, se mal apli... cado, poluir a água de bebidas... como nitratos, com os fertiliz... antes químicos.

Finalmente, a difusão da... agricultura ecológica vai ser... determinada pela economia... Os altos preços dos pesticidas... encorajaram grandes produ... tores da Califórnia a plantar... cenoura orgânica em 445 hecta... res. "Os produtores devem ser... convencidos que estas técnicas... são rentáveis e que não envol... vem um sacrifício pessoal".

Um problema que dificul... ta a mudança tem sido progr... mas do governo, que subsidiam... o produtor sobre a quantida... de de terra cultivada com de... terminados grãos, como o mi... lho. Estes produtores que in... vestem pesado em fertilizantes... químicos e pesticidas todos os... anos, são gratificados com maio... res pagamentos, enquanto aque...

les que renovam, regeneram a... terra usando rotação de milho... com outros grãos, são penaliza... dos. No ano passado - 89 -... um comitê do congresso Nacio... nal de Ciências insistiu para... corrigir esta tendência. O comi... tê também recomendou que... as exigências de "beleza arti... ficial" - apresentação de frutas... e vegetais fossem moderadas... "As exigências forçam os produ... tores a usarem mais pesticidas... , mas quando se faz um suco... de laranja, quem se preocupa... com a aparência?", observa o... agrônomo J. Pesek, de Iowa.

A medida que aumentam... as pressões dos economistas... , o Congresso fica mais inclina... do do que nunca para fazer... tais mudanças. O comitê de... agricultura do senado norte-a... mericano já incluiu um progr... ma ambicioso de qualidade... de água no seu orçamento pa... ra 1990.

Em desconsideração a... esta decisão do governo, foi... iniciada uma grande reação a... isto. "O uso de produtos quími... cos é tão barato, que se um... pouco era bom, muito é me... lhor", diz o presidente do bure... au de produtores americanos... - a maior organização de produ... tores. Hoje nós usamos o míni... mo possível para ter o trabalho... feito, e daqui a 10 anos nós... estaremos usando menos ainda... Por fim, a maior esperança de... mudança reside não nas leis... , mas na compreensão daqueles... espoliados com as maiores per... das ecológicas.

Texto: It's ugly, but it's... Working Time Internacional,  
22, Maio/90/44/45

Tradução: med. vet. Ivo... ne Suffert/ eng. agr. João Mi... guel de Souza

## QUEM PAGA I.O.F. ESTÁ PERDENDO TEMPO E DINHEIRO



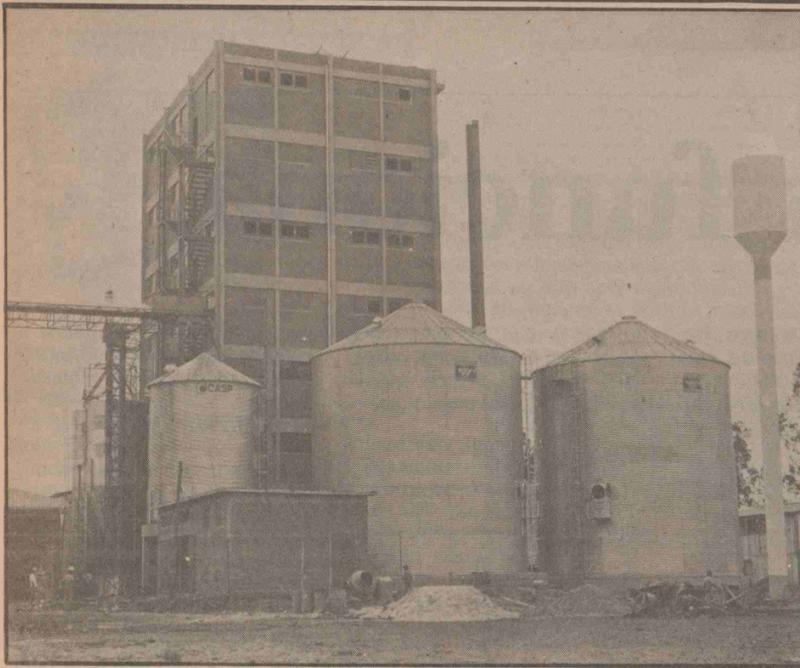
### APLIQUE NA RENDA MENSAL BANRISUL.

Você fica totalmente isento de IOF - Imposto sobre Operações Financeiras e garante os melhores rendimentos do mercado. Faça seu dinheiro crescer aplicando na Renda Mensal Banrisul. Essa é a sua hora de ganhar.



NOVOS PRODUTOS  
PARA NOVOS TEMPOS  
**banrisul**  
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.





A indústria de beneficiamento de milho está localizada em Maracaju. A implantação do projeto exigiu recursos na ordem de 8 milhões de dólares.

INDÚSTRIA DE BENEFICIAMENTO DE MILHO

## Iniciativa pioneira da cooperativa no MS

A indústria de beneficiamento de milho, instalada junto à unidade da Cotrijuí em Maracaju constitui uma iniciativa pioneira de cooperativa, pois é a primeira indústria do gênero no Estado de Mato Grosso do Sul, e apesar de ainda não ter sido inaugurada oficialmente, já vem operando há alguns meses.

A implantação do projeto exigiu recursos de cerca de oito milhões de dólares, sendo a maior parte deste montante proveniente da própria Regional da Cotrijuí e o empreendimento faz parte do Programa Integrado de Utilização do Milho que visa proporcionar aos associados da cooperativa novas alternativas para sua atividade e do qual faz parte ainda, a ampliação da indústria de rações e concentrados, e o frigorífico de aves, ambos localizados em Dourados.

A indústria de beneficiamento de milho produzirá numa primeira etapa, subprodutos do cereal como o germen, o fubá, a canjiquinha e o griz - utilizado na fabricação da cerveja e nas indústrias alimentícias e de mineração - processando 240 toneladas de milho por dia e já estruturalmente capacitada para dobrar esta produção. Posteriormente

será refinado o óleo de milho e está prevista a fabricação de produtos pré-cozidos.

Utilizando tecnologia de ponta, a unidade industrial é uma das mais modernas do país e o beneficiamento do milho é totalmente automatizado, o que garante ao produto os mais altos padrões de qualidade e de higiene. Nem mesmo nos estados tradicionalmente dedicados à industrialização do milho, há similares como esta recém instalada pela cooperativa.

O Programa no qual a indústria está inserida vai possibilitar assim, uma continuidade da cultura ao lado da soja para o agricultor sulmatogrossense e racionalizar a utilização do milho, terminando com o tradicional passeio que o grão fazia ao ser exportado para outros estados, in natura, e voltar para ser consumido sob forma de carne e rações. A indústria caberá o abastecimento do mercado interno e seu excedente será comercializado em outras regiões, principalmente nos estados do Nordeste e em Minas Gerais, que detém a maior parcela do consumo de derivados de milho no Brasil.

COLUNA  
DO  
LEITE



Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário  
Alaor José Dalrozo — tecnólogo em cooperativismo

### PREÇOS DO LEITE

Os preços do leite tiveram um reajuste de 11,98 por cento no último dia 6 de setembro. Com o novo reajuste, ainda muito longe do pretendido pelos produtores, os novos preços para o leite são os seguintes:

- \* Leite tipo consumo: Cr\$ 20,01 por litro;
- \* Leite tipo indústria: Cr\$ 19,95 por litro;
- \* Leite tipo excesso até 20 por cento: Cr\$ 18,00 por litro;
- \* Leite tipo excesso acima de 20 por cento: Cr\$ 15,80 por litro;
- \* Leite ao consumidor: Cr\$ 32,82;

Os produtores ainda não estão satisfeitos com os preços do leite, considerados pela classe produtora como muito aquém dos reais custos de produção que apontava. Dois meses atrás, o próprio Ministro da Agricultura, Antonio Cabrera apontava como razoável um índice de reajuste de 33,5 por cento aplicado em cima dos Cr\$ 14,75, o preço do litro de leite na ocasião. Esse percentual foi alcançado agora, com os 11,98 por cento de reajuste. O ministro da Economia acabou liberando um reajuste de 10 por cento a partir do dia 27 de julho; mais 10 por cento no dia 7 de agosto e os 11,98 por cento aplicados a partir do dia 6 de setembro. Para os produtores está se caracterizando um percentual de reajustes a "conta-gotas".

Na verdade, o que está ocorrendo é uma espécie de "tabelamento brasileiro". Os preços estão livres, mas o governo ameaça decretar novo tabelamento caso não sejam praticados os reajustes por ele recomendado. Outros tipos de pressão correm por conta da eliminação de alíquotas para o leite importado e, principalmente, ameaça de suspensão do programa oficial de distribuição de leite as populações carentes, na verdade a grande fonte das indústrias nacionais.

### QUEIJO ARGENTINO

Um assunto que seguidamente tem tirado o sono dos produtores que integram a Comissão dos Produtores de Leite da Cotrijuí está relacionado com a entrada no país, dos produtos lácteos da Argentina. Pois agora essa preocupação também começa a rondar os tambos de leite do centro do país, conforme notícia a Revista "Balde Branco", edição de agosto. Sob o título "As indústrias ligadas a Abiq - Associação Brasileira das Indústrias de Queijo", a matéria publicada na revista mostra as preocupações e apreensões deste segmento da produção em relação ao crescente aumento da presença do queijo argentino no mercado brasileiro. Só neste ano, a entrada do queijo argentino deverá sofrer um incremento de 25 por cento em relação ao volume de 13,5 mil toneladas comercializadas no ano passado. "Essas importações poderão desarticular a produção de leite e de queijo no país e põem em risco dezenas de indústrias domésticas", alerta Cícero Hegg, presidente da Abiq na matéria publicada na revista Balde Branco.

Segundo os cálculos do presidente da Abiq, um litro de leite está custando para a indústria nacional cerca de 25 cents de dólar, enquanto o mesmo litro custa 13 cents de dólar para a indústria argentina. Com isso, o queijo nacional está custando 4,6 mil dólares a tonelada no mercado nacional, 84 por cento superior à cotação praticada no mercado internacional de 2,5 mil dólares a tonelada. Essa diferença faz com que o consumidor brasileiro encontre queijo importado a Cr\$ 250,00/350,00 o quilo, quase o mesmo valor de custo praticado pela indústria nacional.

### SUPLEMENTAÇÃO DE VACAS SECAS

A "secagem" de uma vaca é fundamental para a próxima lactação do animal. É nesse período que o animal recupera não apenas o tecido do útero para uma nova temporada de produção como também dá "um tempo" para todo o seu organismo.

Na fase de gestação, a partir do sétimo mês de prenhez, toda a vaca deve já estar "seca". Ou seja: deve estar com sua lactação interrompida. A partir desta prática nos deparamos com dois tipos de situações.

\* Se o animal conseguiu manter seu nível de peso corporal durante o período de lactação, apenas o fornecimento de uma pastagem de boa qualidade de será suficiente para que ele ganhe peso.

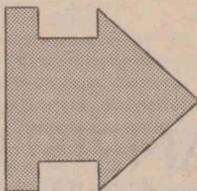
\* Se o animal emagreceu muito durante a lactação - muitas vezes este fato está ligado a natureza do animal e não diretamente a uma deficiência alimentar - é muito importante que o produtor, além pastagem de boa qualidade, forneça uma suplementação constituída basicamente de uma ração cujo teor de proteína esteja situada entre 12 e 14 por cento. Funciona muito bem o milho triturado com palha e sabugo e mais um complemento proteico de soja e farelo de girassol. O trigoilho, a cevada e a aveia devem ser ministrados diariamente ao animal na dosagem de dois a quatro quilos, dependendo do estado físico do animal.

Toda a vaca de leite deverá ter um descanso durante o período "seco". Nesse período de descanso, ela vai preparar seu organismo para a próxima lactação, razão pela qual deverá ganhar peso e acumular reservas. Algumas práticas de manejo visam apenas a "secagem" do animal, sem qualquer cuidado com a sua alimentação. Como ele não está produzindo, é colocado em pastagens de baixa qualidade. Um manejo nessa ordem é prejudicial ao animal.

As reservas acumuladas durante o período "seco", o peso adquirido, vai ser gasto quando este estiver nos primeiros dias de lactação, pois a vaca, nesse período e por natureza, se alimenta menos do que o necessário, perdendo conseqüentemente, peso.

## Sementes Fiscalizadas

PUREZA E  
GERMINAÇÃO  
GARANTIDAS EM:



- \* GRANDES CULTURAS
- \* FORRAGEIRAS
- \* HORTIGRANJEIROS
- \* CULTURAS ALTERNATIVAS



COTRIJUI

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.

Fone: (055)332-3820 - Telex: 552199 - Fax: (055)332-5161 - Ijuí/RS

# CALENDÁRIO

## A diversificação agropecuária em debate em Ijuí

A Comissão de Agropecuária do Conselho de Ijuí e a Cotrijuí realizam o encontro final do mês de setembro e início do mês de outubro, mais dois encontros para falar de um assunto já debatido na região: a diversificação agropecuária. Na coordenação dos dois encontros, Rivaldo Dhein, engenheiro agrônomo e pesquisador do Centro de Experimentação da Cotrijuí. O primeiro encontro acontece nos dias 25 e 26 de setembro, na sede dos Funcionários da Cotrijuí, localizada na Linha 3 Oeste.

**PALESTRAS** — A primeira palestra, a cargo do engenheiro agrônomo Renato Irgang, do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, de Concórdia, Santa Catarina, vai tratar da tecnologia aplicada à produção de suínos. À tarde, o engenheiro agrônomo Hacy Barbosa, também do CNP-PA, fala sobre "A Alimentação Alternativa de Suínos". A partir das 15,00 horas o engenheiro agrônomo João Miguel de Souza, da Cotrijuí, vai falar sobre "Os Resultados obtidos em Alimentação Alternativa no Centro de

Treinamento". No dia 26 o Encontro inicia com a palestra sobre "Biotecnologia Aplicada à Produção Vegetal", a cargo do engenheiro agrônomo Luiz Pedro Bonetti, da Fundacep/Fecotriço. O engenheiro agrônomo Celso de Almeida Gaudêncio, do Centro Nacional de Pesquisa da Soja, de Londrina, Paraná, vai falar sobre "Rotação de Culturas no Verão". O encontro encerra com a participação do engenheiro agrônomo Tedeschi Yorinori, também do CNP-Soja. Ele vai abordar o assunto "Doenças de Soja e Culturas de Verão".

**O SEGUNDO ENCONTRO** — Está marcado para o dia 9 de outubro e vai tratar mais especificamente de alimentação animal. O encontro também acontece na Afucotri de Ijuí e tem como primeiro palestrante do dia o zootecnista Joseph Kramer, da Batavo, que vai falar sobre "Manejo e Alimentação da Temeira Leiteira". Clair Olívio, professor do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria, é o segundo palestrante do dia e vai abordar o assunto "Manejo e Alimentação de Bovinos de Leite".

## Em novembro, a IV Jornada Veterinária

A Associação dos Médicos Veterinários Serra Missões, sob a presidência de Gerson Madruga da Silva, promovendo, nos dias 7, 8 e 9 de novembro, em Ijuí, a IV Jornada Veterinária. A Jornada inicia no dia 7, com a participação dos médicos veterinários Luiz Henrique Schuch, vice-reitor da Universidade de Pelotas; Onix Lotens, presidente do Sindicato dos Médicos e de Carlos Estevão Quintana da Rosa, presidente da Sociedade Veterinária do Rio Grande do Sul. O assunto de abertura da Jornada: "A Atuação do Veterinário no Contexto Socio-Político da Produção".

Mas o programa técnico científico inicia mesmo na quinta-feira, dia 7, com a palestra "Recentes Avanços em Nutrição de Matrizes e Leitões", a cargo do médico veterinário Luciano de São Paulo. Deverá atuar como coordenador da palestra o médico veterinário Edemar Mafessoni, da Universidade do Rio Grande do Sul e como debatedores os engenheiros agrônomos Manoel Lima, do Centro Nacional de Pesquisa em Suínos e Aves/Embrapa, Santa Catarina e Sérgio Nicolau, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

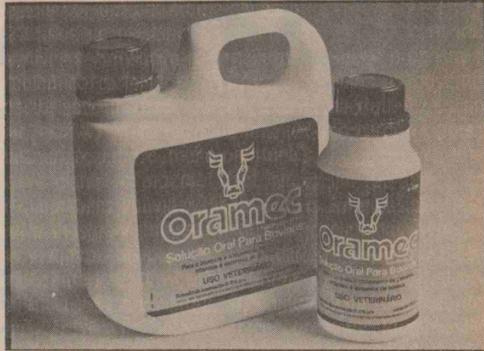
O tema "Manejo e Sanidade em Avicultura", ficará a cargo do médico veterinário Davi Barcelos, do Ijuí. João Adão Braum, presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul vai coordenar a palestra que terá como debatedores os médicos veterinários Yuri Sobestianski, da CNPSA e Rudi Weiblen, da Universidade Federal de Santa Maria. As palestras importantes na Suinocultura e o assunto a ser tratado pelo médico veterinário Antônio Rotta, da Embrapa, Merck Sharp & Dhome, que terá como coordenador o médico veterinário Gerson Madruga da Silva, presidente da Associação. Como debatedores vão atuar os médicos veterinários Nelson Mores, da CNPSA/Embrapa de Santa Catarina e Franklin Riet Correa, da Universidade Federal de Pelotas. O médico veterinário Carlos Tadeu Pippi Salle, do

IPVDF vai falar sobre "Patologias importantes na Avicultura" e terá João Carlos Schiffer, médico veterinário da Cotrijuí como coordenador. Atuarão como debatedores os médicos veterinários Ricardo Soncini, da Sadia, Concórdia, Santa Catarina e Willy Van der Laan, da Universidade Federal de Pelotas.

**O ENCERRAMENTO** — Para encerrar a IV Jornada Veterinária, Carlos Gil Turnes, médico veterinário da Universidade Federal de Pelotas vai falar sobre a "Mamite Bovina como Doença da Produção". Na coordenação, a

## NOVOS LANÇAMENTOS

### Oramec: para o controle dos parasitas



Oramec: novo produto lançado pela Merck Sharp & Dhome

A Merck Sharp & Dohme, através da sua divisão MSD AGVET, está colocando no mercado o Oramec, o primeiro produto oral para bovinos, indicado para a eliminação de parasitas internos e externos.

Líder no mercado brasileiro de antiparasitários para bovinos, onde garantiu espaços com a Ivomec, a Merck Sharp & Dohme está lançando o Oramec depois de anos de pesquisa. O Oramec vem para atender as necessidades dos pecuaristas que buscavam um produto oral com amplo espectro e que também fosse capaz de atuar contra parasitas externos como o berne, por exemplo.

A formulação do Oramec, à base de ivermectin, oferece larga margem de segurança para todos os bovinos de leite não lactentes e de corte, podendo, inclusive, ser fornecido às vacas prenhas.

A Merck Sharp & Dohme atua internacionalmente nas áreas farmacêutica, veterinária e agrícola. É uma das empresas que mais tem investido em pesquisa e desenvolvimento de produtos em todo o mundo.

O engenheiro agrônomo João Restle, da Universidade Federal de Santa Maria vai abrir o Encontro pela parte da tarde falando sobre "Manejo e Alimentação de Bovinos de Corte". O

evento encerra com a palestra "Manejo e Alimentação de Ovinos para Carne e Lã", proferida pelo médico veterinário Paulo Figueiró, também da Universidade Federal de Santa Maria.

participação do médico veterinário José Ferreira, vice-presidente da Avesemi, e como debatedores Agueda P. Vargas, da UFSM e Joaquim Fernandes, da Universidade do Rio Grande do Sul, ambos médicos veterinários. "A Reprodução em Bovinos" é a palestra a ser proferida pelo médico veterinário Jorge Bangel Jr., da UFSM. Paulo Garcez, da Cotrijuí vai atuar na coordenação e Walter Hoffmann, da UFSM e Eduardo Kroeff, de Lagoa da Serra, os três médicos veterinários, serão os debatedores.

A programação da tarde inicia

com a palestra "Plantas Tóxicas no Sul do Brasil", sob a responsabilidade de Franklin Riet Correa, da UFPEL. Carlos Quintana da Rosa vai coordenar os debates entre o palestrante e os médicos veterinários Cláudio S. L. de Barros, da UFSM e Aldo Gava, de Lages. "Sanidade Ovina", é a última palestra da Jornada e será de responsabilidade do médico veterinário Luiz R. Ribeiro, do IPVDF. Vão atuar como coordenador e debatedores os médicos veterinários Antônio Goya, da Cotrijuí e Elvio T. dos Santos, de Uruguaiana e Alfredo Pinheiro, da Embrapa de Bagé.

## CUSTOS O uso do maquinário

Usar as máquinas para fazer a lavoura de verão está um pouco mais caro em relação ao mês de agosto. Não foram só as máquinas que sofreram reajuste em seus preços neste meio tempo. O óleo diesel também teve o seu preço alterado

CUSTO DAS OPERAÇÕES DE MÁQUINAS EMITIDO EM 15.09.90 — DIRETORIA AGROTÉCNICA

Num	Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
001	Trator 62 CV	229,74	2,03	162,17	129,00	522,93	0,00	0,00	522,93	0,00	0,00
002	Trator 95 CV	332,38	2,93	234,62	193,50	763,43	0,00	0,00	763,43	0,00	0,00
003	Trator 82 CV	297,18	2,62	209,77	172,00	681,58	0,00	0,00	681,58	0,00	0,00
004	Trator 77 CV	267,90	2,36	189,10	150,50	609,86	0,00	0,00	609,86	0,00	0,00
005	Trator 110 CV	385,03	3,40	271,79	258,00	918,22	0,00	0,00	918,22	0,00	0,00
006	Trator 118 CV	431,08	3,80	304,29	279,50	1.018,67	0,00	0,00	1.018,67	0,00	0,00
020	Automotriz 110 CV	1.119,17	10,49	839,38	301,00	0,00	2.270,04	0,00	2.270,04	0,70	2.522,27
021	Automotriz 123 CV	1.176,70	11,03	882,53	322,50	0,00	2.392,76	0,00	2.392,76	0,90	2.658,62
027	Arado 3 discos	71,13	0,28	31,61	0,00	0,00	0,00	103,02	784,60	0,48	1.634,58
028	Arado 4 discos	89,77	0,35	39,90	0,00	0,00	0,00	130,02	811,60	0,48	1.690,83
030	Grade aradora 18 discos	169,13	0,66	75,17	0,00	0,00	0,00	244,95	926,53	1,06	874,08
031	Grade aradora 22 discos	192,58	0,75	85,59	0,00	0,00	0,00	278,92	960,50	1,06	906,13
032	Grade niveladora 32 discos	119,85	0,47	53,27	0,00	0,00	0,00	173,59	855,16	1,59	537,84
033	Grade niveladora 36 discos	142,37	0,55	63,27	0,00	0,00	0,00	206,20	887,77	1,59	558,35
034	Subsolador P 5 pés	40,23	0,16	17,88	0,00	0,00	0,00	58,27	739,85	0,76	973,49
035	Subsolador — T 5 braços	62,14	0,24	27,62	0,00	0,00	0,00	89,99	771,57	0,32	2.411,16
036	Semeadeira adubadeira 13L	208,63	0,81	115,91	0,00	0,00	0,00	325,35	1.006,92	1,77	568,88
037	Semeadeira adubadeira 15L	227,65	0,89	126,47	0,00	0,00	0,00	355,00	1.036,58	1,77	585,64
038	Plantadeira — D 5 sulcos	255,33	0,99	141,85	0,00	0,00	0,00	398,17	1.079,75	0,93	1.161,02
039	Plantadeira — D 6 sulcos	280,53	1,09	155,85	0,00	0,00	0,00	437,47	1.119,05	0,93	1.203,28
040	Distribuidor calcário 1 T	99,30	0,39	55,17	0,00	0,00	0,00	154,85	836,43	0,93	899,39
041	Distribuidor calcário 5 T	123,53	0,48	68,63	0,00	0,00	0,00	192,64	874,22	1,55	564,01
042	Terraceador B estricta 2D	70,07	0,27	31,14	0,00	0,00	0,00	101,48	783,05	0,37	2.116,35
043	Terraceador Base Larga	98,78	0,38	43,90	0,00	0,00	0,00	143,06	824,64	0,22	3.748,36
044	Capinadeira mecânica 6 pés	40,02	0,16	17,79	0,00	0,00	0,00	57,96	739,53	1,24	596,40
045	Pulverizador Jacto 600 L	161,43	0,63	71,75	0,00	0,00	0,00	233,80	915,38	1,64	558,16
046	Pulverizador Jacto 2.000 L	254,32	0,99	113,03	0,00	0,00	0,00	368,34	1.049,92	1,64	640,20
047	Atomizador Jacto 400 L	115,07	0,45	51,14	0,00	0,00	0,00	166,66	848,24	1,64	517,22
048	Carreta agrícola 6 T	67,48	0,28	23,82	0,00	0,00	0,00	91,58	773,15	1,33	581,32
049	Ensiladeira	270,00	1,05	120,00	0,00	0,00	0,00	391,05	1.072,63	0,15	7.150,87



## SUINOCULTURA

# O desafio de crescer

"Precisamos passar de simples criadores de porcos a produtores de suínos". Esta frase vem sendo dita e repetida já algum tempo pelo associado Jaime Wender, um dos produtores de suínos mais tradicionais da região. Longe de qualquer birra com a palavra "porcos", o seu Jaime prega, na verdade, a necessidade do produtor se especializar na atividade e, através de uma maior produtividade, tirar melhores resultados, mesmo durante as épocas de crise, em que o preço do suíno desce até o último degrau.

Justamente procurando dar mais um passo rumo a organização da suinocultura na região que a direção da Cotrijuí, departamento técnico e Comissão Regional dos Suinocultores se reuniram no início do mês de setembro, para conversar sobre o assunto e traçar linhas de estratégia. "A suinocultura vai ter que tomar um novo rumo", desafia o João Klohn, engenheiro agrônomo e supervisor da Área de Produção de Suínos na Cotrijuí, Regional Pioneira. A próxima atuação da Cotrijuí no frigorífico de São Luiz Gonzaga, está a exigir esse avanço na atividade, tão falado pelo seu Jaime Wender. "A participação da direção da Cotrijuí na reunião está representando essa necessidade. Mas esse avanço precisa acontecer de forma organizada e efetiva", destacou João Klohn, ao avaliar os resultados da reunião.

**LANÇAMENTO** — Esse novo rumo, que tanto a direção da Cotrijuí como os próprios suinocultores da região estão querendo dar a atividade e que, na verdade teve início já algum tempo atrás com o lançamento dos programas cooperados, vai se complementar com um novo programa: o de distribuição de matrizes. "O que queremos com esse novo programa, explicou João Klohn aos produtores presentes à reunião, é melhorar a qualidade dos suínos abatidos em nosso frigorífico de São Luiz Gonzaga e também permitir o crescimento do produtor dentro da atividade".

A Cotrijuí está se propondo a financiar aos produtores as matrizes com pagamento à vista ou a prazo em até quatro meses. O produtor interessado receberá uma leitoa de 100 quilos de peso, ficando no compromisso de devolver à cooperativa, dentro do prazo estabelecido, 160 quilos de porco terminado. "Entendemos que esta é uma forma, não só de ampliar os rebanhos existentes na região, como também de substituir matrizes menos produtivas por animais de melhor qualidade genética", explicou o agrônomo.

Cada produtor deverá receber, no mínimo, três matrizes. Mas só deverão ser atingidos pelo programa aqueles produtores que já possuem em sua propriedade toda a infra-estrutura necessária para a suinocultura. "A cooperativa entende que de nada adianta entregar um material genético de qualidade para produtores que não possuem as mínimas condições de transformar a



Produtores e direção da Cotrijuí discutiram os rumos da suinocultura na região. Especialização na atividade, uma questão que ficou clara entre todos e que vai exigir, inclusive, uma melhor organização dos próprios produtores

suinocultura numa atividade capaz de gerar rendimentos para a propriedade", avisou João Klohn.

**AS APSATs** — Para aqueles produtores que estão interessados em participar do programa, mas até agora não tiveram condições de investir na atividade de forma mais efetiva, não possuindo, portanto, a infra-estrutura exigida, a própria Cotrijuí está apontando uma

Cotrijuí lança programa de distribuição de matrizes na região. A meta é organizar melhor a produção para chegar aos níveis de abates exigidos pelo frigorífico em São Luiz Gonzaga. A meta da cooperativa para a região é o de montar um plantel de 6,5 mil matrizes

saída: a organização pode vir através das Associações de Prestação de Serviços e Assistência Técnica, mais conhecidas por APSATs.

Através das APSATs os pequenos produtores poderão formar novas unidades de produção de leitões, "reduzindo seus custos com as matrizes que ficarão concentradas em apenas um

local". A produção obtida por APSAT é distribuída para os agricultores integrantes da associação. Os melhores exemplos são as APSATs, com excelentes resultados do município de Santo Cristo. Jaime Pestana, alguns produtores começaram a se organizar no município para formar Associações na região.

"Este é um assunto que está sendo discutido amplamente entre os produtores de todas as unidades da região", observou o agrônomo, que se ao apoio de cooperativa para a formação de APSATs na região. Para o João Klohn, o desafio na suinocultura até como superar eventuais crises, está no aumento da produtividade. "O aumento de produtividade passa por melhor material genético, nutrição, instalações e administração. "O produtor não pode querer resolver seus problemas apenas com a aquisição de matrizes", assinala. A formação de APSATs viria complementar esse esforço e ajudar a organizar melhor a atividade, tornando-a suficiente para a capacidade de abate do frigorífico para cobrir essa capacidade de abate de oito a 10 mil animais por ano. A região precisa de um plantel de 6,5 mil matrizes", desafia João Klohn.

## PRODUTOS TCHÊ, QUALIDADE COTRIJUI



Fones: 352-1222, Indústria - São Luiz Gonzaga  
332-2400 e 332-1100, depósito, em Ijuí

# Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluz da Silva Lucchese

## Passatempo

### CAÇA-PALAVRAS

Encontre no caça-palavras os seguintes alimentos:  
Alimentos Energéticos: leite, cana, batata, mel, arroz e farinha.  
Alimentos Regulares: leite, ovos, frutas, verduras, melão, melancia.  
Alimentos Construtores: carne, ovos, leite soja.

Escola Municipal de 1º Grau Inc. Reinoldo Wecker  
Rincão dos Pampas - Augusto Pestana

B A T A T A M A H N I R A F T A B O V O S  
L U Q V U L J I B U L I M A U B A Q P X Z  
E T S R S A T U R F U T Q D V T O N O I R  
A R R O Z C U B A T S U D M M E L Ã O M L  
U S N P Q L C R U L E M T E X C X Z H I J  
C L U S O J A C L B T Q L B Z D T A U J O  
T O L C A R N E P L U M E L A N C I A L B  
V E R D U R A S N A Q T A C D E H X Z V U  
C Z X S L M N O I X R L V U N F I Q R S T  
M L T P U T H Q R H A O D I H J E T I E L

### Trava-língua

UM PRATO DE TRIGO  
PRA TRÊS TIGRES  
FAMINTOS.

O RATO ROEU A ROUPA  
DO REI DE ROMA.

QUEM COM FERRO  
FERE,  
COM FERRO SERÁ  
FERIDO.

### CHARADINHAS

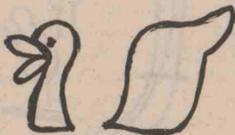
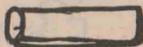
que caminha e deixa as  
para trás?  
que atiramos para cima  
e o meio, cai na água fica  
que nasce na água, se  
na água morre?  
que está no meio da rua  
e as pernas pro ar?  
qual o animal que anda com  
na cabeça?  
que está no meio da terra  
e do mar?  
que, quanto mais se  
e mais se molha?  
que cruza dentro da água  
e se molha?  
que tem oito letras,  
e quatro ficam oito?  
qual o lugar que todos  
sentar, menos você?

da Escola M. de 1º Grau  
Reinoldo Wecker - Rincão  
Pampas  
Roberson, Emerson,  
Cristiano, Cláudia, Marcos,  
Luis e André.

### FAÇA UM PATO PARA GUARDAR FOLHAS DE PAPEL

Corpo: rolinho de papel higiênico.  
Asas: corte duas asas de papel e cole no rolinho.  
Cabeça e pescoço: corte, como no modelo, e enfie a  
parte de baixo num corte feito no rolinho.

Rolo de papel  
higiênico



Moldes de papel



Porta-papéis

### VALOR NUTRITIVO DO LEITE

O leite é a maior fonte de proteínas e as mesmas digerem-se facilmente em sua totalidade, podendo assim ser empregado na alimentação de pessoas cujo aparelho digestivo seja fraco ou esteja doente, sendo alimento ideal para os enfermos, crianças e pessoas idosas.

O leite é uma fonte de minerais (cálcio e fósforo) que estão intimamente relacionados na formação dos ossos e, por consequente, com crescimento do organismo.

O fósforo tem sido função importante por ser alimento que toma parte essencial na constituição dos nervos. O leite contém ainda um valor especial como fonte de vitamina A, que é essencial à visão, manutenção das membranas, garganta e aparelho nervoso.

O leite contém também outras vitaminas em menor proporção.

Escola Municipal de 2º Grau Inc.  
Reinoldo Uecker  
Rincão dos Pampas  
Marcia Tonn

### O PASSEIO AO BOSQUE

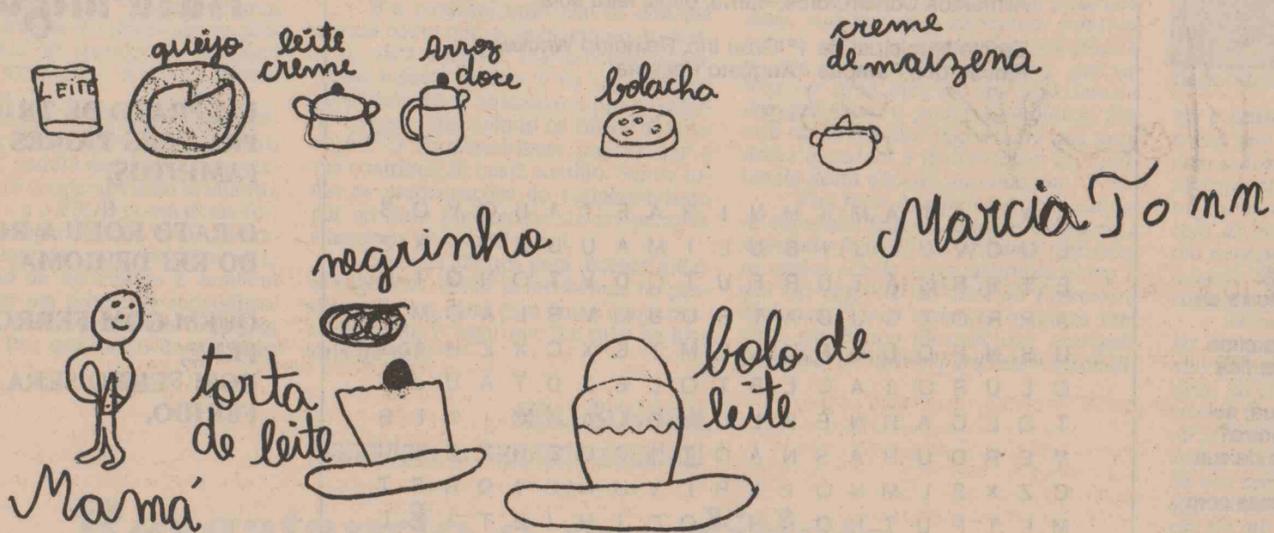
Mamãe patinha e Mimi, a gatinha, foram passear no bosque. O dia estava lindo e o caminho estava cheio de flores e lindas borboletas. Quando voltaram do passeio, suas cestinhas estavam cheias de flores e frutos saborosos. Quando chegaram em casa, mãe patinha notou a falta de branquinha, a sua filhinha, que ficou em casa dormindo. Então chamou sua empregada que era Mimi, a gatinha, e foram procurar Branquinha. Procuraram por muitas horas, mas só viam penas no chão. Então pararam, viram passos e barulhos, olharam para trás e viram o lobo mau que só tinha na sua boca uma pena da Branquinha. Então a patinha voou e falou com uma andorinha

e ele viu uma patinha, e ela respondeu:

- Vi sim, ela foi pega pelo lobo mau, mas se pegou nas penas e a patinha conseguiu se soltar. Então a patinha perguntou:  
- E pra onde ela foi?  
- Ela voou a um lago mais adiante.

Então a patinha foi voando em direção do lago e Mimi foi correndo. Chegando lá viram a patinha sem pena no rabo; foi onde o lobo mau pegou ela. Então a mãe patinha pegou Branquinha nos braços e voou para casa e nunca mais saiu sem levar branquinha.

Nome: Miréia de Brito da Silva  
Professora: Rosangela Wildner  
Série: 4ª



### O MEU BRINQUEDO

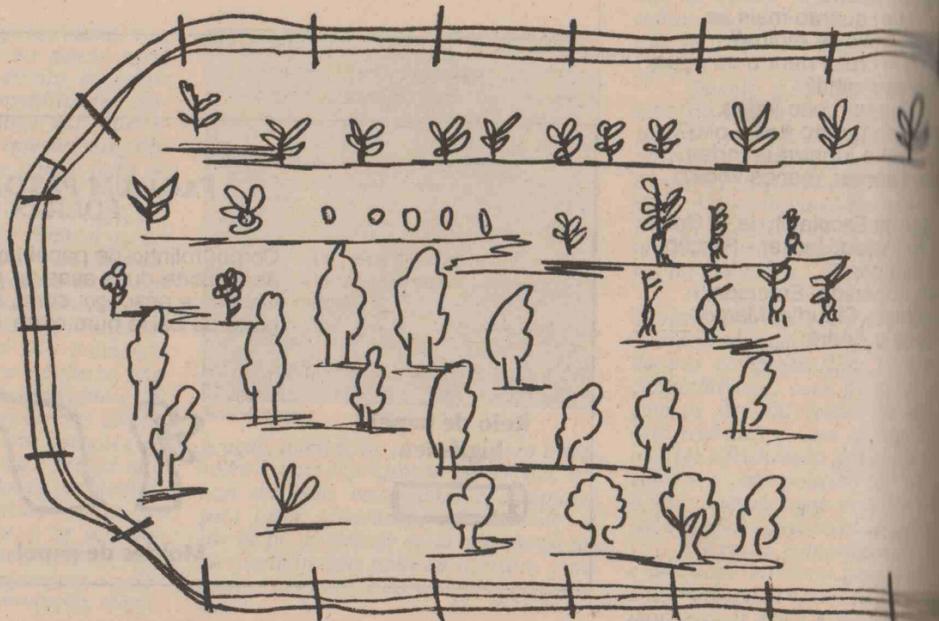
Um dia eu ganhei um brinquedo que era um ratinho de corda do meu irmão. Eu gostei e dei um beijo no mano, com carinho e meu irmão disse:

- Mano, eu quero que você seja muito feliz com o brinquedo que eu dei.

- Sim, Mano eu gostei do brinquedo que você me deu.

Eu e meus amigos brincamos muito domingo lá em casa.

Escola Municipal de 1º Grau Inc.  
Men de Sá  
2ª série  
Hüller  
Professora Rosangela Wildner



# Página do Leitor



## O MACACO

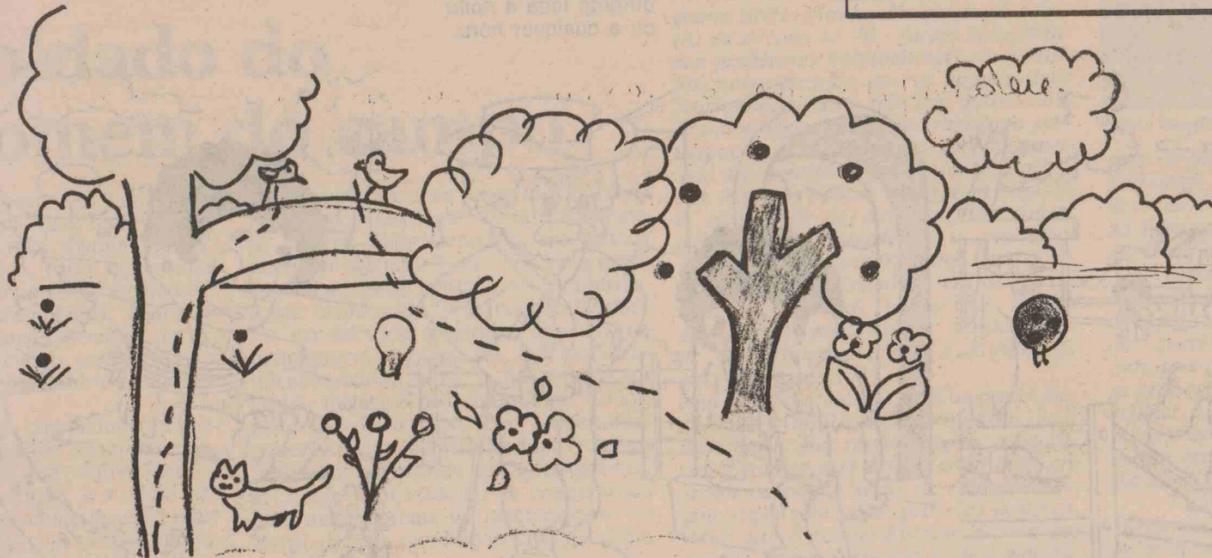
O macaco e o coelho fizeram uma combinação. O macaco matava borboleta e o coelho matava cobra. Eles foram matar cobra e borboleta no mato. Eles iam andando no mato, o macaco sentou numa pedra e o coelho deu uma paulada e o macaco saiu gritando.

- Ai, ai, ai, ai!  
- Eu nunca mais vou caçar com você.

Nome: Ezequiel de Brito da Silva  
Série: 1ª  
Professora: Rosângela Wildner  
Idade: 7 anos  
Escola: Mem de Sá  
Localidade: Boca da Picada.

## PROVÉRBIOS POPULARES

Deus ajude quem cedo madruga;  
Quem dá aos pobres empresta a Deus;  
Quem canta, os males espanta.  
Em casa de ferreiro o espeto é de pau;  
Quem nunca comeu melado quando come se lambuza.



## MARIO E MARTA E SEUS FILHOS

Marta e Mario têm dois filhos, uma menina que se chama Maria e um menino que se chama Marcos.

Aquela família mora numa granja. Eles têm de todas as origens: animal, vegetal e mineral.

Mas naquela família tinha Maria que vivia fazendo pergunta. Certo dia papai estava tratando os animais e Maria olhando. De repente a menina fez uma pergunta:

- Pai, por que é que a vaca dá leite e a galinha dá ovos?  
- Porque Deus fez assim.

Mas por que a vaca não dá ovos e a galinha não dá leite?  
- Porque Deus quis assim.

Mas papai nem estava ligando as conversas de Maria e continuava a fazer seus serviços. Papai terminou a tratar os animais e continuava a fazer seus serviços. Papai terminou a tratar os animais e disse:

- Minha filha, vamos para casa porque a mamãe já terminou de arrumar o café. Eles chegaram e o papai foi lavar as mãos, e Maria já ia sentar na mesa para tomar o café e o papai viu e disse:

- Maria, vêm lavar as mãos!  
- Por que lavar as mãos?

- Para tirar a sujeira e os micróbios.

- Mas papai, eu não estou vendo micróbio nenhum.

- Mas minha filha, os micróbios estão entrando na tua pele. Mas quando o pai falou que os micróbios estavam entrando na pele dela e daí ela foi lavar.

Eles sentaram na mesa e começaram a comer.

A menina começou a pensar e logo disse:

- Papai, por que a vaca tem quatro patas e a galinha tem só dois pés?

- Ah! Minha filha, eu não sei, eu estou burro.

- Papai, se você estava burro, deveria estar lá no campo pastando, não na mesa tomando café.

Mas o pai não sabia o que fazer e todos eles deram risada e até o papai.

Nome: Maria Madalena de Brito da Silva

Idade: 13 anos

Professora: Rosângela Wildner

Série: 4ª

Escola Municipal de 1º Grau Inc. Mem de Sá

Localidade: Boca da Picada

## UMA ÁRVORE

Era uma árvore, ela não dava nada e o menino adubava bem e não dava nada e um certo dia o menino ficou a olhar a árvore. Tinha frutos e o menino ficou feliz e foi logo dizer para a sua mãe. Quando o seu pai chegou em casa, ele disse:  
- Pai, a árvore tem frutas. Eles foram lá e comeram uma fruta.

Nome: João Batista Ferreira

Série: 2ª

Idade: 10 anos

Professora: Rosângela Wildner

## EDITORIAL

### PESSOAL!

Neste mês gostaria de ter feito uma página especial do passatempo, enfocando o tema folclore, e vocês foram convidados a contribuir. Mas as cartas não chegaram, porquê?  
Coloquei trava-linguagem que vocês podem usar como brincadeiras e numa pequena lista de provérbios populares. Pesquisem outros!  
Ainda no passatempo contei com contribuição de crianças de Augusto Pestana.  
Um abraço, até o próximo.  
Mariluz

# O Negrinho do Pastoreio



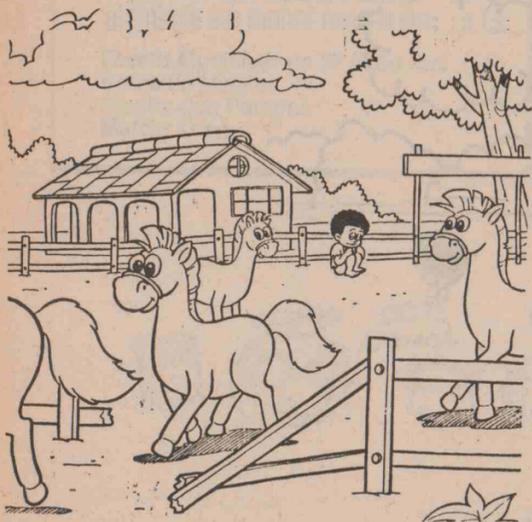
O Negrinho trabalhava, cuidando dos animais, dia e noite, noite e dia. E até o chimarrão para o patrão preparava se a madrugada fosse fria.



A tropilha vigiava durante toda a noite ou a qualquer hora.



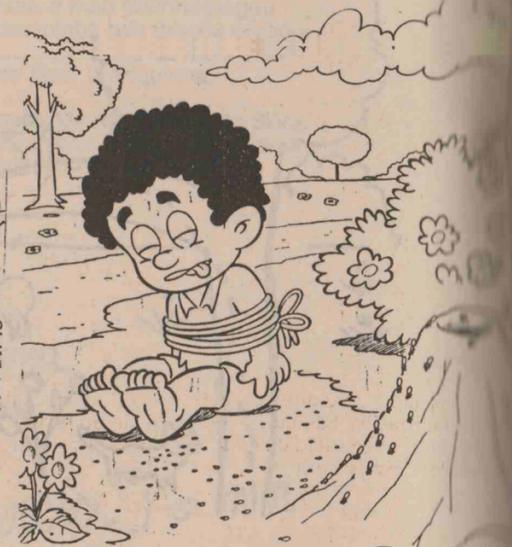
Mas desamparado estava e só tinha por proteção as bênçãos de Nossa Senhora.



Certa vez, um fato triste aconteceu: Cansado de tanto trabalho, o Negrinho adormeceu e a fuga dos animais ele nem percebeu.



Imagine o que fez o patrão diante daquela situação! O moleque foi surrado, com relhadas maltratado.



Depois, num formigueiro foi amarrado para ser, vagorosamente, pelas formigas devorado. Coitado! Desfaleceu, ali ao relento, vencido pelo sofrimento.



Ao local só após três dias o patrão voltou para ver. E qual não foi sua surpresa! O negrinho estava vivo e tinha ao seu lado a tropilha. Até nem dava para crer.



Dizem que foi tão forte a cena que o patrão não resistiu.

Endoideceu pouco a pouco e, como um louco, pela estrada desapareceu, sumiu.



Desde esse acontecimento, muito tempo já passou. E, após tanto sofrimento, o Negrinho num mito virou.

O povo acredita também que lá nos pampas do além há uma aparição:

os céus o Negrinho passa cruzando com a tropilha galopando como um negro anjo voando.